

LUCIANA LUCINI

**HIPOCORIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA VARIACIONISTA**

PORTO ALEGRE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

## **HIPOCORIZAÇÃO SOB A PERSPECTIVA VARIACIONISTA**

LUCIANA LUCINI

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> VALÉRIA NETO DE OLIVEIRA MONARETTO

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2010

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, de forma direta ou indireta, especialmente à minha família, meu namorado, meus amigos e à professora Valéria Neto de Oliveira Monaretto, minha orientadora.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus pelo dom da vida;

Aos meus pais, pelo incentivo constante e pela confiança que me transmitiram nos momentos difíceis;

Ao Luis, pelo seu amor, companheirismo, carinho, paciência, atenção e ajuda;

Aos meus irmãos Lairton e Leila, minha cunhada Karine, pelo apoio;

Às minhas sobrinhas Kamila e Cássia, pela alegria que trazem a minha vida;

A todos meus familiares, pelo amor, dedicação e confiança depositada em mim e que sempre me apoiaram em tudo, em especial aos meus tios Darci e Irdes, pela carinhosa acolhida em Porto Alegre nos primeiros meses do mestrado;

À família Kostascki e à Congregação das Irmãs de Nossa Senhora Aparecida, em especial à Ir. Lourdes, pelo apoio espiritual;

À minha orientadora, Professora Dra. Valéria Neto de Oliveira Monaretto por todo apoio, confiança, atenção e dedicação no desenvolvimento deste trabalho;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da UFRGS, Gisela Collischonn, Luiz Carlos Schwindt, Laura Quednau, Marcos Goldnadel e Mathias Schaf Filho, pelos ensinamentos transmitidos e discussões realizadas em sala de aula, fator importante na construção do conhecimento;

Aos colegas Helton, Gisele, Gabriel e Luciana, pelo auxílio nas tarefas desenvolvidas durante o curso, e em especial à Milena, pelo companheirismo e bom humor, e ao Eduardo, pelas pertinentes correções;

Ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela provisão da bolsa de mestrado;

A todos os amigos que me deram apoio nessa fase de minha vida, em especial à Camila, Francesca, Raquel, Lindi, Melissa, Fernanda, Vivian, Roberta, Suelen, Tainara, Etienne, Érica, Glauciane, Luciana, Sara, Priscila, Ludmila, Fernanda P., Carolina S., Bruna, Mônica U., Natália, Martín, Franklin, Robert e Renato.

A todos aqueles que, de uma ou outra forma, contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa tratará de examinar o fenômeno de Hipocorização, processo de formação de hipocorísticos, em dados coletados sob perspectiva da Teoria da Variação Linguística, modelo sociolinguístico Laboviana. Hipocorístico, neste trabalho, será entendido como um nome próprio de pessoa que é utilizado de forma reduzida em termos de sílabas e/ou sons. Por exemplo, o nome ‘Isabel’, que pode ser dito como ‘Isa’ ou ‘Bel’, permite dois hipocorísticos. O objetivo primordial desta dissertação é realizar um estudo sobre a Hipocorização de nomes próprios de pessoas sob a perspectiva variacionista e examinar se o fenômeno consiste em uma regra variável. Temos as seguintes hipóteses: o processo de Hipocorização mais utilizado é o padrão que realiza a permanência do início da palavra; a sílaba tônica da palavra permanece no hipocorístico; falantes do sexo feminino utilizam mais a forma reduzida dos nomes próprios; a idade dos falantes não é um fator relevante para a aplicação dos hipocorísticos. Para alcançarmos nosso objetivo principal e para confirmarmos, ou não, nossas hipóteses, utilizaremos o pacote computacional Varbrul – versão Goldvarb e um *corpus* formado a partir de material coletado com 160 estudantes, de idades entre dez (10) a dezessete (17) anos, de uma escola privada confessional de classe média, na cidade de Porto Alegre. Nossa variável dependente é a aplicação ou não de formas reduzidas de nomes próprios de pessoas, denominadas como Hipocorístico.

Palavras-chave: Teoria da Variação Linguística; Hipocorização; Hipocorísticos.

## ABSTRACT

This research will try to examine the Hypocorization phenomenon, a process of formation of hypocoristics, with data collected under the Linguistic Variation Theory perspective, from a Laboviana sociolinguistic model. Hypocoristic, in this work, is understood as a person's proper name which is used in a reduced form both syllables and/or sounds. For example, the name "Isabel", allows two hypocoristics, it can be said either "Isa" or "Bel". The primordial objective of this master thesis is to carry through a study on the Hypocorization of people's proper names under the variationist perspective and to examine if the phenomenon consists of a changeable rule. We have the following hypotheses: the most used Hypocorization process is the type that chooses the beginning of the word; the tonic syllable of the word remains in the hypocoristic. Reduced forms of proper names are more used by female speakers. The age of the speakers is not a relevant factor for the application of the hypocoristic. To reach our principal objective and to confirm, or not, our hypotheses, will be used the Varbrul software – GoldVarb version and a corpus formed with the material collected from 160 students, aged from ten (10) to seventeen (17) years, coming from a middle class confessional private school of the city of Porto Alegre. Our dependent variable is the application or not of the reduced forms of people's proper names, denominate as Hypocoristic.

Keywords: Linguistic Variation Theory; Hypocorization; Hypocoristics.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1 O FENÔMENO DA HIPOCORIZAÇÃO.....</b>	<b>3</b>
1.1 Esta Pesquisa.....	3
1.1.1 Objetivos .....	4
1.1.2 Hipóteses.....	4
1.2 O Conceito de Hipocorísticos na Literatura e Diferentes Terminologias....	5
1.3 Fonologia Prosódica e Teoria da Otimalidade.....	10
1.4 Investigações Sobre Hipocorização.....	14
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
2.1 Teoria da Variação Linguística .....	26
2.2 Constituição da Amostra.....	29
2.2.1 Instrumentos e Procedimentos.....	30
2.3 Definição das Variáveis.....	32
2.3.1 Variável Dependente.....	32
2.3.2 Variáveis Independentes.....	32
2.3.2.1 Variáveis Linguísticas.....	33
2.3.2.2 Variáveis Extralinguísticas.....	40
2.4 Pacote Computacional Varbrul - versão Goldvarb 2005.....	41
2.4.1 A Codificação.....	42
<b>3 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>45</b>
3.1 Distribuição da Variável Dependente pelas Variáveis Independentes.....	45
3.1.1 Gênero da Palavra.....	46
3.1.2 Segmento Inicial da Palavra.....	46
3.1.3 Número de Sílabas da Palavra.....	47
3.1.4 Número de Sílabas do Hipocorístico.....	47
3.1.5 Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico.....	48
3.1.6 Segmento Inicial do Hipocorístico.....	49
3.1.7 Alteração Fonética e Fonológica da Palavra.....	49
3.1.8 Constituição Mórfica do Hipocorístico.....	50
3.1.9 Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico.....	50
3.1.10 Sexo dos Informantes.....	51
3.1.10 Idade.....	52
3.1.11 Situação Projetada para Uso da Palavra.....	53
3.2 Cruzamento de Dados .....	53
3.3 Análise da Regra Variável.....	57

3.3.1	Procedimentos Analíticos Preliminares (amalgamações).....	57
3.3.2	Resultados da Análise da Regra Variável da Hipocorização.....	59
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>65</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>67</b>
	<b>ANEXO A</b> – Instrumento de pesquisa.....	<b>71</b>
	<b>ANEXO B</b> – Constituição mórfica dos antropônimos utilizados no instrumento de pesquisa.....	<b>73</b>
	<b>ANEXO C</b> – Rodada Inicial com a Distribuição da Variável Dependente pelas Variáveis Independentes.....	<b>75</b>
	<b>ANEXO D</b> – Cruzamentos da Rodada Inicial com a Distribuição da Variável Dependente pelas Variáveis Independentes.....	<b>79</b>
	<b>ANEXO E</b> – Quinta Rodada Refinada Load Cells to Memory e Binomial, Up and Down.....	<b>113</b>
	<b>ANEXO F</b> – Quadro Expositivo das Opções dos Informantes no Instrumento de Coleta.....	<b>120</b>



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	<i>Input e Output</i> .....	<b>8</b>
Figura 2	Segundo Nespov e Vogel (1986).....	<b>10</b>

## **LISTA DE GRÁFICO**

Gráfico 1	Percentual de Redução (aplicação) e de Não Redução de Nomes Próprios	<b>45</b>
-----------	--	-----------

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Gênero da Palavra.....	46
Tabela 2	Segmento Inicial da Palavra.....	47
Tabela 3	Número de Sílabas da Palavra.....	47
Tabela 4	Número de Sílabas do Hipocorístico.....	48
Tabela 5	Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico .....	48
Tabela 6	Segmento Inicial do Hipocorístico.....	48
Tabela 7	Alteração da Estrutura Silábica da Palavra.....	50
Tabela 8	Constituição Mórfica do Hipocorístico.....	50
Tabela 9	Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico .....	51
Tabela 10	Sexo dos Informantes.....	52
Tabela 11	Idade .....	52
Tabela 12	Situação Projetada para Uso da Palavra.....	53
Tabela 13	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Número de Sílabas da Palavra e Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico.....	54
Tabela 14	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Número de Sílabas do Hipocorístico e Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico .....	55
Tabela 15	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Número de Sílabas do Hipocorístico e Número de Sílabas da Palavra.....	55
Tabela 16	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Número de Sílabas do Hipocorístico e Alteração da Estrutura Silábica na Palavra .....	56
Tabela 17	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico e Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico .....	56
Tabela 18	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Segmento Inicial do Hipocorístico e Segmento Inicial da Palavra.....	57
Tabela 19	Segmento Inicial do Hipocorístico.....	60
Tabela 20	Idade .....	60
Tabela 21	Situação Projetada para Uso da Palavra.....	61
Tabela 22	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Idade e Sexo dos Informantes.....	61
Tabela 23	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Situação Projetada para Uso da Palavra e Sexo dos Informantes.....	62
Tabela 24	Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Situação Projetada para Uso da Palavra e Idade.....	62
Tabela 25	Constituição Mórfica do Hipocorístico.....	63

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Processos de Formação de Palavras.....	<b>10</b>
Quadro 1	Distribuição dos Informantes .....	<b>35</b>
Quadro 2	Distribuição dos Nomes .....	<b>36</b>
Quadro 2	Conjunto de Variáveis e seus Símbolos .....	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, propomo-nos a realizar um estudo sobre a Hipocorização de nomes próprios sob a perspectiva variacionista e a examinar se este fenômeno consiste em uma regra variável com condicionamento para sua aplicação.

O interesse específico pelo fenômeno da Hipocorização surgiu durante o curso do mestrado em Teoria e Análise Linguística, mais especificamente ao cursar a disciplina de Teoria da Variação, quando me deparei com uma escassez de estudos sobre hipocorísticos, principalmente sob a ótica variacionista.

Temos como objetivos específicos descrever, através do exame da Regra Variável, qual forma de hipocorístico é mais utilizada em dada amostra, bem como verificar que estrutura ou parte da palavra permanece com maior frequência nos nomes, e também analisar o possível papel dos fatores linguísticos e extralinguísticos sobre a utilização da forma de hipocorístico escolhida pelo falante.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos: *O Fenômeno da Hipocorização*; *Metodologia*; *Análise de Dados*; e *Conclusão*.

No capítulo 1, *O Fenômeno da Hipocorização*, será exposto o que nossa pesquisa irá realizar, bem como os objetivos e as hipóteses deste trabalho. Apresentaremos também os diferentes conceitos para a noção de hipocorístico, encontrados em gramáticas tradicionais, dicionários e em alguns textos que tratam especificamente deste assunto, e como o hipocorístico é enquadrado nos processos de formação de palavra. Exporemos os estudos linguísticos sobre a Hipocorização, com intuito de subsidiar e conduzir o desenvolvimento deste trabalho. Por último, abordaremos noções básicas das Teorias Linguísticas utilizadas no exame de hipocorísticos pelos estudiosos.

No capítulo 2, intitulado *Metodologia*, apresentaremos o modelo teórico que será utilizado para a análise dos dados, inicialmente discutindo os pressupostos teóricos da Sociolinguística e, em seguida, analisando o modelo da Teoria da Variação. Dando continuidade à descrição dos procedimentos metodológicos envolvidos em nosso trabalho, explicaremos como foi constituída nossa amostra e quais foram os instrumentos analíticos

utilizados. Então exporemos nossa variável dependente, bem como as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. Por último abordaremos sobre o Pacote Computacional Varbrul – versão Goldvarb e exemplificaremos nossa codificação.

No capítulo 3, *Análise e Discussão de Resultados*, exporemos os resultados obtidos sobre a aplicação do fenômeno de Hipocorização na amostra de dados a partir da análise estatística do programa computacional Varbrul - versão Goldvarb. Inicialmente, mostraremos a distribuição da variável dependente por todas as variáveis independentes e, posteriormente, a análise da regra variável da Hipocorização. Em seguida, refinaremos nossa análise com algumas observações sobre os dados coletados.

Por fim, exporemos a Conclusão do trabalho no capítulo 4.

# 1 O FENÔMENO DA HIPOCORIZAÇÃO

Hipocorístico, neste trabalho, será entendido como um nome próprio de pessoa que é utilizado de forma reduzida em termos de sílabas e/ou sons. Por exemplo, o nome Isabel, que pode ser dito como ‘Isa’ ou ‘Bel’, permite dois hipocorísticos. Alguns estudiosos, dentre eles Rocha Lima (2003) e Gonçalves (2004A e B), chamam de Hipocorização o processo que dá origem a essa forma, alternativa de designar uma pessoa.

Diferentes terminologias são empregadas para esses casos, como *derivação truncada*, *apelido*, entre outras. Há também tratamentos diferentes para o hipocorístico na literatura, caracterizando-o como um processo de formação de palavra (derivação ou abreviação) ou como uma unidade prosódica, como veremos no decorrer desta dissertação.

Neste capítulo, exporemos o que será realizado nessa pesquisa, os objetivos e as hipóteses de nosso trabalho. Em seguida, apresentaremos os diferentes conceitos para a noção de hipocorístico, encontrados em gramáticas tradicionais, dicionários e em alguns textos que tratam especificamente deste assunto, como o hipocorístico é enquadrado nos processos de formação de palavra, e os estudos linguísticos sobre a Hipocorização, com intuito de subsidiar e conduzir o desenvolvimento deste trabalho. Por último, abordaremos noções básicas das Teorias Linguísticas utilizadas no exame de hipocorísticos pelos estudiosos.

## 1.1 Esta Pesquisa

Esta pesquisa tratará de examinar o uso variável de formas variantes reduzidas de nomes próprios, utilizadas por alunos de idade entre 10 (dez) e 17 (dezesete) anos que frequentam uma escola privada confessional de classe média na cidade de Porto Alegre escolhidos de modo aleatório estratificado, sob a perspectiva do modelo sociolinguístico Laboviana.

A escolha deste tema partiu de um trabalho realizado na disciplina de Teoria da Variação Linguística no primeiro semestre de 2008. A partir deste trabalho, procuramos pesquisar material já existente sobre Hipocorização e percebemos uma escassez de investigações sobre esse assunto. A maioria de pesquisas nessa área tem como base a Teoria

da Otimalidade (Optimality Theory, doravante OT) e não a Teoria da Variação Linguística, baseada no modelo teórico-metodológico do americano William Labov. Acreditamos ser muito interessante o estudo do uso dos hipocorísticos, por ser um fenômeno recorrente na língua falada do português brasileiro.

### **1.1.1 Objetivos**

Esta pesquisa é orientada pelos objetivos que seguem.

#### ***Objetivo geral:***

Realizar um estudo sobre a Hipocorização de nomes próprios sob a perspectiva variacionista e examinar se o fenômeno consiste em uma regra variável com condicionamento para sua aplicação.

#### ***Objetivos específicos:***

- Descrever, através do exame da Regra Variável, qual forma de hipocorístico é mais utilizada em dada amostra;
- Verificar qual estrutura ou parte da palavra permanece com maior frequência nos hipocorísticos;
- Verificar se há papel de fatores linguísticos e extralinguísticos no uso de hipocorísticos;

### **1.1.2 Hipóteses**

Esta pesquisa é orientada pelas hipóteses que seguem:

- O processo de Hipocorização mais utilizado é o padrão que realiza a permanência do início da palavra;
- A sílaba tônica da palavra permanece no hipocorístico;
- Falantes do sexo feminino utilizam mais a forma reduzida dos nomes próprios;
- A idade dos falantes não é um fator relevante para a aplicação dos hipocorísticos, uma vez que acreditamos ser um fenômeno geral, independente da faixa etária;
- O uso dos hipocorísticos é mais utilizado em situações informais.



Para alcançarmos nossos objetivos e confirmarmos nossas hipóteses, optamos por analisar dados coletados por meio de um instrumento construído especificamente para esta dissertação. Alguns nomes próprios foram extraídos do Dicionário de Hipocorísticos, construído por José Lemos Monteiro<sup>1</sup>, conforme pode ser visto no Anexo A. A descrição do Instrumento para a Coleta de Dados será abordada na seção 2.2 dessa dissertação.

## 1.2 O Conceito de Hipocorísticos na Literatura e Diferentes Terminologias

Veremos a seguir como o hipocorístico<sup>2</sup> é tratado em alguns estudos de modo a contextualizar o que é e como iremos abordá-lo na investigação que propomos.

Para Brito (2003), hipocorísticos são palavras utilizadas no trato familiar, que designam carinhosamente pessoas ou animais de estimação. Em sentido lato, é compreendido como qualquer palavra criada por afetividade, como, por exemplo, ‘maninho’ e ‘benzinho’. Em um sentido restrito, hipocorístico pode ser uma alteração do prenome, como, por exemplo, ‘Dani’ – Daniel, em que a sílaba final é suprimida e o acento deslocado.

Monteiro (1983, p. 83) define Hipocorístico como o “processo apelativo usado na linguagem familiar para traduzir carinho ou qualquer palavra criada por afetividade, incluindo-se aí certos diminutivos (filhinho, benzinho, maninha) e palavras oriundas da linguagem infantil (papai, titia, tetéia, dodói, etc.)”. Como se percebe, tal conceito é bastante amplo, o que fez com que o autor, no mesmo trabalho, delimitasse essa definição. Assim, nas palavras de Monteiro (op.cit.), “em sentido estrito, o hipocorístico deve designar uma alteração do prenome ou nome próprio individual”.

Dubois *et al* (2004, p.324) denominam Hipocorístico como “a palavra que traduz afeição ou carinho. Os hipocorísticos são, em geral, os apelidos, como Zezé, Chico, ou apelativos, como papai, maninho, benzinho, etc”.

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.geocities.com/Paris/cathedral/1036>.

<sup>2</sup> O *site wikipedia* traz o seguinte conceito de hipocorístico: Hipocorístico (do grego antigo  $\square$ ποκοριστικός, derivado de  $\square$ ποκορίζομαι, ou seja, "chamar com voz suave") é uma palavra cuja formação fonética tem o objetivo de suavizar ou atenuar o som da palavra de que se origina. Originalmente consiste na repetição de sílabas de palavras que designam parentesco, como papai, mamãe, vovó, titia, mano, benzinho etc. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipocor%C3%ADstico>

Gonçalves (2004B) define Hipocorização como um processo pelo qual nomes próprios são abreviados afetivamente, sendo necessário que o termo afetivo apresente fidelidade suficiente para que o antropônimo, sinônimo de nome próprio de pessoa, e o hipocorístico possam ser correlacionados. O mesmo entendimento de identidade que deve existir entre o antropônimo original com o hipocorístico, pode ser observado em Lima (2007), que diz também que esse fenômeno é um processo morfológico não – aglutinativo.

Rocha Lima (2003, p. 227) cita Hipocorização entre os diversos tipos de formação de palavras e denomina hipocorísticos como uma “alteração, nascida em âmbito familiar, do prenome ou nome próprio individual: Fafá (Fabiana), Filó (Filomena), Gegê (Getúlio), Nanda (Fernanda), Zé (José), Mundinho (Raimundo), Zezé (Maria José), Betinho (Roberto), Quincas (Joaquim), etc”.

A Hipocorização é tratada por alguns estudiosos como um processo de *truncamento* (Benua, 1995; Rocha, 2003); por outros (Gonçalves, 2004B; Lima, 2007), como um processo específico de nomes próprios. O processo geral de abreviação ou de encurtamento, denominado como *truncamento* ou *abreviação*, difere do termo *abreviatura*, ligado à grafia de topônimos (nomes geográficos de cidade, países, povoados, etc.) sobre os quais se aplicam regras específicas de encurtamento e de uso de siglas. Assim, por exemplo, o topônimo *Amazonas* é escrito como *Am.*, para a abreviatura, e *AM*, para sigla.

*Truncamento*, segundo Dubois *et al* (2004, p. 603) é “um processo de abreviação corrente na língua falada, que consiste em suprimir as sílabas finais de uma palavra polissilábica, as sílabas suprimidas podem corresponder a um morfema em cine (cinema), moto (motocicleta)”. Encontramos definição similar em Rocha Lima ao tratar da abreviação. Embora não apresente um conceito propriamente dito, traz exemplos como: auto – automóvel, foto – fotografia, tevê – televisão. Já, a *abreviação* “é a representação de uma série de unidades ou de uma só unidade por parte delas” (Dubois *et al*, 2004, p.12), como, por exemplo, ‘apartamento’ – ‘apto’.

O tratamento dado à Hipocorização neste trabalho, conforme dito anteriormente, restringir-se-á à investigação de nomes próprios personativos. Por isso, os casos de truncamento, encurtamento ou abreviação de nomes próprios de pessoas serão tratados como

hipocorísticos de forma geral. Não levaremos em conta reduplicações de sílabas (como Lulu-Luciana; Jojô – Joana, por exemplo) e nem casos de diminutivos (como Luzinha – Luciana).

Em relação ao processo de Hipocorização, não é um objeto de estudo muito presente nos estudos linguísticos. Porém, acreditamos que esse é um tema de grande importância, visto que pode elucidar aspectos dos processos de formação de palavras na língua portuguesa, além de parecer ser, atualmente, um fenômeno muito frequente na fala das pessoas. Vejamos como é tratado por alguns estudiosos.

Monteiro (1982) cita cinco (5) processos de formação dos hipocorísticos:

- a) Braquissímia: conhecida como abreviação vocabular;
- b) Duplicação: repetição de qualquer sílaba para a produção de um vocábulo;
- c) Acrossemia: combinação de sílabas ou fonemas extraídos dos elementos de um nome composto. Trata-se em essência de um tipo de braquissímia, resultante da articulação de duas ou mais braquissímias;
- d) Sufixação: aplicação de um morfema derivacional após o radical;
- e) Acréscimo de novo sufixo a um hipocorístico formado por braquissímia, por duplicação ou mesmo por sufixação.

Brito (2003), por sua vez, não realiza uma separação dos processos de formação em tipos diferentes, mas explica que a formação dos hipocorísticos obedece a algumas regras como: uso de sufixo diminutivo (Fernandinho); abreviação do prenome (Lu por Luciana); reduplicação de sílabas (Lulu por Luciana); abreviação ou reduplicação com acréscimo do sufixo diminutivo (Fezinha por Fe de Fernanda, Luluzinha por Lulu de Luciana). A autora ainda ressalta que o termo é pouco conhecido entre os falantes, sendo bem mais difundida a noção de apelido.

Dubois *et al* (2004) expõe que são vários os processos de formação de hipocorísticos:

redução da palavra, com a manutenção apenas das sílabas a partir da tônica, como em Tônio por Antônio; manutenção apenas da sílaba tônica, com possível acréscimo do sufixo do diminutivo, ou de outra sílaba (Lu, por Lúcia, Zé, Zéca, Quim, Quinzinho, Quinho); redobro da sílaba tônica: Zezé; conservação de outra sílaba que não a tônica: Te

por Teresa, Fé por Fernando. Além de redobro e conservação da sílaba tônica, os hipocorísticos sofrem transformações fonéticas, como em: Tonho < Tônio, Tonho, Chico < Cico < Cisco < Francisco. (Dubois *et al*, p. 324)

O processo de Hipocorização é considerado por Gonçalves (2004A) como um processo não-concatenativo pela falta de encadeamento, visto que as bases são delimitadas por um restritor que efetivamente controla seu tamanho e particulariza cada operação realizada. Há quatro tipos de Hipocorização descritos pelo autor:

- (a) a cópia dos segmentos do *input* para o *output*, da direita para a esquerda, como em ‘Nando’ (Fernando);
- (b) a cópia de segmentos da esquerda para a direita, como em ‘Rafa’ (Rafael);
- (c) reduplicação da sílaba tônica, como em ‘Dedé’ (André);
- (d) reduplicação da primeira sílaba, ‘Jojô’ (José).

O uso de termos como *input* e *output* é comum no modelo teórico da Teoria da Otimalidade: *input* é entendido como a base, a forma não reduzida; *output*, como o resultado. Os movimentos *direita* e *esquerda* referem-se à direção, conforme se dá o processo de Hipocorização ilustrado pela Figura 1:

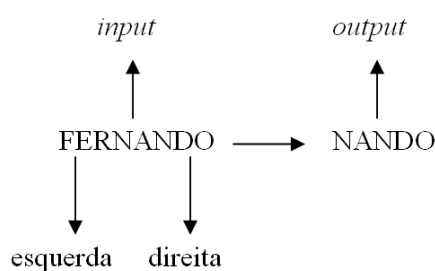


Figura 1 – *Input* e *Output*.

Apesar de considerarmos a Hipocorização um processo de formação de hipocorísticos, este é um processo morfológico de formação de palavras citado por poucos estudiosos como Rocha Lima (2003), Gonçalves (2004B) e Lima (2007). No Quadro 1 são mostradas

classificações referentes aos processos de formação de palavras expostos por diversos autores, sobre os quais faremos alguns comentários.

Apenas Rocha Lima (2003), dentre muitos linguistas, define Hipocorização como um processo de formação de palavras. Outros estudiosos citados incluem este processo em “*outros*”, como é o caso de Rocha (1998) que o denomina *Derivação Truncada*. Talvez possamos afirmar que o processo de Hipocorização não seja reconhecido, por muitos estudiosos, por causa da dificuldade de se identificar como foi formado o hipocorístico, qual o seu limite de sílabas, o que nos leva a optarmos por uma ou outra parte da palavra, mais precisamente do nome próprio de pessoa.

Apesar de muitos estudiosos não se referirem à Hipocorização como processo de formação de palavras independente, como o fez Rocha Lima (2003), Silva & Koch (1997) e Monteiro (2002) abordam esse assunto por meio de outros termos e outros processos, como abreviação e antroponímia, respectivamente.

Em Silva & Koch (1997) seria possível *encaixar* a hipocorização quando tratam de abreviação como processo minoritário em termos de produtividade em relação à derivação e composição. Monteiro (2002) já emprega especificamente o termo hipocorístico dentro da antroponímia, embora considere casos como Luluzinha e Jojô junto com outros casos de redução com caráter familiar ou apelativo.

Podemos salientar que não há um acordo na definição e realização da Hipocorização na língua portuguesa, isto é, ainda não há um consenso entre os estudiosos sobre como se dá a realização deste processo, e se é realmente um processo único ou se hipocorísticos são formados por outros processos de formação de palavras.

Concebemos nesta dissertação que Hipocorização seja um processo autônomo, variável e, por isso, sistematizado por fatores linguísticos ou sociais. Sua formação pode ser condicionada, e o emprego de uma de suas formas em detrimento de outra (por exemplo, *Isa* por *Bel*, para referir-se à *Isabel*) segue padrões específicos de certa comunidade.

Os casos de reduplicação de nome próprio, como ‘Lulu’ (Luciana); os casos de designação carinhosa ou afetiva por sufixos diminutivos, como ‘Luzinha’ (Luciana), assim como casos de apelidos, em que não há correlação do nome com a designação (Luciana –

‘Babi’, por exemplo) não serão abordados nessa dissertação. Entendemos, portanto, que Hipocorização é a redução de sílabas e/ou de sons em nomes próprios personativos.

### 1.3 Fonologia Prosódica e Teoria da Otimalidade

No decorrer deste trabalho, serão abordadas terminologias que não estão inteiramente ligadas à Teoria da Variação Linguística - modelo teórico-metodológico que iremos utilizar em nossa dissertação para a análise dos dados - como, por exemplo, *pé métrico* e *sílaba*, que se referem a constituintes prosódicos. As análises sobre Hipocorização de Gonçalves (2004A, 2004B, 2005), e também outros autores, como, Lima (2007, 2008); Silva (2004, 2008), utilizam modelos teóricos como Fonologia Prosódica e Teoria da Otimalidade, nos quais empregam-se termos específicos que devem ser esclarecidos.

Essas nomenclaturas são baseadas na Fonologia Prosódica, de acordo com a Teoria de Domínios de Nespor e Vogel (1986). A hierarquia prosódica (ver Figura 2), segundo as autoras, mostra uma estrutura consistente, na qual, em qualquer nível, um elemento se reparte em dois elementos idênticos no nível imediatamente mais abaixo. Esta é uma reflexão do princípio formulado por Nespor e Vogel (1986 *apud* HULST; EWEN, 2001, p. 119) como segue: uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica, XP, é composta por uma ou mais unidades de uma categoria imediatamente abaixo, XP-1. Desse modo podemos representar a Hierarquia Prosódica no diagrama arbóreo abaixo:

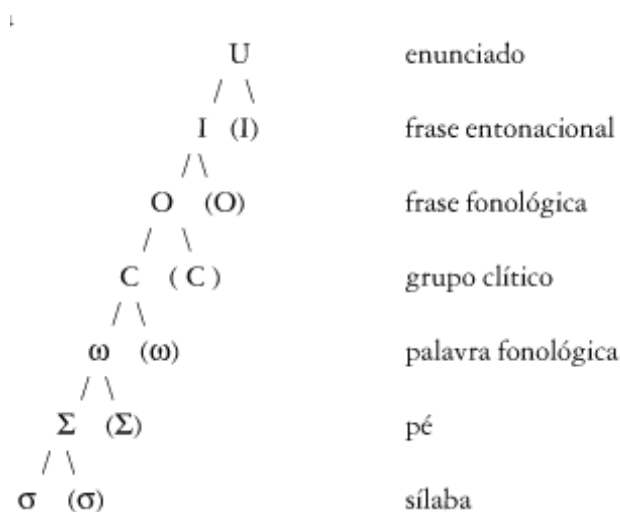


Figura 2 – Hierarquia Prosódica Segundo Nespor e Vogel (1986)

Desta Hierarquia, destacamos a sílaba e o pé métrico, visto que, nas análises existentes do fenômeno da Hipocorização, nos defrontamos com a importância indiscutível desses constituintes. Conforme Bisol (2005), “constituente é uma unidade linguística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado” (Bisol, 2005, p.243).

Conforme Collischonn (2007), a sílaba é um dos níveis de organização que há entre o segmento e a palavra. Ela exerce um papel relevante para explicar a distribuição dos segmentos da palavra, sendo a menor categoria prosódica, ela é a categoria basilar da Hierarquia Prosódica, sendo seu domínio a palavra fonológica, mesmo que intermediada pelo pé métrico.

O pé métrico, por sua vez, é entendido, conforme Bisol (2005, p. 246), como a “combinação de duas ou mais sílabas, em que se estabelece uma relação de dominância, de modo que uma delas é cabeça e a outra ou outras, o recessivo”.

Acima da sílaba e do pé métrico, como visto anteriormente, se encontra a palavra fonológica, sendo esse nível que interage entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. Conforme Basílio (2007, p. 16), “por um lado, podemos pensar na palavra como uma sequência fônica que ocorre entre pausas potenciais. Por outro lado, na estrutura do português, as palavras apresentam um padrão acentual baseado em tonicidade e duração”. Nesta interação fonologia/morfologia muitas palavras são formadas, como, por exemplo, os hipocorísticos, já citados nesta pesquisa.

Outros termos que serão citados nesta dissertação, especialmente na seção 1.4, dizem respeito à Teoria da Otimalidade Clássica (Optimality Theory, doravante OT), que também tem como foco principal de desenvolvimento a fonologia. Surgiu nos anos 90 a partir de trabalhos de McCarthy & Prince (1993A, B) e de Prince & Smolensky (1993). Esta teoria avalia formas a partir de uma hierarquização de restrições que checa possíveis candidatos a *outputs*.

Com base gerativa, mas diferente de outros modelos da mesma, a OT não se baseia em regras, mas sim em restrições universais violáveis, onde a violação significa a satisfação de um restritor mais bem cotado no *ranking* de determinada língua. McCarthy & Prince (1993b)

propõem como propriedades fundamentais da OT a violabilidade, ranqueamento, inclusividade e paralelismo. Vejamos a seguir o que significa cada propriedade.

De acordo com Schwindt (2005, p. 258), a substituição de princípios universais invioláveis por restrições universais violáveis, “confere à teoria um caráter mais econômico, além do ganho explicativo, na medida em que cresce em universalidade”. Essa propriedade é caracterizada pela possibilidade de violação das restrições universais.

Para pensarmos na Gramática Universal (doravante GU), o ranqueamento é a propriedade fundamental. Esta é representada pelo conjunto de restrições. Já a gramática particular tem como representação o ranqueamento das restrições nas diferentes línguas, distinguindo ambas devido à formação distinta do ranqueamento. Ele é definido, conforme Schwindt (2005, p. 259), “na base de *dominância*, isto é, num par de restrições em conflito, a restrição ranqueada mais acima tem precedência sobre a restrição ranqueada mais abaixo”.

A propriedade da inclusividade está relacionada com a análise de possíveis candidatos ótimos. Apesar de o princípio gerador de candidatos em OT poder apresentar candidatos com qualquer estrutura linguística, o candidato escolhido como ótimo deve respeitar padrões gerais de boa-formação, relacionados a condições gerais de boa-formação, não sendo restrita à formação estrutural, incluindo as estruturas segmental, morfológica e sintática.

A última propriedade citada, o paralelismo, pressupõe que a análise dos candidatos seja realizada de forma paralela, ou seja, sem níveis intermediários, cada restrição avaliando de forma independente os candidatos.

Faz-se importante destacar o funcionamento da OT, mais especificamente a arquitetura da gramática. A teoria utiliza uma gramática estruturada com os seguintes componentes: léxico, *input*, gerador (GEN), avaliador (EVAL) e *output*. Esta estrutura está formalizada como segue abaixo, segundo Prince & Smolensky (1993):

$$\text{Gen}(\textit{input}_i) = \{\text{cand}_1, \text{cand}_2 \dots \text{cand}_n\}$$

$$\text{Eval}(\{\text{cand}_1, \text{cand}_2 \dots \text{cand}_n\}) \longrightarrow \text{cand}_k(\textit{output real})$$



Podemos perceber nesta estrutura que, a partir do léxico, o *input* forma candidatos gerados por GEN, esses são avaliados por EVAL e atingem a forma de superfície utilizada pelos falantes, o *output*, no caso o candidato ótimo.

A avaliação é exposta em um *tableau*, como vemos a seguir:

<i>/input/</i>	R1	R2	R3
C1	*!		
C2	*!		
C3		*!	
C4			*

No *tableau* os candidatos possíveis são representados por C1, C2, C3 e C4, as restrições são R1, R2 e R3, sendo esta a ordem de ranqueamento, fazendo com que, mesmo que o candidato C4 viole a R3, ele sai vencedor, por ela ser a mais baixa da escala. As restrições, basicamente, são divididas em restrições de marcação e restrições de fidelidade, as primeiras representam um padrão geral nas línguas, já as segundas exigem as propriedades presentes no *input* sejam mantidas no *output*. Destacamos que as restrições não devem ser criadas para resolver problemas locais, não levando em conta propriedades gerais da língua particular e da GU, conforme nos expõe Schwindt (2005, p. 270).

Outra teoria que iremos citar na seção 1.4 deste trabalho é a Teoria da Correspondência desenvolvida por McCarthy & Prince (1995), esta segue os princípios da OT Clássica (Prince & Smolensky, 1993), mas amplia a noção de fidelidade, não se restringindo à relação *input* - *output*, expandindo-se para outros domínios linguísticos, conforme afirmação de Lima (2008). De acordo com o autor, esta teoria “possibilita uma melhor análise da morfologia não-concatenativa” (Lima, 2008, p.32).

Conforme Lima (2008), a grande diferença entre os dois modelos, Teoria da Correspondência e OT Clássica, encontra-se na ampliação da noção de fidelidade, não se restringindo mais à relação I-O, expandindo-se assim para outros domínios linguísticos. Esta versão da OT Clássica tem o objetivo de generalizar o conceito de identidade, de maneira a difundir-lo à análise de outros processos. O autor expõe que:

a noção de correspondência pode ser entendida da seguinte forma: uma camada S1 e uma camada S2 admitem uma relação R, ou seja, uma relação entre camadas; daí a necessidade de expandir as relações de correspondência para outros níveis de análise, como, por exemplo, a reduplicação, cuja identidade envolve relação entre uma base e um reduplicante, além, é claro, da relação entre o *input* e o *output*. (Lima, 2008, p. 31-32).

As informações aqui trazidas são de grande importância para o entendimento do decorrer de nossa pesquisa, devido aos termos e conceitos que serão citados. Vale ressaltar que utilizaremos a Teoria da Variação Linguística, baseada no modelo teórico-metodológico do estudioso americano William Labov, para analisar o fenômeno da Hipocorização, objeto de nossa dissertação.

#### **1.4 Investigações Sobre Hipocorização: Revisão da Literatura**

Nesta seção, realizaremos uma revisão dos trabalhos que consideramos mais relevantes acerca do fenômeno da Hipocorização, a fim de levantarmos subsídios para delimitação das variáveis que serão analisadas neste trabalho. Os estudos contemplados são: Clemente *et al* [19-?], Gonçalves (2004A, 2004B, 2005), Silva (2004, 2008), Silva & Gonçalves (2004), Lima & Gonçalves (2004), Lima (2007, 2008), Brito (2007). Apresentaremos os estudos agrupados por tipo de Hipocorização estudada, como, por exemplo, os hipocorísticos da esquerda para a direita (Lu para Luciana), expondo como os trabalhos foram realizados, salientando a metodologia utilizada e os resultados obtidos.

Clemente *et al* ([19-?], p. 2) propõem mostrar alguns traços semânticos fundamentais para a formação de antropônimos “evidenciando o caráter significativo que cada um possui ou adquire, ao fazer parte do vocabulário coloquial, de uma forma inconsciente e ao mesmo tempo racional, na medida em que se reduz ou se duplica um”. Os autores salientam que esse estudo surgiu da observação de que há uma grande variedade de palavras utilizadas no tratamento pessoal e afetivo, formadas por redução, duplicação, derivação, motivação e/ou

convencionalismo. Destacam que foi dado um enfoque no caráter afetivo da língua e no grau de relevância na formação destas palavras.

Clemente *et al* (op. cit.) realizaram pesquisas em diferentes situações geográficas da região, entrevistaram várias pessoas e observaram que muitas vezes apelidos atribuídos a elas são característicos de palavras originadas metonimicamente e fazem parte da diversidade linguística regional. A conclusão a que chegaram foi a de que as palavras que, em sua maioria, se originam do ambiente familiar ganham dimensão social relevante, pois caracterizam e identificam determinadas pessoas.

Os autores constataam que muitos nomes são criados a partir de motivações diversas, os quais não podem ser considerados hipocorísticos, visto que não são todos formados pelos processos descritos pelos linguistas mencionados no estudo, alguns podem ser considerados apenas cognomes ou apelidos convencionais, os quais podem ser analisados ou até eliminados.

Com um enfoque diferente de Clemente *et al* (op. cit.), Gonçalves (2004A) analisa a formação de hipocorísticos no português do Brasil, sob a perspectiva do modelo da Morfologia Prosódica, proposto por McCarthy (1986) e ampliado por McCarthy & Prince (1990 e 1993) com a criação da OT. O autor procura refutar a ideia de que o processo da Hipocorização opera com a supressão de uma sequência fônica do antropônimo, defendendo a ideia de que o processo não envolve apagamento de sequências fônicas da base, sendo caracterizado por um mapeamento dos segmentos melódicos do prenome para um molde prosodicamente definido. Sugere que a operação seja vista como não-linear e que encontra respaldo em modelos morfológicos não-aglutinativos.

Devido a não relação direta de identidade entre um *input* e um *output*, o autor utilizou a Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995 e Benua, 1995) – que prevê atuação de um conjunto de restrições entre *outputs*.

É proposto no artigo que o molde da Hipocorização opera de duas maneiras, como estabelecido pela Morfologia Prosódica:

- (a) como um alvo para o qual segmentos melódicos são mapeados;

(b) como um delimitador que efetivamente reduz a palavra matriz para um tamanho prosódico definido.

O autor analisa os hipocorísticos em termos de moracidade e considera a Hipocorização um fenômeno de minimalidade:

O troqueu moraico é um dos elementos básicos do sistema fonológico do português, uma vez que condições de palavra mínima são refletidas na formação de hipocorísticos, que, como padrão default, escaneia segmentos do prenome para um molde trocaico quantitativo. (GONÇALVES, 2004A, p.8)

Sem a intenção de resolver a polêmica sobre que tipo de pé é tomado como básico na língua portuguesa, Gonçalves (op. cit.) mostra que o pé troqueu moraico possui um papel de destaque em processos de minimização, como a Hipocorização, sendo este o motivo que o levou a acená-lo como o pé básico para a língua portuguesa em seu trabalho.

O autor lança mão de uma amostra constituída de 150 (cento e cinquenta) antropônimos, selecionados em função de três variáveis: (a) **tamanho**, (b) **pauta acentual** e (c) **estrutura silábica**. Um formulário de nomes próprios foi apresentado a vinte colaboradores cariocas, de diferentes faixas etárias e níveis de escolarização, com o objetivo de detectar possíveis padrões variáveis. O exame dos formulários foi complementado com o dicionário de hipocorísticos elaborado por Monteiro (1999).

Na pesquisa realizada, a cópia de parte dos segmentos do *input* para o *output*, da direita para a esquerda, como em ‘Bél’ (Isabel), resultou no processo de formação de hipocorísticos mais produtivo e, por isso foi considerado como o modelo geral para a formação de hipocorísticos. Foi observado que a principal característica das formas reduzidas “é a manutenção do acento lexical das palavras-matrizes: a parte escaneada é justamente aquela que contém a sílaba proeminente, que não pode ser removida de sua posição original” (2004A, p.13). Neste grupo de hipocorísticos escolhidos, foi realizada uma subdivisão, levando em conta o padrão silábico utilizado: ‘CV.CV’ (‘Mena’ – Filomena); ‘CVC’ (‘Bel’ – Isabel); e ‘CVC.CV’ (‘Naldo’ – Reginaldo).

Gonçalves (op. cit.) acredita que o padrão mais usado na formação dos hipocorísticos é 'CV.CV', estrutura não-marcada em português: um pé binário constituído de sílabas abertas com cabeça à esquerda.

Ao longo do trabalho, o autor é enfático ao falar que hipocorístico equivale a uma palavra mínima por não poder apresentar mais de um pé binário. Quando a base do hipocorístico exceder o limite do pé binário haverá perda de massa fônica, levando à preservação de apenas uma parte da palavra-matriz. A presença de estruturas não-marcadas é resultado de:

- a) demarcação de um troqueu moraico sobre a base;
- b) papel das condições de boa-formação silábica sobre o molde.

Salientamos a diferença entre base e molde: a primeira é *input* (antropônimo), como por exemplo Débora; e o segundo *output* (hipocorístico), como por exemplo Déba, que ainda será regulado pela boa-formação silábica para então gerar o *output* final.

Apesar de Gonçalves (op. cit.) ter utilizado estratificação de colaboradores de diferentes faixas etárias e níveis de escolarização para a pesquisa, não realizou nenhuma observação a respeito dos resultados em relação a esses aspectos.

Gonçalves (2004B) procura mostrar que o português faz uso de processos não – concatenativos para ampliar seu vocabulário ou para expressar carga emocional variada. Nesse sentido, o autor propõe três grupos para essas operações morfofonológicas:

- a) Processo de afixação não-linear (Reduplicação);
- b) Processos de encurtamento (Truncamento e Hipocorização);
- c) Processos de fusão (Mesclagem Lexical e Siglagem).

O autor partilha da mesma definição de Hipocorização de Gonçalves (2004A), apresentando um modelo que preserva o acento lexical das palavras-matrizes, mapeando, da direita para a esquerda, um troqueu moraico, devido a sílaba final apresentar coda e o pé ser monossilábico, como por exemplo em Raquel – Quel, Irineu – Neu, entre outros. De outra maneira, o troqueu deverá ser constituído de duas sílabas leves, como por exemplo em Felipe-

Lipe, Marilena – Lena, entre outros. Observamos que é salientado que a Hipocorização não apresenta função lexical, já que não leva em conta a formação de uma nova palavra.

Gonçalves (2004B) ressalta a ideia de que o parâmetro da formação do pé troqueu moraic e do parâmetro da direcionalidade definem a circunscrição positiva na definição de um domínio sobre a palavra matriz no processo da Hipocorização, sendo assim, o material que aparece no hipocorístico é “aquele rastreado pela circunscrição prosódica, que atua no sentido de isolar uma palavra mínima: um troqueu moraic é copiado do domínio-fonte (a palavra-matriz) para o domínio-alvo (o molde)” (Gonçalves, 2004B, p. 19). Os limites da circunscrição prosódica também são reafirmados por Gonçalves, sendo que estes limites sempre coincidem com os limites da sílaba e são delimitados por um restritor que controla o tamanho.

Gonçalves (2005) utiliza processos não–concatenativos, como a Hipocorização, para exemplificar os modelos, para confrontar três abordagens paralelistas sobre o papel das restrições de fidelidade na gramática universal:

- (a) a otimalidade clássica (Prince & Smolensky, 1993);
- (b) a teoria da correspondência (McCarthy & Prince, 1995);
- (c) a simpatia (McCarthy & Prince, 1998).

Segundo o autor, operações morfológicas levam a modificações no conteúdo material de raízes e sufixos e podem gerar acréscimos, alterações ou apagamentos nas realizações de superfície.

Gonçalves (op. cit.) ressalta que as formas de base estão sujeitas a modificações fonológicas que não são justificáveis sintagmaticamente nos processos não-concatenativos como a Hipocorização, nesses casos, ocorre uma “subtração morfológica, por exemplo, um segmento sofre deleção e essa perda segmental é responsável pela expressão de um conteúdo” (Gonçalves, 2005, p. 87), exemplo: Roberto – Beto; Marilene – Lena.

O autor procurou examinar o papel das restrições de fidelidade em diferentes processos, entre eles a Hipocorização, e, novamente, podemos concluir a relevância da extensão da palavra nesse processo, sendo imposto que o hipocorístico não possa ser maior

que duas sílabas e menor que um pé binário, considerando eles as menores formas derivadas da língua.

Silva (2004) analisa o fenômeno da Hipocorização, detendo-se em outro padrão, o padrão de hipocorísticos que rastreiam a primeira sílaba com onset do antropônimo que pode ou não ser reduplicada, como por exemplo ‘Fernanda’ – ‘Fe’ ou ‘Fefe’. Sua hipótese é de que o padrão analisado é suscetível à escolha de duas formas ótimas selecionadas a partir das restrições: (a) tamanho; (b) acento; (c) sílaba; (d) alinhamento; (e) identidade base-reduplicante. A autora utiliza a OT, mais especificamente um desdobramento dela, também utilizado pelos autores anteriormente referidos, a Teoria da Correspondência.

Ao descrever Hipocorização, a autora salienta que, no padrão que está sendo analisado, a posição do onset, bem como do ataque é sempre preenchida, sendo a coda não preenchida, tornando assim os hipocorísticos composto apenas de sílabas leves. Já na abordagem que faz sob a ótica morfoprosódica, a autora descreve o fenômeno, formalizando o processo e apresentando as condições estruturais relevantes para haver ou não formas reduplicadas. No processo analisado, a circunscrição prosódica atua da seguinte forma:

- a) o antropônimo (*input*) é utilizado como base para a formação do molde que;
- b) após passar pelo filtro constituído pelas condições de boa formação silábica, originará o hipocorístico (*output*);
- c) o *output* poderá ou não ser acrescido de um reduplicante;
- d) havendo a possibilidade de se criarem duas formas de Hipocorização: uma a partir do molde e outra por um reduplicante, como José, que pode ser hipocorizado como Jojô ou Jô.

Em 2008, Silva publicou a pesquisa “Uma Abordagem Otimalista da Hipocorização com Padrão de Cópia à Esquerda”, em que a autora propõe a análise de dois padrões de Hipocorização, um dos processos não-concatenativos de formação de palavras do Português, analisados em Gonçalves (2004A). Especificamente, descreve aqueles que copiam os segmentos à esquerda do antropônimo, nome próprio de pessoa, por exemplo ‘Cristina’ >> ‘Crís’; ‘Manuela’ >> ‘Manú’; ‘Fernanda’ >> ‘Fê’ e ‘Fefê’; e ‘Eduardo’ >> ‘Du’ e ‘Dudú’,

entre outros. A abordagem utilizada pela autora mostra que a Hipocorização obedece a padrões gerais de formação e não deve ser tratada como um processo anômalo ou arbitrário.

Baseada nas análises preliminares realizadas por Silva (2004), a autora busca:

- (a) mapear as características gerais dos padrões que copiam os segmentos melódicos à esquerda da base;
- (b) verificar questões importantes que reforcem características da própria Fonologia do Português;
- (c) apresentar algumas tendências gerais de uso, sobretudo, do padrão variável analisado neste trabalho.

Com o objetivo de chegar a um *corpus* representativo para a análise da Hipocorização, parte dos dados foi rastreada a partir do Dicionário de Hipocorísticos de Monteiro (1999) e outra parte foi extraída de contextos reais de interação. O *corpus* da análise foi organizado a partir dos dados avaliados e, em alguns casos apresentados. Silva (2008) constituiu um banco de dados, testando o *corpus*, tornando a análise mais consistente.

A autora aplicou dois testes, a partir dos quais foram avaliados aspectos relativos à formação dos hipocorísticos que preservam a margem esquerda. O primeiro teste privilegia dados que não sofrem reduplicação, ele foi realizado com falantes de ambos os sexos e faixa etária variada, composto de quatro questões:

- Questão 1: o informante propunha hipocorístico para cada antropônimo;
- Questão 2: o informante deveria rastrear o antropônimo a partir do hipocorístico;
- Questão 3: eram propostos nomes pouco comuns na língua e o informante deveria propor hipocorístico;
- Questão 4: eram fornecidos nomes com no máximo um pé binário e pedido para que o informante dissesse como chamaria indivíduos com esses nomes.

A partir de observações realizadas na análise deste primeiro teste, como por exemplo a fidelidade entre o antropônimo e o hipocorístico - pois apesar da perda de material fônico



ainda existe uma relação mínima de identidade, devendo essa ser preservada na formação do hipocorístico -, decidiu-se pela realização de um segundo teste em que fossem englobados padrões de Hipocorização passíveis de Reduplicação. O segundo teste foi dividido em três partes: na primeira e na segunda parte foram criadas “situações hipotéticas em que os informantes deveriam dizer como se dirigiriam a um indivíduo em uma dada situação” (Silva, 2008, p. 53); na terceira parte foi solicitado que o informante se decidisse entre utilizar uma forma com ou sem reduplicante. Silva (2008) observa que alguns antropônimos que possuem consoantes oclusivas favorecem o uso de formas reduplicadas, como, por exemplo, ‘Tatiana - Tatá’ e ‘Gustavo - Gugu’.

Nas análises realizadas, a autora observa que, conforme argumentou Gonçalves (2004A), de fato a Hipocorização é um processo não-concatenativo de formação de palavras que gera estruturas morfológicas mínimas na língua. Devido a esse motivo, sob a ótica da OT, verificou-se que as restrições mais cotadas nas hierarquias que dão conta dos padrões analisados, são as que regulam o tamanho da palavra prosódica.

Silva (2004, 2008) ressalta que processos que não se formam com base no encadeamento são produtivos na língua, diferentemente do que afirma a Gramática Tradicional; além disso, tais processos obedecem a padrões gerais de formação e devem ser analisados e apresentados como estruturas morfológicas reais da Língua Portuguesa.

Lima (2007) realizou estudo sobre o fenômeno da Hipocorização com o padrão da reduplicação à direita, mais especificamente da sílaba tônica, como ocorre, por exemplo, em ‘Dedé’ (André) e ‘Lalau’ (Nicolau). A análise é baseada na Teoria da Correspondência (McCarthy & Prince, 1995), teoria utilizada em outros estudos sobre o fenômeno, como já citado anteriormente. O autor destaca que, diferentemente do que ocorre no padrão de cópia dos segmentos à esquerda, em que dois *outputs* podem emergir simultaneamente como ótimos, este padrão apresenta apenas um *output* ótimo, por exemplo ‘Mateus’ admite como hipocorístico apenas a forma ‘Tetê’. Conforme Lima (op. cit), as restrições de tamanho devem estar no topo da hierarquia, seguidas pelas de acento, de marcação e de fidelidade. Ressalta, entretanto, que alguns poucos antropônimos admitem variação, como em ‘Isabel’, que admite as formas ‘Bebél’ e ‘Bél’, e em ‘Raquel’, que permite a realização das formas ‘Quequél’ e ‘Quél’.

Salientamos que, embora Lima (op. cit.) tenha realizado um estudo sobre a Hipocorização com reduplicação à direita, defendemos que reduplicação é um processo distinto de Hipocorização, pois, como já dito nesta dissertação, Hipocorização é entendida como um processo de formação de hipocorísticos, compreendido como a redução de sílabas e/ou de sons em nomes próprios de pessoas, e a reduplicação compreende a duplicação do hipocorístico, exemplo: ‘Isabel’ – ‘Bel’ (hipocorístico), ‘Bebel’ (hipocorístico duplicado).

Em outro estudo do processo de Hipocorização, mais especificamente da cópia dos segmentos melódicos do antropônimo da esquerda para a direita como, por exemplo, em ‘Gabi’ (‘Gabriela’) e ‘Rafa’ (‘Rafael’), Silva & Gonçalves (2004) tinham por objetivo verificar o papel das restrições na avaliação das formas resultantes do processo, tendo como propósito principal investigar se as restrições reguladoras de tamanho, na Hipocorização, superam as de marcação, de sílaba e de fidelidade.

Os autores elaboraram dois testes, com base nos dados do Dicionário de Hipocorísticos de autoria de José Lemos Monteiro (1999), compostos por quatro questões: na primeira, apresentava-se o nome próprio e solicitava-se ao informante o hipocorístico correspondente; a segunda questão solicitava a recuperação do antropônimo a partir de sua forma reduzida; na terceira, havia nomes próprios e opções de formas hipocorizadas, tendo o informante que marcar aquela(s) que lhe parecesse(m) mais usual(is); a quarta e última, tinha por finalidade “forçar” a Hipocorização em nomes de duas sílabas, como por exemplo ‘Hugo’ e ‘Uriel’, visto que dados com esse perfil não se mostram passíveis de redução. Esses testes foram aplicados a informantes de ambos os sexos dos falantes, com idade que partiam de sete a mais de quarenta e cinco anos e escolaridade que variava da primeira série do ensino fundamental até o ensino superior.

Silva & Gonçalves (op. cit.) concluíram que as restrições de tamanho são as mais altas da hierarquia, sendo então o tamanho da palavra o fator de maior relevância na formação de um hipocorístico. Assim como Lima & Gonçalves (2004), os autores, apesar de aplicarem os testes a informantes em número igual de ambos os sexos dos falantes, com idade e escolaridade variada, não realizaram nenhuma observação a respeito das respostas levando em consideração os perfis dos informantes.

Baseados na Teoria da Correspondência, Lima & Gonçalves (2004) analisam o fenômeno da Hipocorização de antropônimos compostos, como, por exemplo, ‘Malú’ (Maria Lúcia).

Levando-se em conta que o hipocorístico constitui palavra mínima na língua, não podendo apresentar mais que um pé binário, as restrições de tamanho novamente se mostraram mais relevantes, segundo os autores, ou seja, se o tamanho da palavra é relevante nos hipocorísticos. O *corpus* utilizado para o estudo foi o Dicionário de Hipocorísticos de Monteiro (1999). Cabe ressaltar que este dicionário foi utilizado na grande maioria das pesquisas sobre hipocorísticos que tomamos conhecimento, motivo este por que também resolvemos seguir o caminho de utilizá-lo como base para nosso instrumento de coleta.

Os autores aplicaram testes, levando em conta o sexo dos informantes, a idade e a escolaridade dos informantes, para constatarem a presença de padrões mais gerais. Observaram quais as formas que se sobressaíam em relação às outras para cada forma proposta nos testes, com o objetivo de comprovar que as restrições de tamanho são as mais altas na hierarquia de restrições.

Lima & Gonçalves (op. cit.) atingem o objetivo traçado, porém deixam uma lacuna que consideramos muito relevante, esta lacuna se refere ao fato de que os testes foram aplicados levando-se em conta fatores sociais, mas em nenhum momento a divisão realizada por eles foi analisada.

Lima (2008) analisa dois padrões de Hipocorização: o de antropônimos compostos, que ocorrem, por exemplo, em ‘Malu’ (Hipocorização do nome composto ‘Maria Luíza’), e o que apresenta reduplicação à direita, mais especificamente da sílaba tônica, como ocorre, por exemplo, em ‘Dedé’ (Hipocorização do antropônimo ‘André’).

O autor partilha da definição de que os hipocorísticos devem constituir palavra mínima na língua e, por isso, não podem apresentar mais de um pé binário. O autor utilizou como *corpus*, dados coletados em testes e dados que compõem o dicionário de hipocorísticos de Monteiro (1999). Foram aplicados também testes de aceitabilidade de formas, sendo que, para cada forma proposta nos testes, verificou-se qual delas se sobressaía em relação às outras. A forma destacada seria o *output* ótimo.

A comprovação de que as restrições de tamanho são as mais altas na hierarquia do fenômeno da Hipocorização era um dos objetivos do autor em seu trabalho, mas o objetivo principal era a análise de dois padrões do processo da Hipocorização, sendo esses padrões:

- (a) reduplicação à direita da sílaba tônica;
- (b) Hipocorização de antropônimos compostos.

Lima (op. cit.) concorda com Gonçalves (2004B) quando diz que o português usa processos não-concatenativos para expressar carga emocional variada e/ou para ampliar vocabulário. Embora seja o português uma língua de morfologia predominantemente aglutinativa, existem processos que também usam categorias morfoprosódicas para formar uma nova palavra, como, por exemplo, a Hipocorização ('Malu', para Maria Luíza).

Brito (2007), com uma visão diferente dos autores que utilizam a OT como base, expõe que formalmente o conceito de hipocorístico se restringe ao termo afetivo formado de um prenome ou sobrenome; os nomes afetivos que não resultam de variações morfofonêmicas de um dado prenome ou sobrenome são apelidos, no sentido vulgar, termo geral de que o hipocorístico constitui espécie. Sendo assim, formalmente, o nome é a pessoa, um hipocorístico/apelido muito mais, devido que carrega tanto a identificação como a carga semântica dêitica daquele que o possui, sendo algumas vezes de modo carinhoso, outras em função de qualquer atributo nem tão afetivo.

A autora destaca que um

estudo antroponímico, em lato sensu, preocupa-se com a história e etimologia dos nomes de pessoas; enquanto em strictu sensu, o hipocorístico é nome que traduz afeição, carinho. Em função da definição, um elemento caracterizador da linguagem familiar, ou um tratamento carinhoso, ou ainda um fator identificador em que o prenome é parcialmente abandonado em prol da projeção de seu apelido, procurar-se-á o seu desempenho dentro da nossa sociedade na atualidade. (Brito, 2007, p. 1)

Brito (op. cit.) salienta que muitas vezes certos hipocorísticos tornam-se elementos autônomos dentro do grupo social que acaba ocorrendo a abolição do próprio antropônimo, ou seja, o sujeito passa a ser conhecido pelo hipocorístico, ocorrendo muitas vezes o esquecimento do nome original.

Recuperando o conceito citado anteriormente por Brito, que considera hipocorístico uma palavra que designa carinhosamente pessoas ou animais de estimação, em sentido lato, este termo é compreendido como qualquer palavra criada por afetividade, como por exemplo ‘maninho’ e ‘benzinho’. Em um sentido restrito pode ser uma alteração do prenome, sendo que esta formação obedece algumas regras como: uso de sufixo diminutivo (‘Fernandinho’ por Fernando); abreviação do prenome (‘Lu’ por Luciana); reduplicação de sílabas (‘Lulu’ por Luciana) ou abreviação ou reduplicação com acréscimo do sufixo diminutivo (Fezinha’ por ‘Fe’ de Fernanda, ‘Luluzinha’ por ‘Lulu’ de Luciana). A autora ainda ressalta que o termo é pouco conhecido entre os falantes, sendo bem mais difundida a ideia de apelido.

Podemos observar que o conceito de Hipocorístico até agora visto com Gonçalves, entre outros, é diferente do referido por Brito (2007) e Clemente *et al* [19-?], sendo que a principal diferença consiste no fato de que o hipocorístico pode ter no máximo um pé binário, o que impediria alguns exemplos citados pelos autores, como ‘Luluzinha’, em que há dois pés-binários. Além disso, hipocorísticos, na visão que tínhamos visto, seriam apenas nomes próprios, o que impediria exemplos como ‘maninho’ e ‘benzinho’.

Faz-se importante mencionar que nas pesquisas relacionadas nesta seção, o método utilizado para coleta de dados fez uso do Dicionário de Hipocorísticos, construído por José Lemos Monteiro, o que fez com que também decidíssemos utilizá-lo. Outro aspecto que vale ressaltar foram os diversos modelos teóricos utilizados para a realização das pesquisas, dentre eles podemos salientar a OT.

Diante do exposto, acreditamos que nossa pesquisa, baseada no modelo teórico da Sociolinguística Variacionista, pode contribuir para preencher as lacunas existentes em relação ao fenômeno da Hipocorização, principalmente, no aspecto social, ou seja, para a verificação de condicionamentos extralinguísticos envolvidos na realização do fenômeno, não abordados até então.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Teoria da Variação Linguística

William Labov, juntamente com Weinrich e Herzog, é o proponente mais conhecido da Teoria da Variação Linguística. Para ele, todo o enfoque linguístico teria a necessidade de ser social, em virtude da natureza do fenômeno, ou seja, da linguagem.

Conforme Weinreich *et al* (2006), é sugerido

que um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva em conta as descrições mais adequadas da competência lingüística, mas também suscita naturalmente uma teoria de mudança lingüística que ultrapassa os estéreis paradoxos contra quais a lingüística histórica vem lutando há mais de meio século. (WEINREICH *et al*, 2006, p.34)

Embora o trabalho de Weinreich *et al* (2006) enfatize a mudança linguística, ele contribui muito para uma visão variacionista, pois toda a mudança envolve variação e heterogeneidade, embora nem toda a variação e heterogeneidade envolva mudança. Os autores propõem “um modelo de língua que evita os infrutíferos paradoxos com que as teorias da estrutura homogênea têm estorvado a lingüística histórica”. (Weinreich *et al*, 2006, p. 87)

Weinrich *et al* (2006) afirmam que a variabilidade e a sistematicidade se excluíam para Saussure. Já seus sucessores ficaram ainda mais comprometidos com uma concepção simplista do idioleto homogêneo ao continuarem a postular mais e mais sistematicidade na língua. Embora não ofereceram nenhum meio efetivo para constituir uma única língua a partir de estágios homogêneos cronologicamente discrepantes, a maioria dos linguistas reconhece a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística.

Mollica (2007) ressalta que

cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito

positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origens e níveis diversos. Vale dizer, os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos. (MOLLICA, 2007, p.11)

Labov (1972) acredita que os métodos de descrição linguística são baseados no conceito de que a língua é estruturada de acordo com normas sociais. Salienta que no passado era útil considerar as normas como sendo invariáveis, compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística, no entanto, estudos mais recentes do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos das estruturas linguísticas estão envolvidos em um sistema de variação que reflete tanto mudanças diacrônicas internas ou processos sociais extralinguísticos.

O autor completa dizendo que grande parte dos estudos que investigam a língua abordam o isolamento de unidades invariáveis funcionais e as estruturas invariáveis que relacionam estas unidades entre si. Mas chegou em um ponto que se fez necessário uma nova abordagem onde a variação da língua tornou-se o foco principal. O estudo empírico da variação linguística não é restrito a unidades invariáveis, bem pelo contrário, existe um nível de estruturas variáveis que relacionam sistemas inteiros de unidades funcionais e que governam a distribuição de variantes subfuncionais.

Labov, em seus trabalhos, destaca a hipótese do condicionamento social das línguas ao dizer que os padrões sociais podem condicionar as línguas. Conforme Labov (1968), a fala não tem o poder de influenciar os padrões sociais, mas pode ser afetada por eles.

Linguistas reconhecidos pelo seu grande trabalho sobre a Teoria da Variação Linguística, Weirinch, Labov e Herzog, consideram a variável linguística “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (WEIRINCH *et al*, 2006, p.105).

Em Calvet (2002), encontramos a definição de variáveis e variantes linguísticas descrita de outra forma, sendo a primeira o conjunto constituído dos diferentes modos de realizar a mesma coisa e, a segunda cada uma das formas de realizar a mesma coisa, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e as diferenças representadas por eles tem função estilística ou social, a utilização de uma ou outra forma, segundo o autor, seria inconsciente e involuntária, mas indica algo sobre sua categoria social, ao mesmo tempo ela seria consciente e voluntária no que diz respeito sobre o comportamento do falante ao utilizar a língua.

Segundo Mollica (2007) a variação linguística é um fenômeno universal que pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Essas variantes são as formas alternativas que configuram um fenômeno variável tecnicamente chamado de variável dependente, no sentido que o emprego das variantes é influenciado por grupos de fatores de natureza social ou estrutural. Os grupos de fatores, também chamados de variáveis independentes, podem exercer pressão sobre os usos e ser de natureza interna ou externa à língua.

Labov (1972, p. 203) enumerou diversas dificuldades metodológicas que inviabilizaram a descrição da língua a partir dos dados coletados dos falantes. Vejamos a seguir algumas das dificuldades enumeradas por Labov. A grande dificuldade foi a decisão de situar a variação no sistema linguístico:

- a) atribuir as variantes a sistemas diferentes, considerando as alternâncias como casos de mistura de dialetos ou de permuta de códigos;
- b) interpretar que as formas alternantes se encontram no mesmo sistema em variação livre.

Outra dificuldade seria o estabelecimento do que constitui uma comunidade de fala, para Labov a expressão poderia ser aplicada a um grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua.

Podemos observar que quando se fala em comunidades de fala e regras variáveis, lembramos também de regras categóricas, as regras gramaticais que um falante pode violar, a esse conjunto de regras que não podem ser infringidas é dado o nome de invariantes ou



categóricas, mas a existência dessas regras é muito pequena em comparação à existência das regras variáveis.

Labov (1972) estabelece uma distinção entre a função das regras variáveis com a das regras invariáveis: a primeira tem função comunicativa, podendo ser estilística, expressiva ou enfatizadora; a segunda serve apenas para facilitar a expressão das seleções já realizadas. Além da distinção mencionada acima, o autor também definiu três necessidades para estabelecer uma variável linguística:

- a) definir o número exato de variantes;
- b) estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que aparece;
- c) elaborar um índice quantitativo que permita que os valores das variáveis sejam medidos.

A atribuição de valores sociais, segundo Labov (1972), é dada somente às regras linguísticas quando existe variação, isto devido ao fato de que os falantes não aceitam facilmente o fato de duas ou mais expressões significarem a mesma coisa, existindo uma tendência de conferir significados diferentes a cada expressão.

Podemos, conforme Monteiro (2008), afirmar que variáveis sociais influenciam na escolha das variantes, mas nem sempre essa escolha é apenas condicionada por fatores socioculturais.

## **2.2 Constituição da Amostra**

O *corpus* desta pesquisa foi formado a partir de material coletado com estudantes de uma escola privada confessional de classe média, na cidade de Porto Alegre, em que o acesso foi facilitado para esta pesquisa. Foram selecionados alunos da quinta série do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio com idades entre 10 (dez) a 17 (dezessete) anos. Justificamos a decisão da estratificação da amostra por essas idades pelo fato de que era o público disponível para a realização desta pesquisa.

Os informantes foram distribuídos pelas variáveis *Sexo dos falantes* e *Idade*, totalizando 160 indivíduos, como podemos visualizar no Quadro 1:

**Quadro 1 – Distribuição dos Informantes**

<b>Sexo dos Informantes</b>	<b>Idade</b>
Homem (80)	10 – 14 anos (40)
	15 – 17 anos (40)
Mulher (80)	10 – 14 anos (40)
	15 – 17 anos (40)

### 2.2.1 Instrumentos e Procedimentos

O Instrumento de Análise desta pesquisa surgiu a partir de um experimento piloto realizado no ano de 2008, no qual foi solicitado, para alguns alunos, sugestões de hipocorísticos. Foram obtidas muitas formas “carinhosas”, como, por exemplo, André – ‘Andrezinho’ / ‘Dedé’ e poucas reduções. Por esse motivo, optamos por construirmos um instrumento que trouxesse escolhas por opções de hipocorísticos, no sentido que entendemos esse fenômeno, ou seja, reduções de sílabas e/ou de sons de nomes próprios de pessoas.

Os nomes próprios utilizados, para a construção do instrumento, foram retirados do Dicionário de Hipocorísticos, construído por José Lemos Monteiro, por ser utilizado como fonte de nomes em pesquisas desse tipo, conforme visto na seção 1.4. Selecionamos 80 nomes, assim distribuídos em: gênero (masculino e feminino) e número de sílabas (dissílabo, trissílabos ou polissílabos).

A questão do gênero do nome foi levada em conta, pois foram escolhidos antropônimos em que não houvesse ambiguidade na sua classificação quanto a esse aspecto, como o caso de *Jaci* ou *Darci*, que pode se referir tanto a homem quanto à mulher. Também não foram considerados nomes que não fossem de uso comum, como, por exemplo, *Ednézio* ou *Xaname*.

Para cada nome próprio foram possibilitadas três opções de hipocorísticos para o informante assinalar uma forma preferida de uso dentre as três oferecidas. Também lhe foi facultado sugerir uma quarta opção, no caso de achar que as três sugestões oferecidas para escolha não fossem de sua preferência.

Na construção do instrumento para a coleta dos dados também foi levada em conta, em certo grau, a situação de formalidade na produção de hipocorísticos, já que esse fenômeno é definido por muitos estudiosos como formas carinhosas, íntimas, familiares, etc (conforme seção 1.4 dessa dissertação). Para abranger as duas situações de uso, informal e formal, resolvemos abordá-las no instrumento através de duas perguntas: a primeira de caráter informal, por referir-se a amigos; a segunda, de tipo formal, por reportar um chamamento de uma autoridade para os alunos, no caso a professora. Eis as questões formuladas.

1- Digamos que você tem um amigo há muitos anos, como você o chamaria?

2- Se você tivesse que chamar sua professora, que você tem muito respeito e admiração, pelo nome, como a chamaria?

Esse instrumento (ver Anexo A) foi aplicado em 25 de agosto de 2009, no turno da manhã nas turmas de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental e de 2º e 3º anos do Ensino Médio de uma escola privada de Porto Alegre. O instrumento foi utilizado em 160 alunos, divididos em número igual de idade e em ambos os sexos, de modo a possibilitar alguma projeção de cunho sociolinguístico no uso da variável em questão, conforme nossas hipóteses.

Na aplicação do instrumento, foi solicitado comprometimento deles nas respostas ao questionário, explicando que deveriam estar muito atentos. Os alunos demoraram em média vinte minutos para o preenchimento do instrumento em cada uma das turmas.

Durante o tempo de preenchimento do instrumento, chamou-nos a atenção alguns comentários dos alunos sobre os nomes, visto que a grande maioria deles conhecia a maior parte dos antropônimos. Outro aspecto interessante observado na coleta de dados foi o fato de que era muito incomum atribuir “reduções” de nomes de professoras, o que evidenciava, em parte, que talvez a referência ao mestre fosse realmente formal e que nosso instrumento pudesse medir esse aspecto.

Vale salientar que o instrumento que utilizamos é um teste de percepção, não de produção, visto que não é uma situação real de uso, e sim projetada.

## **2.3 Definição das Variáveis**

### **2.3.1 Variável Dependente**

Conforme Tagliamonte (2006, p. 70), a definição de uma variável linguística é a primeira e igualmente a última etapa na análise da variação.

A variável dependente desta pesquisa é a aplicação ou não de formas reduzidas de nomes próprios de pessoas. A forma reduzida de aplicação é denominada como Hipocorístico, e a forma não reduzida foi denominada como “palavra”. Assim, por exemplo, o nome Luciana, pode ter o hipocorístico, ‘Lu’ ou ‘Luci’. Não estamos considerando nessa pesquisa formas duplicadas e/ou diminutas, como, por exemplo: ‘Lulu’, ‘Luzinha’, ‘Luluzinha’ – Luciana.

Utilizamos a nomenclatura “palavra” para os nomes sem redução que escolhemos para compor o instrumento de pesquisa, por exemplo, Luciana, e hipocorístico, para as formas reduzidas dessas palavras, por exemplo, ‘Lu’

### **2.3.2 Variáveis Independentes**

Brescancini (2002) afirma que

após a definição clara da variável dependente, o pesquisador deve formular hipóteses iniciais sobre o tipo de condicionamento que se espera encontrar e a partir daí estipular as características internas ao sistema linguístico (variáveis independentes linguísticas) e externas a ele (variáveis independentes extralinguísticas) que possam estar influenciando a variável dependente. (Brescancini, 2002, p. 16)

Segundo a autora, os fatores que representam as variáveis independentes devem ser mutuamente exclusivos, ou seja, nenhum deles deve incluir parcialmente ou totalmente o outro, e nem representar uma lista exaustiva das possibilidades para seu grupo. Apesar da

recomendação da autora, optamos por quantificar inicialmente dados de formas reduzidas e de formas não reduzidas de modo a identificar alguns traços da palavra que poderia ou não derivar em um hipocorístico, como tamanho da palavra, acento, gênero, etc. Em um segundo momento, a sugestão de Brescancini foi seguida de modo a processarmos a análise da regra variável, eliminando-se as variáveis referentes exclusivamente a palavras não reduzidas.

Desse modo, apresentaremos a seguir variáveis independentes projetadas de modo preliminar, para se verificar a distribuição de dados pelas variantes da variável dependente. Esses grupos de fatores são de natureza interna ou externa à língua, ou seja, variáveis linguísticas ou extralinguísticas.

### **2.3.2.1 Variáveis Linguísticas**

Em nossa pesquisa, consideramos nove (9) variáveis linguísticas, a saber.

#### **2.3.2.1.1 Gênero da Palavra**

Procuramos verificar se o gênero da palavra teria influência na opção por reduzir ou não o nome próprio. Para isso, dividimos este grupo de fatores em:

- Masculino: João, ‘Dé’ (André);
- Feminino: Joana, ‘Nessa’ (Vanessa).

Consideramos na análise dos dados das formas reduzidas, o gênero da palavra antes da redução porque há casos em que não é claro a que gênero está se referindo o hipocorístico. No caso de ‘Dé’, por exemplo, essa forma pode ser a redução de um nome masculino ‘André’ ou de um nome feminino ‘Andréa’.

Mas como faríamos essa classificação de gênero, visto que uma característica notável nos nomes próprios de pessoas é que este pode ser analisado sob dois pontos de vista: a visão da gramática tradicional em que a forma masculina *-o* se opõe a forma feminina *-a*, e a visão

sugerida pelos linguísticos, como, por exemplo Câmara Jr. (2004, 2007), onde a forma masculina seria  $\emptyset$  e a forma feminina  $-a$ . Então, realizamos a classificação dos elementos dos antropônimos neste trabalho conforme a visão linguística, baseados, principalmente, nos estudos de Câmara Jr., conforme expostos a seguir.

Câmara Jr. (2007, p. 88) “a flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português”. O autor expõe que a primeira grande incoerência se dá em virtude da incompreensão semântica da natureza do gênero, visto que o gênero é comumente associado ao sexo. Contra essa associação há duas afirmações de Câmara Jr. (2007): a primeira é que o gênero abrange todos os substantivos, independente de ser um ser vivo, como gato, ou não vivo, como casa; a segunda é que ele é, na realidade, uma distribuição em classes mórficas para os nomes, assim como as conjugações são para os verbos. Do ponto de vista semântico, o autor expõe que a forma masculina é a não-marcada, e o feminino uma especialização qualquer.

A segunda grande incoerência exposta por Câmara Jr. (2007, p. 89) “na descrição do gênero em português está em não se ter feito a distinção imprescindível entre flexão de gênero e certos processos lexicais ou sintáticos de indicar o sexo”. Nas gramáticas é comum encontrar que mulher é feminino e homem masculino, quando o correto, conforme o autor, é dizer que mulher é sempre feminino, e qualquer outro substantivo a ele relacionado, será sempre do gênero masculino. No entanto, esta definição não serve para substantivos epicenos, referentes a alguns animais, onde o acréscimo de *macho* e *fêmea* não é imperativo, sendo que podemos falar apenas ‘*cobra*’ e ‘*tigre*’, como também o gênero não altera com a indicação do sexo do animal.

Portanto, a primeira grande mudança que se deve realizar, conforme Câmara Jr. (2004, p. 149), “na descrição gramatical do gênero em português em face do que se tem feito até hoje, é assim encará-lo, exclusivamente, em sua flexão nominal”.

#### **2.3.2.1.2 Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico**

A partir de observações realizadas na pesquisa-piloto, já mencionada anteriormente, e em trabalhos sobre Hipocorização, como Silva (2004), onde é afirmado que “no processo abordado, o acento recai sempre à direita da palavra prosódica.” (Silva, 2004, p.7), e Gonçalves (2004A), que relata que forma reduzida tem a “manutenção do acento lexical das

palavras-matrizes: a parte escaneada é justamente aquela que contém a sílaba proeminente, que não pode ser removida de sua posição original”(Gonçalves, 2004A, p.13), vimos analisar nessa variável a Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico. Devemos esclarecer que optamos pela Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico e não pelo pé da palavra prosódica porque nosso trabalho não está baseado na Fonologia e Morfologia Prosódica, embora os trabalhos citados utilizem esta visão prosódica. Para tanto, formamos um grupo de fatores que registra a presença da Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico (forma não reduzida), assim dividido:

- Pré-tônica+ tônica: ‘Moni’ (Monique);
- Tônica: ‘Quel’ (Raquel);
- Tônica + pós-tônica: ‘Lana’ (Alana);
- Pré-tônica + tônica + pós-tônica ou pós – tônica: ‘Ciana’ (Luciana), ‘Na’ (Iana);
- Pré-tônica: ‘Ro’ (Roberto).

#### **2.3.2.1.3 Número de Sílabas**

Por estarmos tratando de um assunto em que forma e tamanho são considerados relevantes, conforme vimos nos estudos de Gonçalves (2004A, 2004B, 2005), de Silva (2004) e de Lima & Gonçalves (2007), na seção 1.4 dessa dissertação, destacamos o trabalho de Silva (2004), que considera o tamanho a restrição mais alta para análise do fenômeno, embora neste âmbito, explique que toda a sílaba deve estar ligada a pés, ou seja, é levado em conta o tamanho prosódico da palavra, nós criamos dois grupos de fatores que se referem apenas à estrutura silábica da palavra para averiguar essa característica, sugerida pelos autores acima citados:

##### **a) Número de Sílabas da Palavra:**

- Dissílabos: Carlos;
- Trissílabos ou polissílabos: Lisiane.

b) Número de Sílabas do Hipocorístico:

- Monossílabo: ‘Lu’ (Luciana);
- Dissílabo: ‘Luci’ (Luciana);
- Trissílabos ou polissílabos: ‘Ciana’ (Luciana).

#### **2.3.2.1.4 Segmento Inicial**

Observando as alterações que ocorreram nos nomes para as formas reduzidas, observou-se que muitas vezes os segmentos iniciais da palavra eram alterados. Procurou-se então definir fatores que pudessem nos auxiliar na verificação dos segmentos iniciais da palavra e do hipocorístico, observando se havia uma preferência em formas reduzidas que mantivessem como segmento inicial o mesmo do antropônimo. Esses grupos ficaram assim definidos:

a) Segmento inicial da palavra:

- Consoante: Vitória;
- Vogal: Iana.

b) Segmento inicial do Hipocorístico:

- Consoante: ‘Vi’ (Vitória);
- Vogal: ‘Ina’ (Carolina).

#### **2.3.2.1.5 Alteração Fonética e Fonológica da Palavra**

Percebemos na pesquisa piloto que havia um número expressivo de alterações fonéticas e fonológicas no hipocorístico, no que se refere à supressão de elementos, ressilabações e de transformações fonéticas, como a passagem de [a] para [e] em ‘Veta’



(Ivete), entre outras. Por isso, criamos um grupo de fatores que pudesse nos auxiliar na verificação de quais alterações eram mais frequentes. Também, nos motivou para a criação deste grupo o trabalho de Silva (2004). A autora utiliza três restrições em sua hierarquia referentes à constituição silábica, são elas: todas as sílabas tenham preenchida a posição de ataque; faz-se proibido que haja complexidade qualquer no constituinte da sílaba (onset, núcleo e coda); a posição de coda não deve ser ocupada. Percebendo a importância dessas restrições para o trabalho de Silva (2004) foi reforçada a decisão de verificar as alterações fonéticas e fonológicas em nosso trabalho, para tanto dividimos o grupo em:

- De onset para coda: ‘Carol’ (Carolina);
- Queda da Coda: ‘Beto’ (Roberto (CVC- CV)), ‘Ina’ (Carolina (CV – V))
- Qualidade de Fonema: ‘Veta’ (Ivete), ‘Éia’ (Vera);
- Nenhuma: ‘Luci’ (Luciana).

#### **2.3.2.1.6 Constituição Mórfica do Hipocorístico**

Por estarmos tratando de um processo de formação de palavra, procuramos definir uma variável morfológica que observasse a constituição mórfica do hipocorístico.

Delimitar a constituição mórfica de nomes próprios não é uma tarefa fácil e comum, pois os livros e manuais que versam sobre os processos de formação de palavras tratam da constituição de substantivos comuns, verbos, adjetivos, advérbios e numerais, e não abordam nomes próprios.

Antes de realizarmos a identificação da raiz e dos sufixos dos nomes constantes em nosso instrumento de pesquisa, devemos ter claras suas definições. Segundo Katamba (2006), uma raiz é o núcleo irreduzível de uma palavra; é a parte que deve estar sempre presente nas várias realizações de um lexema. Conforme Kehdi (2007), deve-se evitar a designação de raiz vinculada à perspectiva diacrônica, sendo o radical correspondente ao elemento irreduzível e comum às palavras de uma mesma família.

Rocha (1998) afirma que a raiz é o morfema comum a várias palavras de um mesmo grupo lexical, sendo o morfema portador da significação básica desse grupo de palavras. Já o radical corresponde à parte que está presente em todas as formas de uma mesma palavra, é a parte comum às variações de flexão. Para esclarecer a definição, podemos citar como exemplo o vocábulo *terreno*, onde *terr* é a raiz e *terren* é o radical, já na palavra *terra*, a raiz continua a mesma, mas o radical é *terra*. Rocha afirma que, segundo Lima (1972) e Cegalla (1979), este conceito sincrônico de raiz interessa apenas à gramática histórica. Já do ponto de vista gerativo, há uma preocupação com o conceito de base, “sequência fônica recorrente a partir da qual se forma uma nova palavra” (Rocha, 1998, p. 100), como, por exemplo, *teatro* é a base de *teatral*. Então teríamos na palavra *leiteiro*, a base *leite*, a raiz *leit* e o radical *leiteir*. Embora, conforme Spencer (1991 *apud* Rocha, 1998, p. 105) essa terminologia não seja padronizada, visto que nem todos os linguistas admitem a distinção entre flexão e derivação, o autor considera possível o estabelecimento dessa distinção em português.

Bechara (2004) salienta que, para a gramática descritiva, raiz é o nome que se dá ao radical primário ou irreduzível, comum a todas as palavras de uma mesma família.

Anexados ao radical, temos os afixos, morfemas que se anexam para mudar o sentido ou acrescentar uma ideia secundária, segundo Kehdi (2007). Os afixos antepostos ao radical são os denominados prefixos, e quando pospostos, denominam-se sufixos. Em nosso fenômeno nos interessam os sufixos.

Em nossa análise, consideramos a segmentação da palavra em termos de radical primário. Por exemplo, o nome Luciana, foi classificado como: Luci – radical; ana – sufixo.

Para realizarmos nossa análise de maneira que não ficasse dúvida para a identificação da raiz e dos sufixo, foi utilizada a técnica da Comutação. Comutação, conforme Dubois *et al* (2003), é um teste que serve para mostrar se a substituição de um elemento por outro, no plano da expressão, num nível determinado (fonema, morfema, etc), acarreta uma diferença no plano de conteúdo, ou inversamente.

Primeiramente, identificamos a raiz e o sufixo. Posteriormente testamos esses elementos em outros nomes, por exemplo, em ‘Gilmar’, a raiz ‘Gil’ é a mesma de ‘Gilson’, assim como o sufixo ‘Mar’ é o mesmo do nome ‘Valdemar’, que tem como raiz ‘Valde’, a

mesma de ‘Valdecir’, assim por diante. Este é o teste que realizamos com todos os nomes: procuramos testar as raízes e sufixos. Um outro aspecto examinado é a questão se o nome existia na *Internet*, para atestar a existência dos nomes utilizados na amostra examinada, digitávamos no site de busca Google o nome e, assim comprovávamos sua existência, já que nem todos os nomes eram conhecidos da maioria pessoas, como, por exemplo, Florisbela, utilizado para atestar a veracidade do sufixo ‘bela’ do nome ‘Isabela’.

Após todos os testes, sob a técnica da Comutação, montamos uma ilustração, exposta no Anexo B, de como foram classificados os nomes de nosso instrumento de coleta, com os nomes deste, os nomes utilizados para atestar os morfemas e a classificação de seus elementos.

A variável Constituição Mórfica do Hipocorístico ficou assim estabelecida:

- Parte da raiz ou toda a raiz (‘Lu’ – Luciana);
- Parte da raiz e sufixo (‘Celma’ – ‘Celma’, ‘Ciana’ – Luciana) ou Sufixo (‘Mar’ - Gilmar; ‘Ano’ – Cassiano).

#### **2.3.2.1.7 Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico**

Levando em consideração a organização da palavra que permanece no hipocorístico, foi formado o grupo de fatores que analisará a sílaba que permanece da palavra, sendo as possibilidades:

- Primeira sílaba: ‘Lu’ (Luciana);
- Primeira e última sílaba: ‘Luna’ (Luciana);
- Última sílaba: ‘Quel’ (Raquel);
- Todas as sílabas (Carlo - Carlos);
- Outras, como, por exemplo, segunda sílaba quando o nome tem mais de duas sílabas: ‘Gu’ (Augusto).

Acreditamos que as variáveis linguísticas que selecionamos, possibilitam-nos realizar uma análise detalhada e consistente para nossa pesquisa.

### 2.3.2.2 Variáveis Extralinguísticas

Nas pesquisas já realizadas acerca dos hipocorísticos, percebemos uma ausência total de observações a respeito da influência ou não de fatores sociais na aplicação ou não da redução do nome próprio, por serem estudos realizados sob a perspectiva da Teoria da Otimidade e não da Teoria da Variação Linguística. Para preenchermos esta lacuna, selecionamos como variáveis extralinguísticas:

- Sexo dos Informantes: feminino, masculino;
- Idade: 10 a 14 anos, 15 a 17 anos;
- Situação Projetada para Uso do Hipocorístico: formal, informal;

A escolha das variáveis *Sexo dos Informantes* e *Idade* tem por pressuposto o envolvimento de variáveis sociais na utilização da regra variável. Mollica (2007) afirma que muitas vezes essas variáveis são correlacionadas com os fenômenos de uso na fala e na escrita; porém, vale salientar que há ainda muitas contradições a respeito da relevância que essas variáveis possuem, visto que há também muitos estudos em que não é atestada a sua relevância. Como afirma Paiva (2007), as diferenças mais evidentes entre os homens e mulheres se situam no plano lexical, e alguns fenômenos podem não ser sistemáticos em todas as faixas etárias. Mesmo assim, se a redução ou não de nomes próprios está relacionada ou não à interferência de fatores sociais, é algo que deve ser examinado em termos de Teoria Laboviana. Acreditamos que a hipocorização é uma regra variável.

Salientamos que a decisão de selecionar a variável *Situação Projetada para Uso do Hipocorístico* é por acreditarmos que a forma derivada do nome próprio é mais utilizada em situações informais, segundo estudos sobre hipocorísticos apontados na seção 1.4.

## 2.4 Pacote Computacional *Varbrul* - versão GoldVarb 2005

Tagliamonte (2006, p.129) afirma que o programa da regra variável foi desenvolvido pelos esforços combinados de um número de matemáticos diferentes através de diversos círculos de melhorias técnicas.

O pacote computacional *Varbrul* foi criado por Henrietta J. Cedergreen e David Sankoff na década de 1970, para realizar a análise de regra variável em computadores. Muitos modelos e diferentes versões surgiram, desde então. Nesta pesquisa utilizaremos a versão windows do *Varbrul* – denominada de **GoldVarb 2005**, criada para microcomputadores Macintosh e IBM. Essa versão executa as mesmas tarefas da versão *Varbrul 2S*, para DOS, com pequenas diferenças, como criar automaticamente arquivos a partir dos dados codificados, além de proporcionar a operacionalidade *windows*.

Os arquivos possuem denominações distintas conforme as diferentes versões do *Varbrul*. A versão GoldVarb 2005 compreende os seguintes arquivos: *Token*, *Condition*, *Cell* e *Res*.

*Token*, o arquivo de dados, pode ser preparado em qualquer editor de textos ou diretamente no aplicativo GoldVarb 2005. Para criar este arquivo, faz-se necessário, primeiramente, definir a variável dependente e os grupos de fatores, bem como definir um código para cada variante e fatores das variáveis.

*Condition*, o arquivo de condições, é a especificação dos grupos e fatores que serão controlados, é neste arquivo que realizamos amalgamações e exclusões de fatores.

*Cell*, o arquivo de células, criado a partir do comando *Load cells to memory*, apresenta as frequências de distribuição e o cálculo dos pesos relativos.

*Result* é o arquivo onde aparecem os resultados, conforme Tagliamonte (2006, p. 181), indica o excedente de todo o número e porcentagem de cada variação da variável dependente para cada um dos grupos e dos fatores independentes de fator na análise.

Conforme GUY e ZILLES (2007), o Varbrul não é o único método analítico quantitativo existente, por exemplo, há também o ANOVA – Análise de variância simples, mas o Varbrul possui três (3) vantagens na sua utilização

- I. É dedicado à estruturação dos dados que encontramos na linguagem natural;
- II. Muitas células em uma rodada típica não têm nenhum dado, e o Varbrul tolera desvios de uma distribuição equilibrada;
- III. Vem com rotinas que permitem recodificação e manuseio dos dados.

Podemos observar que estas três (3) vantagens nos propiciam uma melhor análise dos dados, pois a análise da variação, conforme Poplack (1993 *apud* Tagliamonte 2006, p. 1), combina técnicas da linguística, da antropologia e das estatísticas para investigar o uso da língua e a estrutura. A estatística seria obtida através do programa estatístico Varbrul – versão GoldVarb 2005, com a vantagem que podemos nele recodificar e manusear os dados, assim testando diversas hipóteses e resolvendo obstáculos que surgem.

#### **2.4.1 A Codificação**

Podemos observar no Quadro 2 o conjunto das variáveis controladas na análise os respectivos códigos.

Quadro 2 – Conjunto de variáveis e seus códigos

Variável Dependente		
1 = Redução do nome próprio		0 = Não – redução do nome próprio
Variáveis Linguísticas		
<b>Gênero da Palavra:</b>		<b>Número de Sílabas do Hipocorístico:</b>
a = Masculino (João), ‘Dé’ (André);		o = Monossílabo (‘Lu’ – Luciana);
b = Feminino (Joana), ‘Nessa’ (Vanessa);		p = Dissílabo (‘Luci’ – Luciana);
<b>Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico:</b>		q = Trissílabos ou polissílabos (‘Ciana’ – Luciana).
c = Pré-tônica+ tônica (‘Moni’ – Monique);		<b>Segmento Inicial da Palavra:</b>
d = Tônica (‘Quel’ – Raquel);		r = Consoante (Vitória);
e = Tônica + pós-tônica (‘Lana’ – Alana);		s = Vogal (Iana).
f = Pré-tônica + tônica + pós-tônica ou pós – tônica (‘Ciana’ – Luciana; ‘Na’ – Iana);		<b>Segmento Inicial do Hipocorístico:</b>
g = Pré-tônica (‘Ro’ – Roberto).		t = Consoante (‘Vi’ - Vitória);
<b>Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico</b>		u = Vogal (‘Ina’ - Carolina).
h = primeira sílaba (‘Lu’, ‘Luci’ – Luciana);		<b>Constituição Mórfrica do Hipocorístico:</b>
i = primeira e última sílaba, quando tiver mais de duas sílabas (‘Luna’ – Luciana);		v = Parte da raiz ou toda ela (‘Lu’ – Luciana);
j = última sílaba (‘Quel’ – Raquel, ‘Tina’ - Valentina);		
k = Todas as sílabas (Carlo - Carlos);		z = Raiz e sufixo (Celma - Celma, ‘Ciana’ – Luciana)
l = outras, como, por exemplo, segunda sílaba quando o nome tem mais de duas sílabas (‘Gu’ – Augusto).		? = Sufixo (‘Ano’ – Cassiano; ‘Mar’ - Gilmar)
<b>Número de Sílabas da Palavra:</b>		<b>Alteração Fonética e Fonológica da Palavra:</b>
m = Dissílabos (Carlos);		2 = De onset para coda (‘Carol’ – Carolina);
n = Trissílabos ou polissílabos (Lisiane).		3 = Reestruturação silábica (‘Beto’ – Roberto (CVC - CV), ‘Ina’–Carolina (CV – V); ‘Guto’ - Augusto (CVCCV - CVCV)
		4 = Nenhuma (‘Luci’ – Luciana).
Variáveis Extralinguísticas		
<b>Sexo dos Informantes:</b>	<b>Idade:</b>	<b>Situação Projetada para Uso do Hipocorístico :</b>
5 = Feminino;	7 = 10 - 14 anos;	y = Formal;
6 = Masculino.	8 = 15 - 17 anos.	w = Informal.

Exemplificaremos agora uma codificação utilizada para a construção do arquivo de dados, com o intuito de esclarecer como os dados que coletamos são codificados para uma

posterior análise estatística, observamos que cada linha codificada sempre inicia por “(“ (abre parênteses), por exigência do VARBRUL. Foram codificadas as 12.800 respostas dadas pelos informantes:

Codificação:	Contexto de ocorrência:
(1bg hnp r tv457w	Luciana - Luci

No exemplo dado acima os códigos significam que:

- l – houve redução do nome próprio;
- b – o gênero da palavra é *feminino*;
- g – a tonicidade que permaneceu da palavra no hipocorístico é a *pré-tônica*;
- h – a sílaba que permanece é a *primeira*;
- n – a palavra tem *três (3) sílabas ou mais*;
- p – o hipocorístico é um *dissílabo*;
- r – o segmento inicial da palavra é uma *consoante*;
- t – o segmento inicial do Hipocorístico é uma *consoante*;
- v – a constituição mórfica do Hipocorístico é formada por *Parte da raiz ou toda ela*;
- 4 – não houve nenhuma *Alteração Fonética e Fonológica da Palavra*;
- 5 - o falante é do sexo *feminino*;
- 7 – o falante tem de *10 - 14 anos*;
- w – a situação projetada para o uso do Hipocorístico é *informal*;

No próximo capítulo relataremos a análise estatística e discutiremos os resultados.



### 3 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, exporemos os resultados obtidos com o instrumento utilizado para analisarmos a Hipocorização como possível regra variável a partir do programa computacional Varbrul. Inicialmente, será mostrada a distribuição da variável dependente por todas as variáveis independentes e, posteriormente, a análise da regra variável da Hipocorização. Conforme dito anteriormente (ver seção 2.3), os grupos de fatores examinados não são exclusivos da Hipocorização em um primeiro momento, pois se faz necessário identificar de que palavra se originou. Para a análise multidimensional da regra variável, em que se examina a interação ou não dos grupos de fatores sobre a variável dependente e o peso que determinado fator pode exercer sobre a aplicação da regra variável, os grupos de fatores específicos das formas não reduzidas foram retirados da análise.

#### 3.1 Distribuição da Variável Dependente pelas Variáveis Independentes

O percentual obtido das variantes da variável dependente nos dados da amostra é o que segue.

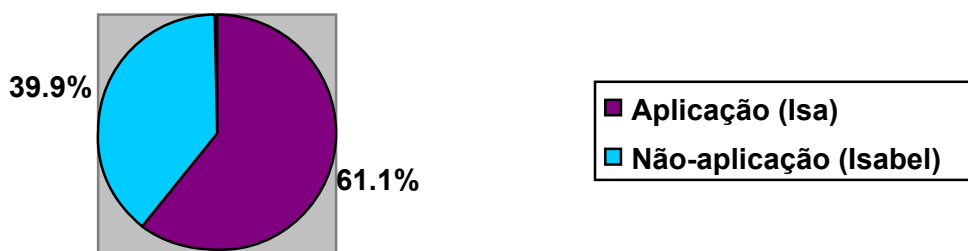


Gráfico 1: Percentual de Redução (aplicação) e de Não Redução de Nomes Próprios

Como podemos observar no Gráfico 1, a variante redução ou hipocorístico teve uma aplicação de **61.1%**, o que representa 7.826 casos, porcentagem elevada em relação a não redução, que obteve **39.9%**, o que representa 4.974 de situações de um total de 12.800 dados.

Os dados coletados pelo instrumento mostraram que há formas diferentes de se referir a nomes próprios personativos, ou seja, há nesse fenômeno o uso de formas variantes, o que caracteriza, em princípio, uma variável com formas diferentes de se dizer a mesma coisa. Também revelam que o fenômeno da Hipocorização é mais utilizado do que a forma não reduzida e que, por este motivo, possa estar condicionado sistematicamente por variáveis linguísticas e sociais, como pressupõe o modelo da Teoria da Variação.

A distribuição das variantes pelas variáveis será exposta a seguir, na ordem colocada na seção 2.3. Detalharemos o resultado de aplicação da variável entre os diversos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos escolhidos para a análise, conforme descritos na seção 2.3.2.

### 3.1.1 Gênero da Palavra

O grupo *Gênero da Palavra* apresentou os seguintes resultados de distribuição de dados pelos fatores examinados:

**Tabela 1 – Gênero da Palavra**

<b>Fator</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>
Masculino ('Jo' – João)	4.662/7.840	59.5
Feminino ('Ma' – Maria)	3.164/4.960	63.8
<b>Total</b>	<b>7.826/12.800</b>	<b>61.1</b>

Nesta variável, podemos perceber, inicialmente, que o fator *Feminino* do grupo *Gênero da Palavra* teve uma aplicação de 63.8%, sendo maior do que a do fator *Masculino*, que é de 59.5%. Nomes próprios de mulheres parecem ser mais reduzidos do que de homens, o que, de certa maneira, confirma as suposições feitas sobre esse fenômeno na seção 1.1. Contudo, essa diferença parece não ser tão significativa.

### 3.1.2 Segmento Inicial da Palavra

O grupo de fatores *Segmento Inicial da Palavra* está ligado ao grupo *Segmento Inicial do Hipocorístico*, no que diz respeito à permanência ou não do segmento inicial após o processo de Hipocorização, visto que nosso objetivo nesta verificação é observar se o segmento inicial da palavra, quando há Hipocorização, é alterado. Vejamos a Tabela 2:

**Tabela 2 - Segmento Inicial da Palavra**

<b>Fator</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>
Consoante (Vitória)	6.113/9.440	64.8
Vogal (Iana)	1.713/3.360	51.0
<b>Total</b>	<b>7.826/12.800</b>	<b>61.1</b>

Como é possível perceber na Tabela 2, 64.8% dos dados iniciados por consoante sofrem a redução, já, quando iniciados por vogal, esse percentual diminui para 51%. Contudo, há de se levar em conta a diferença de dados de nomes iniciados por consoante que ultrapassam quase o triplo de nomes iniciados por vogal.

### 3.1.3 Número de Sílabas da Palavra

Observemos a Tabela abaixo, referente ao *Número de Sílabas da Palavra*:

**Tabela 3 – Número de Sílabas da Palavra**

<b>Fator</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>
Dissílabos (Carlos)	3.155/6.400	49.3
Trissílabos ou polissílabos (Lisiane)	4.671/6.400	73.0
<b>Total</b>	<b>7.826/12.800</b>	<b>61.1</b>

Na Tabela 3, é possível identificar que, em relação ao número de sílabas da palavra, os nomes com trissílabos ou polissílabos foram preferencialmente reduzidos (73%), em comparação com os antropônimos dissílabos (49.3%).

### 3.1.4 Número de Sílabas do Hipocorístico

Ao falarmos de *Número de Sílabas do Hipocorístico*, podemos identificar uma maior utilização de monossílabos, ou seja, uma procura preferencial para se utilizar a menor forma de hipocorísticos possível. Porém devemos destacar que a forma dissílaba teve um uso aproximado da monossílaba, como podemos ver na Tabela 4.

**Tabela 4 - Número de Sílabas do Hipocorístico**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Monossílabo ('Lu' – Luciana)	4.034	52.1
Dissílabo ('Luci' – Luciana)	3.778	48.2
Trissílabos ou polissílabos ('Ciana' – Luciana)	14	0.1
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>	

Conforme vemos na Tabela 4, 4.034 hipocorísticos foram formados com apenas uma sílaba, 3.778 com duas sílabas, e apenas 14 com trissílabos ou polissílabos. Esse resultado pode, contudo, estar atrelado à tonicidade e ao tipo de sílaba, se inicial ou não. Por isso, urge aqui um cruzamento de variáveis também.

### 3.1.5 Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico

A distribuição dos dados pela variável *Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico* pode ser vista na Tabela 5:

**Tabela 5 – Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Pré-tônica ('Ro' – Roberto)	2.727	34.8
Pré-tônica+ tônica ('Moni' – Monique)	1.047	13.4
Tônica ('Quel' – Raquel)	1.790	22.9
Tônica + pós-tônica ('Lana' – Alana)	1.906	24.4
Pré-tônica + tônica + pós-tônica ou pós-tônica ('Ciana' – Luciana; 'Na' – Iana)	356	4.5
<b>Total</b>	<b>7.826</b>	

A Tabela 5 nos mostra que a palavra reduzida (hipocorístico) apresenta como tonicidade preferida pré-tônica (Ro de Roberto) e tônica ('Quel' – Raquel). Entretanto, é interessante observar que os hipocorísticos com uma só sílaba, nas situações *tônica* e *pré-tônica*, representam juntos mais da metade do total de casos de redução (57.7%).

A aplicação nas formas pré-tônica + tônica e tônica + pós-tônica representou 37.8% dos hipocorísticos. Em menor proporção de situações, com apenas 4.5% do total de reduções,

temos, conforme a Tabela 2, casos de hipocorísticos formados pela situação pré-tônica + tônica + pós-tônica ou pós-tônica ('Ciana' – Luciana; 'Na' – Iana).

A distribuição dos dados pela tonicidade, apresentada na Tabela 5, mostra um leve favorecimento pela permanência de sílabas tônicas sozinhas ou com pós-tônicas (3.696 ocorrências) do que as pré-tônicas (2.726 ocorrências).

Apesar disso, não está claro se a tonicidade ou o número e tipo de sílaba teriam papel na ocorrência dos hipocorísticos. Veremos, mais tarde, o cruzamento dos dados entre essas variáveis.

### 3.1.6 Segmento Inicial do Hipocorístico

Observemos a Tabela abaixo, referente ao *Segmento Inicial do Hipocorístico*:

**Tabela 6 - Segmento Inicial do Hipocorístico**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Consoante ('Vi' - Vitória)	6.929	88.5
Vogal ('Ina' - Carolina)	897	11.5
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>	

Na Tabela 6, *Segmento Inicial do Hipocorístico*, os hipocorísticos iniciados por consoante representam 88.5% dos casos de redução e, os hipocorísticos iniciados por vogal representam 11.5% do total. Podemos observar que, após a formação dos hipocorísticos, aparece um número maior de palavras em que o segmento inicial é a consoante, isso nos leva a crer que parte dos nomes iniciados por vogal, ao serem reduzidos, iniciam por consoante. Embora o número de nomes com consoantes seja muito superior ao de vogais, é possível considerar essa alteração de segmento inicial, pois não estamos observando em percentuais, mas sim que esta alteração pode ser realizada.

### 3.1.7 Alteração Fonética e Fonológica da Palavra

Conforme a Tabela 7, podemos observar que a grande maioria dos antropônimos que sofreram o processo de Hipocorização, ou seja, 78.3% do total dos dados, não tiveram nenhuma alteração fonética e fonológica, conservando a estrutura da palavra não reduzida. Já

a reestruturação da sílaba, pela queda da coda, é o segundo tipo de hipocorístico mais comum (16.7%) seguido pela ressilabação da consoante do onset para coda (5%) .

**Tabela 7 - Alteração Fonética e Fonológica da Palavra**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
De onset para coda ('Carol' – Carolina)	383	5
Queda da coda (‘Beto’–Roberto (CVC-CV), ‘Ina’–Carolina (CV–V), ‘Guto’ – Augusto (CVCCV - CVCV)	1.310	16.7
Nenhuma alteração ('Luci' – Luciana)	6.133	78.3
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>	

### 3.1.8 Constituição Mórfrica do Hipocorístico

No grupo de fatores *Constituição Mórfrica do Hipocorístico* é possível destacar a presença da *raiz ou de parte dela*, que, conforme os números da Tabela 8, está presente em 97.9% dos nomes próprios que sofreram o processo de Hipocorização. Esse percentual, levando em conta os três fatores, *Parte da raiz ou toda ela* (*Lu – Luciana*);; *Raiz e sufixo* (*Nessa - Vanessa*), em oposição ao fator *Sufixo* (*Ce – Elenice*). Porém, deve-se observar que 81.75% dos nomes utilizados no instrumento de coleta, segundo o teste de comutação que realizamos, são formados apenas pela raiz, como, por exemplo, ‘André’, ‘Luis’ e ‘Liliam’, e 18.75% contém sufixo.

**Tabela 8 - Constituição Mórfrica do Hipocorístico**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Parte da raiz ou toda a raiz ('Lu' – Luciana)	7.257	92.8
Raiz e sufixo ('Nessa' – Vanessa) ('Ciana' – Luciana)	403	5.1
Sufixo ('Mar' - Gilmar; 'Ano' – Cassiano)	166	2.1
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>	

### 3.1.9 Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico

A análise do grupo de fatores *Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico*, tem por finalidade confirmar nossa hipótese de que o processo de Hipocorização mais utilizado é o padrão que realiza a permanência do início da palavra. Vejamos os resultados:

**Tabela 9 – Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Primeira sílaba ('Lu', 'Luci' – Luciana)	4.808	61.4
Primeira e última sílaba ('Luna' – Luciana)	388	5.0
Última sílaba ('Quel' – Raquel, 'Tina' - Valentina)	2.047	26.2
Todas as sílabas (Carlo - Carlos)	355	4.5
Outras ('Gu' – Augusto)	228	2.9
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>	

Do total de 7.826 ocorrências de hipocorísticos, 4.808 são resultados da permanência da primeira sílaba da palavra, representando 61.4% do total dos casos com redução; 2.047 de casos com a última sílaba, representando 26.2% do total dos casos com redução; 388 de casos com a primeira e última sílaba, quando o nome tem trissílabos ou polissílabos, representando 5.0 % do total dos casos com redução; 228 de casos com outras formações, como parte da segunda sílaba, quando nome tem trissílabos ou polissílabos, como em 'Gu' - Augusto, por exemplo, representando 2.9% do total dos casos com redução; 355 dos casos que permanece todas as sílabas há perda fonética, como, por exemplo, 'Carlo' – Carlos, representando 4.5 % do total dos casos com redução.

É possível perceber que a primeira sílaba (4.808 dados), acompanhada da variável primeira e última sílaba (388) permaneceu em 66.4% dos casos de redução, ou seja, em 5.116, dos 7.826 dados reduzidos, o que pode confirmar nossa hipótese de que o processo de Hipocorização mais utilizado é o padrão que realiza a permanência do início da palavra.

Nos casos em que foi optado em permanecer os fatores *última sílaba* ('Quel' – Raquel, 'Tina' - Valentina) ou outras ('Gu' – Augusto), não se sabe se é a sílaba ou o acento que influência na escolha dessas formas, o que também será esclarecido por um cruzamento de variáveis.

### **3.1.10 Sexo dos Informantes**

O grupo de fatores extralinguísticos que mais nos surpreendeu foi o *Sexo dos Informantes*, pois uma de nossas hipóteses era de que falantes do sexo feminino utilizavam

mais a forma reduzida dos nomes próprios, por usarem mais formas carinhosas. Porém, houve praticamente um empate, conforme os números da Tabela a seguir:

**Tabela 10 – Sexo dos Informantes**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Feminino	3.911	49.97
Masculino	3.915	50.03
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>	

A diferença entre os dois fatores foi de apenas quatro dados, sendo que o fator *Feminino* representou 49.97% e o *Masculino* 50.03%. Esse resultado pode ser visto como uma realidade de igual utilização de hipocorísticos na língua portuguesa, atualmente, quando se fala do sexo de falantes.

### 3.1.11 Idade

No grupo de fatores *Idade*, o fator 10 – 14 anos representa 58.7% das ocorrências, e 41.3% para o fator 15 – 18 anos, como é possível observar na Tabela abaixo:

**Tabela 11 – Idade**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
10 - 14 anos	4.594	58.7
15 - 17 anos	3.232	41.3
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>	

O resultado exposto na Tabela 11 nos leva a salientar que a escolha das variantes, conforme a Teoria da Variação, pode ser condicionada por fatores socioculturais, neste caso a *idade*, visto que os falantes mais jovens demonstraram um maior uso dos hipocorísticos, contrariando nossa hipótese de que a idade dos falantes não é um fator relevante para a aplicação dos hipocorísticos, uma vez que acreditávamos ser um fenômeno distribuído de forma uniforme em diferentes faixas etárias.



### 3.1.12 Situação Projetada para Uso da Palavra

Nosso último grupo de fatores, *Situação Projetada para Uso da Palavra*, deve ser analisado com muito cuidado, pois, como dito na seção 2.2, houve uma tentativa de referir-se no instrumento de coleta a uma situação mais formal e a outra, informal, mas por ser um questionário impresso, ao invés de uma situação real, poderia haver certa dificuldade dos informantes tratarem de modo diferente essas duas situações, a qual acreditamos que existiu. Vejamos a Tabela 12 a seguir:

**Tabela 12 - Situação Projetada para Uso da Palavra**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Informal	4.295	54.9
Formal	3.531	45.1
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>	

Conforme a Tabela 12 acima, não há uma grande diferença na aplicação do fenômeno em estudo nas diferentes situações, a Informal apresentou um percentual de ocorrência de 54.9%, e a Formal 45.1%, o que nos leva a duas questões: 1. Houve a dificuldade imaginada dos informantes em diferenciar as duas situações de uso?; 2. Realmente, em oposição a nossa hipótese, não há diferença de aplicação da Hipocorização nas diferentes situações de uso da palavra? Estas perguntas, por enquanto, serão deixadas em aberto e mais adiante neste estudo tentaremos encontrar suas respostas.

A partir desta primeira rodada, onde expomos a distribuição da variável dependente pelas variáveis independentes, se faz necessária uma identificação de grupo de fatores e/ou de fatores específicos que parecem não ser significativos para nossa pesquisa, para então proceder à análise da regra variável em questão.

## 3.2 Cruzamento de Dados

Para iniciarmos a Análise da Regra Variável de Hipocorização, realizamos cruzamentos, a partir da Distribuição da Variável Dependente pelas Variáveis Independentes exposta anteriormente, com a finalidade de verificar se há sobreposição de fatores, interação

entre eles e ausência de dados em um determinado fator, de modo a operacionalizar o modelo estatístico de regra variável.

Guy (1998) observa que a configuração ideal para a operação do Varbrul é quando há ortogonalidade entre todos os fatores, ou seja, quando todas as células quando cruzadas estão preenchidas. Brescancini (2002, p. 50) complementa que “essa relação de verdadeira ortogonalidade entre grupos de fatores não é sempre obtida nos estudos de regra variável. Isto se dá porque o número de ocorrências de cada contexto depende da frequência com que os dados surgem na amostra coletada”.

Nos cruzamentos realizados em nossa análise, foi possível perceber ortogonalidade nas variáveis extralinguísticas, e na verificação em interações linguísticas observadas, são elas: *Número de Sílabas da Palavra e Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico*; *Número de Sílabas do Hipocorístico e Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico*; *Número de Sílabas do Hipocorístico e Número de Sílabas da Palavra*; *Número de Sílabas do Hipocorístico e Alteração da Estrutura Silábica na Palavra*; *Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico e Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico*; *Segmento Inicial do Hipocorístico e Segmento Inicial da Palavra*. Observamos que em alguns destes cruzamentos há uma ortogonalidade parcial, ou seja, quando há poucos casos de falta de dados, como podemos observar, em destaque, nas tabelas 13 e 14. Salientamos que usaremos o termo “Distribuição do Total de Dados” para expor os cruzamentos sem os percentuais, e estes serão expostos no decorrer desta seção.

**Tabela 13 - Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Número de Sílabas da Palavra e Sílabas da Palavra que Permanecem**

Número de sílabas da palavra	Sílabas da palavra que permanecem				
	Última sílaba	Todas as sílabas	Primeira sílaba	Outras, como, por exemplo, segunda sílaba quando o nome tem mais de duas sílabas	Primeira e última sílaba, quando tiver mais de duas sílabas
Dissílabas	710	348	1.716	<b>0</b>	381
Trissílabos ou polissílabos	1.337	7	3.092	228	7

**Tabela 14 - Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Número de Sílabas do Hipocorístico e Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico**

Número de sílabas do Hipocorístico	Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico				
	Última sílaba	Todas as sílabas	Primeira sílaba	Outras, como, por exemplo, segunda sílaba quando o nome tem mais de duas sílabas	Primeira e última sílaba, quando tiver mais de duas sílabas
Monossílabo	782	327	2.726	199	<b>0</b>
Dissílabo	1.256	26	2.082	29	385
Trissílabos ou polissílabos	9	2	<b>0</b>	<b>0</b>	2

É possível observar, na distribuição do total de dados entre as variáveis *Número de Sílabas do Hipocorístico* e *Número de Sílabas da Palavra*, que, após os antropônimos sofrerem o processo de Hipocorização, eles permanecem com no máximo duas sílabas. Os hipocorísticos trissílabos foram praticamente zero. Percebe-se, também, que os nomes com trissílabos ou polissílabos geralmente permanecem com duas sílabas, enquanto os nomes dissílabos, ao serem hipocorizados, resultam em formas monossilábicas, como vemos na Tabela a seguir.

**Tabela 15 - Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Número de Sílabas do Hipocorístico e Número de Sílabas da Palavra**

Número de sílabas do Hipocorístico	Número de sílabas da palavra		Total
	Dissílabos	Trissílabos ou polissílabos	
Monossílabo	2.710	1.324	4.034
Dissílabo	444	3.334	3.778
Trissílabos ou polissílabos	1	13	14
<b>Total</b>	<b>3.155</b>	<b>4.671</b>	<b>7.826</b>

Conforme a Tabela 16, das 1693 aplicações que sofreram alteração da estrutura silábica na palavra, 1310 tiveram reestruturação silábica, como, por exemplo, Beto – Roberto (CVC - CV), Ina–Carolina (CV – V); Augusto–Guto (CVCCV - CVCV).

**Tabela 16 - Distribuição do Total de Dados entre as variáveis Número de Sílabas do Hipocorístico e Alteração Fonética e Fonológica da Palavra**

Alteração Fonética e Fonológica da Palavra	Número de Sílabas do Hipocorístico			Total
	Monossílabo	Dissílabo	Trissílabos ou polissílabos	
Nenhuma	3.135	2.986	12	6.133
Reestruturação silábica	524	785	1	1.310
De onset para coda	375	7	1	383
<b>Total</b>	<b>4.034</b>	<b>3.778</b>	<b>14</b>	<b>7.826</b>

**Tabela 17 - Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico e Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico**

Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico	Sílabas da palavra que permanecem				
	Última sílaba	Todas as sílabas	Primeira sílaba	Outras, como, por exemplo, segunda sílaba quando o nome tem mais de duas sílabas	Primeira e última sílaba, quando tiver mais de duas sílabas
Pré-tônica ('Ro' – Roberto)	<b>0</b>	1	2.663	63	<b>0</b>
Pré-tônica+ tônica ('Moni' – Monique)	71	114	764	27	71
Tônica ('Quel' – Raquel)	492	4	1.189	105	<b>0</b>
Tônica + pós-tônica ('Lana' – Alana)	1.182	232	179	<b>0</b>	313
Pré-tônica + tônica + pós-tônica ou pós-tônica ('Ciana' – Luciana; 'Na' – Iana)	302	4	13	33	4

As Tabelas 13 e 17 nos ajudam a esclarecer a dúvida que tínhamos em saber se é a sílaba ou o acento que poderia estar exercendo algum papel na escolha da permanência dos fatores *última sílaba* ('Quel' – Raquel, 'Tina' - Valentina) ou outras ('Gu' – Augusto), na variável *Sílabas que Permanecem no Hipocorístico*. Conforme a Tabela 13, esse fatores aparecem quando o nome possui trissílabos ou polissílabos, e a Tabela 17 nos mostra que a *última sílaba* permanece, em sua maioria, quando a Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico que permanece é *tônica + pós-tônica*, e o fator *outras* aparece quando a tonicidade que permanece é *tônica*. Não foi possível encontrar uma resposta exata para nossa

dúvida a partir desses cruzamentos, mas acreditamos que talvez em um estudo futuro possamos encontrá-la.

**Tabela 18 - Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Segmento Inicial do Hipocorístico e Segmento Inicial da Palavra**

Segmento inicial do Hipocorístico	Segmento inicial da palavra		Total
	Vogal	Consoante	
Consoante	1.039	5.890	6.929
Vogal	674	223	897
<b>Total</b>	<b>1.713</b>	<b>6.113</b>	<b>7.826</b>

Como é possível perceber, na Tabela 18, a grande maioria dos hipocorísticos tem no segmento inicial uma consoante. Faz-se necessário observar que 75% (setenta e cinco por cento) dos dados iniciam com uma consoante, ou seja, já esperávamos um número maior de hipocorísticos com este segmento inicial. Porém, vale salientar que a maioria dos nomes, que iniciavam por uma vogal, em suas formas hipocorizadas, passaram a iniciar por consoante.

As observações feitas até agora são de extrema relevância para os próximos passos desta análise, sendo que as questões serão resolvidas através de amalgamações de fatores e/ou exclusões de variáveis e/ou fatores.

### 3.3 Análise da Regra Variável

#### 3.3.1 Procedimentos Analíticos Preliminares (amalgamações)

A modificação do arquivo de condições do Varbrul – versão GoldVarb 2005 – para a rodada final considerou a Distribuição da Variável Dependente pelas Variáveis Independentes para proceder a possíveis amalgamações e exclusões de fatores e/ou grupos de fatores. Para a realização dessas alterações, levou-se em conta, principalmente, a presença de KnockOuts<sup>3</sup>. Vejamos, a seguir, quais são as amalgamações e exclusões realizadas para esta rodada, com finalidade de chegarmos ao melhor resultado possível.

<sup>3</sup> *KnockOuts* é um fator que em um determinado momento da análise estatística tem uma frequência categórica (0% ou 100%) sobre a variável dependente analisada.

No grupo Presença da Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico foi eliminado o fator Pré-tônica + tônica + pós-tônica ou Pós-tônica ('Ciana' – Luciana; 'Na' – Iana) pelo fato de que, das 7.826 aplicações em nossa pesquisa, apenas 356 foram com essa formação; foram amalgamados os fatores Pré-tônica ('Ro' – Roberto) com Pré-tônica + tônica ('Moni' – Monique), por conterem a pré-tônica; foram amalgamados os fatores Tônica ('Quel' – Raquel) com Tônica + pós-tônica ('Lana' – Alana) por serem formados a partir da sílaba tônica.

No grupo Número de Sílabas do Hipocorístico foi excluído o fator Monossílabo ('Lu' – Luciana), com percentual de 100% de aplicação, devido ao fato de ser um fator que só apresenta palavras derivadas, devido ao instrumento de coleta não ter palavras monossílabas, mas tínhamos interesse de observar a opcionalidade dos informantes em hipocorísticos com apenas uma sílaba.

No grupo Constituição Mórfica do Hipocorístico foram amalgamados os fatores Raiz e sufixo (Celma – Celma) com Sufixo ('Mar' – Gilmar; 'Ano' – Cassiano) por se tratarem de fatores que levam em conta o sufixo.

O grupo Alteração Fonética e Fonológica da Palavra foi excluído porque apenas um fator não apresentou KnockOut, o que torna impossível a realização dos níveis *Step Up and Step Down*<sup>4</sup>.

A variável Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico, por apresentar pouca ortogonalidade com dois grupos, como apresentado anteriormente, sendo um deles o grupo Número de Sílabas da Palavra, também foi excluída.

Excluimos também todos os grupos com pouca ortogonalidade, ou seja, além das alterações realizadas, excluimos do arquivo de condições os grupos Sílabas da Palavra que Permanecem no Hipocorístico, Número de Sílabas do Hipocorístico, e Número de Sílabas da Palavra.

Seguíamos com *No convergence*<sup>5</sup>, o que procuramos resolver. Procuramos verificar, através dos cruzamentos entre todos os fatores (Ver Anexo D), se havia falta de

---

<sup>4</sup> *Step Up and Step Down* constituem a rodada que testa a significância de cada grupo;

ortogonalidade, fato que poderia ser o causador da *No convergence*. Nesta verificação, foi obtida a certeza da ortogonalidade, então a falha poderia estar em um dos grupos.

Observamos então que, nos casos de *No convergence* estava sempre presente o grupo da *Tonicidade da Palavra que Permanece no Hipocorístico*, e sendo que neste já havíamos excluído um fator, por representar apenas 356 das 7.826 aplicações, decidimos excluir todo o grupo. Também eliminamos as variáveis *Gênero da Palavra* e *Segmento Inicial da Palavra*, tendo em vista que se referem exclusivamente a palavras não reduzidas. Apresentaremos a seguir o resultado dessas modificações realizadas.

### 3.3.2 Resultados da Análise da Regra Variável da Hipocorização

A análise dos dados pelo programa estatístico VARBRUL – versão GoldVarb 2005 apontou como significativas, por ordem de relevância, as seguintes variáveis:

- Segmento Inicial do Hipocorístico;
- Idade;
- Situação Projetada para Uso da Palavra;
- Constituição Mórfica do Hipocorístico;

Foi eliminado pelo nível *Step Down* a variável *Sexo dos Informantes*.

A melhor rodada indicada (#15) tem um *Log likelihood*<sup>6</sup> de -7658.051, *Input*<sup>7</sup> de 0.623 e *Significance*<sup>8</sup> de 0.000, sendo que conseguimos resolver a *No convergence*.

Os resultados que serão discutidos nesta seção foram extraídos da iteração da rodada final. As variáveis escolhidas estatisticamente na rodada serão apresentadas, conforme a ordem de relevância exposta pelo programa, a seguir.

<sup>5</sup> Conforme Guy e Zilles (2007, p.238) “convergência é quando há um resultado otimizado entre o modelo matemático e os dados observados”, quando não há este resultado, acontece a *No Convergence*.

<sup>6</sup> *Log likelihood* é o Logaritmo de verossimilhança, número calculado pelo Varbrul, que mede a qualidade de aproximação entre o modelo e os dados;

<sup>7</sup> Conforme Guy e Zilles (2007, p.238), “o *Input* representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente;

<sup>8</sup> *Significance* representa a probabilidade de a hipótese ser nula.

A variável independente, escolhida como a primeira mais relevante, deve ser analisada com cuidado, pois o fator *Consoante (Vi - Vitória)*, embora com um peso relativo expressivo, contém um número de total de dados muito superior ao fator *Vogal (Ina - Carolina)*, ou seja, 75% (setenta e cinco por cento) dos dados, o que pode causar problemas de interpretação pelo Varbrul.

Vejamos a Tabela 19, referente à variável *Segmento Inicial do Hipocorístico*:

**Tabela 19 - Segmento Inicial do Hipocorístico**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Consoante ('Vi' - Vitória)	6.929	88.5	0.568
Vogal ('Ina' - Carolina)	897	11.5	0.247
<b>Total</b>	<b>7.826</b>		

*Input 0.623*

Significance = 0.000

A *Idade* nos causou surpresa ao demonstrar que há um uso maior de hipocorísticos com informantes de menor idade da nossa pesquisa, o que pode ser um sinal de que talvez o fenômeno não seja tão geral como imaginamos. Este grupo foi selecionado como a segunda variável independente como estatisticamente importante, sendo esta extralinguística, expõe dados importantes, demonstrando que os informantes mais jovens, com idades entre 10-14 anos, aplicam mais o processo da Hipocorização, objeto desta dissertação. Vejamos:

**Tabela 20 – Idade**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
10 - 14 anos	4.594	58.7	0.617
15 - 17 anos	3.232	41.3	0.383
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>		

*Input 0.623*

Significance = 0.000

Estes números nos causaram surpresas, pois o fato dos informantes terem idades próximas, acreditávamos não haver uma diferença tão grande como apresentada.

Seguindo a variável *Idade*, como a terceira estatisticamente relevante, encontra-se a *Situação Projetada para Uso da Palavra*, também extralinguística, o que pode ser visto como um detalhe relevante, configurando neste fenômeno uma influência do aspecto social na realização da Hipocorização. Vejamos a Tabela a seguir:



**Tabela 21 - Situação Projetada para Uso da Palavra**

<b>Fator</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>	<b>Peso relativo</b>
Informal	4.295	54.9	0.574
Formal	3.531	45.1	0.426
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>		

*Input 0.623*

Significance = 0.000

Pode-se observar que o peso relativo, embora seja expressivo, não podemos afirmar a realidade de a informalidade favorecer a Hipocorização, pois como já dito neste estudo, deve ser analisada com muito cuidado esta variável independente, devido ao fato de que nosso instrumento de coleta foi um questionário, e não uma situação real. Assim, acreditamos ter havido certa dificuldade dos informantes tratarem de forma diferente a questão formal em oposição à informal.

Como vimos, as variáveis sociais *Idade* e *Situação Projetada para Uso da Palavra*, ficaram como terceira e quarta variáveis estatisticamente pelo Varbrul, respectivamente, e a variável independente *Sexo dos Informantes* foi excluída pelo programa. Exporemos abaixo os números dos cruzamentos realizados com todas as variáveis extralinguísticas, pois nestas pode haver interação e dependência. O primeiro deles que exporemos aqui é o Cruzamento entre as variáveis *Idade* e *Sexo dos Informantes*.

**Tabela 22 - Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Idade e Sexo dos Informantes**

<b>Idade</b>	<b>Sexo dos Informantes</b>		<b>Total</b>
	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>	
10 - 14 anos	2264	2330	4594
15 – 18 anos	1647	1585	3232
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>3911</b>	<b>3915</b>	<b>7826</b>

Pode-se perceber que, conforme os dados dispostos na Tabela 22, onde os valores na horizontal referem-se à variável *Sexo dos Informantes* e na vertical à variável *Idade*, um fator não interfere em outro na aplicação da Hipocorização.

**Tabela 23 - Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Situação Projetada para Uso da Palavra e Sexo dos Informantes**

Situação Projetada para Uso da Palavra	Sexo dos Informantes		Total
	Feminino	Masculino	
Informal	2.243	2.052	4.295
Formal	1.668	1.863	3.531
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>3.911</b>	<b>3.915</b>	<b>7.826</b>

**Tabela 24 - Distribuição do Total de Dados entre as Variáveis Situação Projetada para Uso da Palavra e Idade**

Situação Projetada para Uso da Palavra	Idade		Total
	10 - 14 anos	15 – 18 anos	
Informal	2.375	1.920	4.295
Formal	2.219	1.312	3.531
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>4.594</b>	<b>3.232</b>	<b>7.826</b>

As Tabelas 23 e 24 referem-se a cruzamentos entre a variável *Situação Projetada para Uso da Palavra* com *Sexo dos Informantes* e com *Idade*, respectivamente. É possível afirmar que, conforme os valores da Tabela 23, há um uso mais frequente do sexo feminino na situação *Informal*, e do sexo masculino na situação *Formal*, embora não seja uma grande diferença. Vale ressaltar que os homens não diferenciam muito o uso nas diferentes situações, já as mulheres parecem tratar de maneira diferente as duas situações projetadas pelo instrumento de coleta.

O cruzamento seguinte, exposto na Tabela 24, demonstra um uso mais frequente de formas hipocorizadas em informantes com idades entre 10 a 14 anos, mas estes não diferenciam este uso nas situações projetadas, já os informantes com idades entre 15 – 18 anos realizam uma diferenciação entre as situações *Informal* e *Formal*.

O grupo Constituição Mórfica do Hipocorístico foi escolhido pelo Varbrul como a variável independente estatisticamente mais relevante, sendo esta a única variável morfológica em nosso estudo.

Vejamos a Tabela 25:

Tabela 25 - Constituição Mórfrica do Hipocorístico

Fator	Ocorrências	%	Peso relativo
Parte da raiz ou toda ela ('Lu' – Luciana)	7.257	92.7	0.516
Raiz e sufixo (Celma – Celma; Sufixo ('Mar' - Gilmar)	569	7.3	0.348
<b>Total de Hipocorísticos</b>	<b>7.826</b>		

*Input* 0.623

Significance = 0.000

O fator *Parte da raiz ou toda ela* ('Lu' – Luciana) obteve o resultado mais expressivo, tanto em percentual (92.7%) como em peso relativo (0.516), em oposição ao fator *Raiz e sufixo* ou Sufixo, com um percentual de 7.3% e um peso relativo de 0.348. Com esses números, podemos observar que o fator mais favorecedor desta é *Parte da raiz ou toda ela*.

Uma importante observação que devemos realizar é que, conforme dito anteriormente nesta dissertação, Gonçalves (2004A) acredita que o padrão mais usado na formação dos hipocorísticos é 'CV.CV', estrutura não-marcada em português: um pé binário constituído de sílabas abertas com cabeça à esquerda, porém em nossa pesquisa constatou-se que das 7.826, das 12.800 possíveis, 4.034 hipocorísticos são monossílabos, e 3.778 são dissílabos, e conforme os cruzamentos realizados, podemos observar que a maioria das palavras ao serem hipocorizadas perderam um sílaba, ou seja, dos 4671 trissílabos hipocorizados, 3334 ficaram dissílabos e 1324 monossílabos, e dos 3155 dissílabos, 2710 ficaram monossílabos e 444 dissílabos. Saliento porém, que é possível concordar com a afirmação de Gonçalves (2005) de que o hipocorístico não possa ser maior que duas sílabas, considerando eles as menores formas derivadas da língua.

Outra relevante observação que pode ser feita é de que Gonçalves (2004A) conclui que a cópia de parte dos segmentos do *input* para o *output*, da direita para a esquerda, como em 'Bél' (Isabel), seja considerado como o modelo geral para a formação de hipocorísticos, o que em nossa pesquisa não se confirmou, sendo que do total de 7.826 ocorrências de hipocorísticos, 4.808 são resultados da permanência da primeira sílaba da palavra, representando 61.4% do total dos casos com redução, o que leva a crer que o modelo geral para a formação de hipocorísticos seja da esquerda para a direita, como em 'Luci' (Luciana).

Embora a variável Estrutura Silábica da Palavra tenha sido excluída de nossa rodada final, em nossa pesquisa podemos expor que 21.6% sofreram alterações fonológicas, o que

Gonçalves (2005) chama de subtração morfológica, ou seja, em nossa pesquisa foi possível observar também que os antropônimos estão sujeitos a modificações fonológicas, assim como afirma o autor.

Uma importante observação que pode ser realizada é que alguns nomes demonstram ter formas hipocorísticas consagradas, ou seja, a forma sugerida pelos informantes para alguns antropônimos em casos de redução foi igual para quase todos os informantes (ver Anexo F). Como exemplos temos: ‘Dani’ – Daniela (132 ocorrências); ‘Rafa’ – Rafael (138 ocorrências); ‘Dani’ – Daniel (141 ocorrências); ‘Ju’ – Júlia (132 ocorrências); ‘Pati’ – Patrícia (136 ocorrências); ‘Gabi’ – Gabriela (156 ocorrências). Podemos perceber que estes seguem o padrão geral que confirmou nossa pesquisa, e nos deixa com vontade de dar continuidade ao trabalho, para buscar maiores informações do porquê dessas formas consagradas, visto que tínhamos 80 nomes, sendo que apenas seis demonstraram terem um hipocorístico “preferido”.

Com a análise apresentada nesta seção através dos resultados obtidos sobre o fenômeno da Hipocorização através da Análise da Regra Variável, é possível afirmar que se trata de um fenômeno de condicionamento principalmente lingüístico. Porém, a idade dos falantes demonstra ter uma grande relevância. Realizada esta análise, apresentaremos a seguir a Conclusão desta dissertação.

#### 4. CONCLUSÃO

Este trabalho tratou de examinar o fenômeno de Hipocorização, processo de formação de hipocorísticos, em dados de indivíduos escolhidos aleatoriamente, sob perspectiva do modelo sociolinguístico Laboviana. Cumprimos nosso objetivo geral, o qual era realizar um estudo sobre a Hipocorização de nomes próprios sob a perspectiva variacionista e examinar se o fenômeno consiste em uma regra variável com condicionamento para sua realização.

Nossos objetivos específicos também foram cumpridos. Estes eram: descrever, através do exame da Regra Variável, qual forma de hipocorístico é mais utilizada em dada amostra; verificar que estrutura ou parte da palavra permanece com maior frequência nos hipocorísticos; se há papel de fatores linguísticos e extralinguísticos no uso de hipocorísticos.

Confrontaremos agora nossas hipóteses iniciais, expostas na subseção 1.1.2, com os resultados obtidos na análise de nossa regra variável, expondo a confirmação ou não dessas hipóteses.

A hipótese inicial, de que o processo de Hipocorização mais utilizado é o padrão que realiza a permanência do início da palavra, foi confirmada, como mostrada na seção 3.1.

Nossa segunda hipótese, de que a sílaba tônica da palavra permanece na palavra derivada, foi confirmada parcialmente, pois se compararmos a permanência da pré-tônica e da tônica, isoladamente, a primeira permanece em mais casos de redução. Porém, após as amalgamações, há praticamente um empate. No entanto, nos dois casos, há presença da sílaba tônica nas combinações.

A hipótese que levantamos a respeito dos informantes do Sexo Feminino utilizarem mais a forma reduzida dos nomes próprios, não foi confirmada, devido à ocorrência de uma igualdade na utilização das formas reduzidas.

Em contrapartida, a idade dos falantes, que pensávamos não ser um fator relevante para a aplicação dos hipocorísticos, apresentou-se como uma variável estatisticamente importante para a realização da Hipocorização, sendo que o fator favorecedor em nossa pesquisa foi o que é formado de informantes de 10 - 14 anos.

Em relação a nossa última hipótese, de que o uso dos hipocorísticos é mais utilizado em situações informais, esta foi confirmada. Logo, devemos olhar este resultado com muito cuidado devido ao instrumento utilizado para a coleta de dados, por acreditamos ter havido dificuldade dos informantes tratarem de maneira diferente a questão formal em oposição à informal, por serem questões, não situações reais.

Acreditamos que nossa pesquisa contribuirá para o estudo da Hipocorização, ainda com uma escassez de investigações sobre este assunto. Para o futuro, pretende-se ampliar nossa pesquisa com informantes de uma maior faixa etária, bem como utilizando nomes comuns aos dois gêneros e compostos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. Série Princípios 88. São Paulo: Ática, 2007.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BENUA, L. *Identify effects in morphological truncation*. In: BECKMAN, J. *Papers in Optimality Theory*, v. 18, n. 01, 1995.
- BISOL, Leda. *Os Constituintes Prosódicos*. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. *A análise de regra variável e o programa Varbrul 2S*. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BRITO, Cristina. *Hipocorístico: um identificador ou apenas um tratamento carinhoso?*, 2003. Disponível em: [www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno06-09.html](http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno06-09.html) (Acesso em 15 de abril de 2009).
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. *Dispersos*. 3ª edição (revista e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 40ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CEDERGREN, Henrietta J.; SANKOFF, David. *Variable rules: performance as a statistical reflexion of competence*. *Language*, 50 (2) p. 332-55, junho 1974.
- CLEMENTE, Antônia Eládia Nogueira e outros. *A Formação de Hipocorísticos pelo Processo de Redução, Duplicação e Derivação*. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/monografias/caderno\\_de\\_pos\\_graduacao\\_ufac/a\\_formacao\\_de\\_hipocoristicos.htm](http://www.filologia.org.br/monografias/caderno_de_pos_graduacao_ufac/a_formacao_de_hipocoristicos.htm) (Acesso em 15 de abril de 2009).
- COLLISCHONN, Gisela. *Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase*. Gráfica UFRGS, 2007.
- DUBOIS, Jean e outros. *Dicionário de Linguística*. Traduzido por: Barros, Frederico P. e outros. 11ª edição. São Paulo: Cultrix. 2004
- FLÔRES, Onici; VERNES, Isabel. *O peso das palavras: estudo morfológico funcionalista*. Canoas: Ed. ULBRA, 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *A Morfologia Prosódica e o comportamento transderivacional da Hipocorização no português brasileiro*. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 12, p 7 - 38, 2004A.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Processos morfológicos não-concatenativos do português brasileiro: formato morfoprosódico e latitude funcional*. Alfa, São Paulo, v. 48, 2004B.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Restrições de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia*. DELTA, Campinas, v. 25, n. 2, p. 70-112, 2005.

GUY, Gregory R. *Varbrul: análise avançada*. Tradução de Ana M. S. Zilles. Caderno de Tradução. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 1998.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de Análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HULST, Harry Van Der; EWEN, Colin J. *The Phonological Structure of Words*. Cambridge: Cup, 2001

J.DUBOIS e outros. *Dicionário de lingüística*. 15ª ed. São Paulo: Cultrix. 1997.

KATAMBA, Francis; STONHAM, John. *Morphology*. New York, 2006.

KEDHI, Valter. *Morfemas do português*. Série princípios 188. São Paulo: Ática, 2007.

LABOV, William. *The .Reflection of Social Process in Linguistic Structures*. In: FISHMAN, Joshua (ed). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, p. 240-251, 1968.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1974.

LIMA, Bruno Cavalcanti. *A formação de 'Malú' e 'Dedé': uma análise otimalista de dois padrões de Hipocorização*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008.

LIMA, Bruno Cavalcanti. *Hipocorização com reduplicação: um enfoque otimalista para o padrão de cópia dos segmentos à direita*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Edição especial n. 1, 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/site2007/\\_pdf/10/artigos/revel\\_esp\\_1\\_hipocorizacao\\_com\\_reduplicacao.pdf](http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/10/artigos/revel_esp_1_hipocorizacao_com_reduplicacao.pdf) (Acesso em 15 de abril de 2009).

LIMA, Bruno Cavalcanti; GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Processos não-concatenativos do português: Hipocorização de antropônimos compostos*. VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia/I Congresso Internacional de Lingüística e Filologia. *Questões de morfossintaxe* – Vol. VIII, nº.: 14, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno14-16.html> (Acesso em 15 de abril de 2009).



McCARTHY, John; PRINCE, Alan S. *Generalized Alignment*. In: BOOIJ, G. E. ; MARLE, J. (orgs.). *Yearbook of morphology*. Dordrecht: Kluwer, p. 79-153, 1993A.

McCARTHY, John; PRINCE, Alan S. *Prosodic Morphology I: constraint interaction and satisfaction*. Cambridge: Rutgers University, Center for Cognitive Science, 1993B.

McCARTHY, John; PRINCE, Alan S. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Editorial Caminho: Lisboa, 1989.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. *Dicionário de hipocorísticos*. 1999. Disponível em: <http://www.geocities.com/Paris/cathedral/1036/> (Acesso em: 15 de abril de 2009).

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender LABOV*. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. *Processos de formação de hipocorísticos*. *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*. Fortaleza, 1983.

MONTEIRO, José Lemos. *Regras de produtividade dos hipocorísticos*. *Revista de Letras*. Fortaleza, 1982.

NESPOR, Marina. VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

PAIVA, Maria da Conceição de. *A variável gênero/Sexo dos Falantes*. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43ª ed. Rio de Janeiro: Jozé Olympio, 2003.

SANDMANN, Antonio José. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SANDMANN, Antonio José. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1993.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Teoria da Otimidade e Fonologia. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

SILVA, Hayla Thami da. *Hipocorização no português: o padrão de cópia dos segmentos à esquerda*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2008.

SILVA, Hayla Thami da. *Hipocorização no Português – o padrão de cópia dos segmentos à esquerda*. 2004. VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia/I Congresso Internacional de Linguística e Filologia. *Questões de morfossintaxe* – Vol. VIII, nº.: 14, 2004.

SILVA, Hayla Thami da; GONÇALVES, Carlos Alexandre (UFRJ). *Hipocorização no português: O padrão de cópia dos segmentos à esquerda*. VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia/I Congresso Internacional de Linguística e Filologia. *Questões de morfossintaxe* – Vol. VIII, nº.: 14, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno14-11.html> (Acesso em 15 de abril de 2009).

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza; KOCH, Ingedore Villaça. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. São Paulo: Cortez, 1997.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing Sociolinguist Variation*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2006

WEINREICH, U.; LABOV, W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma mudança lingüística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo, Parábola, 2006.

WIKIPEDIA; <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipocor%C3%ADstico> Acesso em 15 de abril de 2009).

## ANEXO A – Instrumento de pesquisa

Nome: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_ Sexo dos Informantes: ( ) Feminino ( ) Masculino  
 Data: \_\_\_ / \_\_\_ / 2009

1. Digamos que você tem um amigo há muitos anos, como você o chamaria?

Nome	Sugestões			Outra
Abel	( ) Ab	( ) Bel	( ) El	
André	( ) And	( ) Dé	( ) Dré	
César	( ) Ce	( ) Césa	( ) Sar	
Cláudio	( ) Cláu	( ) Cláud	( ) Dio	
Dirceu	( ) Dir	( ) Ceu	( ) Di	
Gilmar	( ) Gil	( ) Gi	( ) Mar	
Igor	( ) Ig	( ) Igo	( ) Gor	
Luis	( ) Lu	( ) Lui	( ) Is	
João	( ) Jo	( ) Ao	( ) Oão	
Lúcio	( ) Lú	( ) Cio	( ) Luci	
Janice	( ) Jani	( ) Nice	( ) Ja	
Luciana	( ) Luci	( ) Ana	( ) Lu	
Rosângela	( ) Rosa	( ) Gela	( ) Ro	
Talita	( ) Tali	( ) Lita	( ) Ta	
Vanessa	( ) Va	( ) Nessa	( ) Vane	
Lílian	( ) Lili	( ) Li	( ) Lian	
Paloma	( ) Palo	( ) Pa	( ) Loma	
Patrícia	( ) Pati	( ) Trícia	( ) Pa	
Elenice	( ) Ele	( ) Nice	( ) Ni	
Gabriela	( ) Gabi	( ) Gabri	( ) Ela	
Ana	( ) A	( ) Na	( ) An	
Carla	( ) Car	( ) Ca	( ) La	
Dalva	( ) Dal	( ) Va	( ) Da	
Eva	( ) Ev	( ) E	( ) Va	
Inês	( ) In	( ) Ine	( ) Nes	
Júlia	( ) Ju	( ) Juli	( ) Lia	
Lara	( ) Lar	( ) La	( ) Ra	
Cássia	( ) Cá	( ) Sia	( ) Cas	
Dilma	( ) Dil	( ) Di	( ) Ma	
Elis	( ) E	( ) Li	( ) Lis	
Cassiano	( ) Cassi	( ) Ano	( ) Ca	
Daniel	( ) Da	( ) Dani	( ) Niel	
Emílio	( ) Emi	( ) Ílio	( ) Mi	
Eduardo	( ) Edu	( ) ardo	( ) Du	
Ademar	( ) Ade	( ) Dema	( ) Mar	
Bernardo	( ) Ber	( ) Berna	( ) Nardo	
Faustino	( ) Faus	( ) Tino	( ) Fa	
Leandro	( ) Le	( ) Lean	( ) andro	
Marcelo	( ) Mar	( ) celo	( ) elo	
Rafael	( ) Rafa	( ) Ra	( ) Fael	

2. Se você tivesse que chamar sua professora, que você tem muito respeito e admiração, pelo nome, como a chamaria?

Nome	Sugestões			Outra
<b>Lorena</b>	<input type="checkbox"/> Lore	<input type="checkbox"/> Ena	<input type="checkbox"/> Lo	
<b>Letícia</b>	<input type="checkbox"/> Leti	<input type="checkbox"/> Tícia	<input type="checkbox"/> Lê	
<b>Isabela</b>	<input type="checkbox"/> Isa	<input type="checkbox"/> Bela	<input type="checkbox"/> Bel	
<b>Ângela</b>	<input type="checkbox"/> Ânge	<input type="checkbox"/> Gela	<input type="checkbox"/> Ge	
<b>Bianca</b>	<input type="checkbox"/> Bi	<input type="checkbox"/> Anca	<input type="checkbox"/> Bia	
<b>Daniela</b>	<input type="checkbox"/> Dani	<input type="checkbox"/> Da	<input type="checkbox"/> Ela	
<b>Fernanda</b>	<input type="checkbox"/> Fer	<input type="checkbox"/> Ferna	<input type="checkbox"/> Nanda	
<b>Heloísa</b>	<input type="checkbox"/> Helo	<input type="checkbox"/> Isa	<input type="checkbox"/> Lo	
<b>Janaína</b>	<input type="checkbox"/> Jana	<input type="checkbox"/> Ína	<input type="checkbox"/> Naína	
<b>Janice</b>	<input type="checkbox"/> Jani	<input type="checkbox"/> Nice	<input type="checkbox"/> Ja	
<b>Alan</b>	<input type="checkbox"/> Al	<input type="checkbox"/> Lan	<input type="checkbox"/> Ala	
<b>Marcos</b>	<input type="checkbox"/> Mar	<input type="checkbox"/> Cos	<input type="checkbox"/> Ma	
<b>Cléber</b>	<input type="checkbox"/> Clé	<input type="checkbox"/> Ber	<input type="checkbox"/> Éber	
<b>Hélio</b>	<input type="checkbox"/> He	<input type="checkbox"/> Héli	<input type="checkbox"/> Lio	
<b>José</b>	<input type="checkbox"/> Jo	<input type="checkbox"/> Sé	<input type="checkbox"/> Jos	
<b>Joel</b>	<input type="checkbox"/> Jo	<input type="checkbox"/> El	<input type="checkbox"/> Joe	
<b>Paulo</b>	<input type="checkbox"/> Pau	<input type="checkbox"/> Lo	<input type="checkbox"/> Pa	
<b>Celso</b>	<input type="checkbox"/> Cel	<input type="checkbox"/> So	<input type="checkbox"/> Elso	
<b>Bruno</b>	<input type="checkbox"/> Bru	<input type="checkbox"/> No	<input type="checkbox"/> Brun	
<b>Adão</b>	<input type="checkbox"/> Ad	<input type="checkbox"/> Dão	<input type="checkbox"/> ão	
<b>Ana</b>	<input type="checkbox"/> Na	<input type="checkbox"/> Na	<input type="checkbox"/> A	
<b>Carmem</b>	<input type="checkbox"/> Ca	<input type="checkbox"/> Car	<input type="checkbox"/> Mem	
<b>Cleide</b>	<input type="checkbox"/> Clei	<input type="checkbox"/> Cle	<input type="checkbox"/> Ide	
<b>Celma</b>	<input type="checkbox"/> Cel	<input type="checkbox"/> Ma	<input type="checkbox"/> Celm	
<b>Flora</b>	<input type="checkbox"/> Flo	<input type="checkbox"/> Ra	<input type="checkbox"/> Flor	
<b>Célia</b>	<input type="checkbox"/> Cé	<input type="checkbox"/> Lia	<input type="checkbox"/> Céli	
<b>Alba</b>	<input type="checkbox"/> Alb	<input type="checkbox"/> Al	<input type="checkbox"/> Ba	
<b>Clara</b>	<input type="checkbox"/> Cla	<input type="checkbox"/> Ra	<input type="checkbox"/> Clar	
<b>Hilda</b>	<input type="checkbox"/> Hil	<input type="checkbox"/> Da	<input type="checkbox"/> Hild	
<b>Laís</b>	<input type="checkbox"/> La	<input type="checkbox"/> Ís	<input type="checkbox"/> Lai	
<b>Raimundo</b>	<input type="checkbox"/> Rai	<input type="checkbox"/> Mundo	<input type="checkbox"/> Raimu	
<b>Valdemar</b>	<input type="checkbox"/> Val	<input type="checkbox"/> Valde	<input type="checkbox"/> Mar	
<b>Augusto</b>	<input type="checkbox"/> Augus	<input type="checkbox"/> Gu	<input type="checkbox"/> Gusto	
<b>Diego</b>	<input type="checkbox"/> Di	<input type="checkbox"/> Die	<input type="checkbox"/> Ego	
<b>Gustavo</b>	<input type="checkbox"/> Gus	<input type="checkbox"/> Gusta	<input type="checkbox"/> Tavo	
<b>Felipe</b>	<input type="checkbox"/> Fe	<input type="checkbox"/> Feli	<input type="checkbox"/> Lipe	
<b>Irineu</b>	<input type="checkbox"/> Iri	<input type="checkbox"/> Neu	<input type="checkbox"/> Rine	
<b>Amarílio</b>	<input type="checkbox"/> Ama	<input type="checkbox"/> Rílio	<input type="checkbox"/> Marí	
<b>Nonato</b>	<input type="checkbox"/> no	<input type="checkbox"/> nato	<input type="checkbox"/> nona	
<b>Edilson</b>	<input type="checkbox"/> Edil	<input type="checkbox"/> Son	<input type="checkbox"/> Di	

**ANEXO B – Constituição mórfica dos antropônimos utilizados no instrumento de pesquisa.**

<b>Nome</b>	<b>Raiz ou Radical</b>	<b>Sufixo</b>
<i>Abel</i>	Abel	
<i>André</i>	André	
<i>César</i>	César	
<i>Cláudio</i>	Cláudio	
<i>Dirceu</i>	Dirceu	
<i>Gilmar</i>	Gil (Gilson)	Mar (Valdemar)
<i>Igor</i>	Igor	
<i>Luis</i>	Luis	
<i>João</i>	João	
<i>Lúcio</i>	Lúcio	
<i>Janice</i>	Jani (Janisa)	Ce (Marlice)
<i>Luciana</i>	Luci (Lucio)	Ana ( Fabiana)
<i>Rosângela</i>	Ros (Rose)	Ângela
<i>Talita</i>	Talita	
<i>Vanessa</i>	Vane (Vaneide)	Ssa (Talissa)
<i>Liliam</i>	Liliam	
<i>Paloma</i>	Paloma	
<i>Patrícia</i>	Patrícia	
<i>Elenice</i>	Eleni (Elenir)	Ce (Marlice)
<i>Gabriela</i>	Gabriela	
<i>Ana</i>	Ana	
<i>Carla</i>	Carla	
<i>Dalva</i>	Dalva	
<i>Eva</i>	Eva	
<i>Inês</i>	Inês	
<i>Júlia</i>	Júlia	
<i>Lara</i>	Lara	
<i>Cássia</i>	Cássia	
<i>Dilma</i>	Dil (Dilce)	Ma (Joelma)
<i>Elis</i>	Elis	
<i>Cassiano</i>	Cassi (Cássio)	Ano
<i>Daniel</i>	Daniel	
<i>Emílio</i>	Emília	
<i>Eduardo</i>	Eduardo	
<i>Ademar</i>	Ade (Ademir)	Mar (Gilmar)
<i>Bernardo</i>	Ber (Bernadete/Berenice)	Nardo (Leonardo)
<i>Faustino</i>	Faustino	
<i>Leandro</i>	Leandro	
<i>Marcelo</i>	Marcelo	
<i>Rafael</i>	Rafael	
<i>Lorena</i>	Lorena	

<b>Nome</b>	<b>Raiz ou Radical</b>	<b>Sufixo</b>
<i>Letícia</i>	Letícia	
<i>Isabela</i>	Isa (Isadora)	Bela (Florisbela)
<i>Ângela</i>	Ângela	
<i>Bianca</i>	Bianca	
<i>Daniela</i>	Daniela	
<i>Fernanda</i>	Fernanda	
<i>Heloísa</i>	Heloísa	
<i>Janáina</i>	Janáina	
<i>Janice</i>	Jani (Janilson)	Ce (Marlice)
<i>Alan</i>	Alan	
<i>Marcos</i>	Marcos	
<i>Cléber</i>	Cléber	
<i>Hélio</i>	Hélio	
<i>José</i>	José	
<i>Joel</i>	Joel	
<i>Paulo</i>	Paulo	
<i>Celso</i>	Celso	
<i>Bruno</i>	Bruno	
<i>Adão</i>	Adão	
<i>Ana</i>	Ana	
<i>Carmem</i>	Carmem	
<i>Cleide</i>	Cleide	
<i>Celma</i>	Cel (Celita)	Ma (Joelma)
<i>Flora</i>	Flora	
<i>Célia</i>	Célia	
<i>Alba</i>	Alba	
<i>Clara</i>	Clara	
<i>Hilda</i>	Hilda	
<i>Laís</i>	Laís	
<i>Raimundo</i>	Raimundo	
<i>Valdemar</i>	Valde (Valdecir)	Mar (Gilmar)
<i>Augusto</i>	Augusto	
<i>Diego</i>	Diego	
<i>Gustavo</i>	Gustavo	
<i>Felipe</i>	Felipe	
<i>Irineu</i>	Irineu	
<i>Amarílio</i>	Amarílio	
<i>Nonato</i>	Nonato	
<i>Edílson</i>	Edíl (Edílton)	Son (Gilson)

**ANEXO C – Rodada Inicial com a Distribuição da Variável Dependente pelas Variáveis Independentes.**

• CELL CREATION • 06/02/2011 11:58:29 .....

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

(11)

(12)

(13)

)

Number of cells: 813

Application value(s): 10

Total no. of factors: 33

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (2)	1	0		
a N	4662	3178	7840	61.2
%	59.5	40.5		
b N	3164	1796	4960	38.8
%	63.8	36.2		
Total N	7826	4974	12800	
%	61.1	38.9		
-----				
2 (3)	1	0		
d N	1790	0	1790	14.0
%	100.0	0.0		* KnockOut *
c N	1047	1104	2151	16.8
%	48.7	51.3		
g N	2727	0	2727	21.3

	%	100.0	0.0		* KnockOut *
e	N	1906	2505	4411	34.5
	%	43.2	56.8		
f	N	356	1365	1721	13.4
	%	20.7	79.3		
-----					
Total	N	7826	4974	12800	
	%	61.1	38.9		
-----					
3 (4)		1	0		
j	N	2047	0	2047	16.0
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
k	N	355	4974	5329	41.6
	%	6.7	93.3		
h	N	4808	0	4808	37.6
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
l	N	228	0	228	1.8
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
i	N	388	0	388	3.0
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
-----					
Total	N	7826	4974	12800	
	%	61.1	38.9		
-----					
4 (5)		1	0		
m	N	3155	3245	6400	50.0
	%	49.3	50.7		
n	N	4671	1729	6400	50.0
	%	73.0	27.0		
-----					
Total	N	7826	4974	12800	
	%	61.1	38.9		
-----					
5 (6)		1	0		
o	N	4034	0	4034	31.5
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
p	N	3778	3273	7051	55.1
	%	53.6	46.4		
q	N	14	1701	1715	13.4



% 0.8 99.2

Total N 7826 4974 12800  
% 61.1 38.9

-----  
6 (7) 1 0  
s N 1713 1647 3360 26.2  
% 51.0 49.0

r N 6113 3327 9440 73.8  
% 64.8 35.2

Total N 7826 4974 12800  
% 61.1 38.9

-----  
7 (8) 1 0  
t N 6929 3342 10271 80.2  
% 67.5 32.5

u N 897 1632 2529 19.8  
% 35.5 64.5

Total N 7826 4974 12800  
% 61.1 38.9

-----  
8 (9) 1 0  
v N 7257 4359 11616 90.8  
% 62.5 37.5

z N 403 615 1018 8.0  
% 39.6 60.4

? N 166 0 166 1.3  
% 100.0 0.0 \* KnockOut \*

Total N 7826 4974 12800  
% 61.1 38.9

-----  
9 (10) 1 0  
4 N 6133 4974 11107 86.8  
% 55.2 44.8

3 N 1310 0 1310 10.2  
% 100.0 0.0 \* KnockOut \*

2 N 383 0 383 3.0  
% 100.0 0.0 \* KnockOut \*

Total N	7826	4974	12800	
%	61.1	38.9		
-----				
10 (11)	1	0		
5 N	3911	2489	6400	50.0
%	61.1	38.9		
6 N	3915	2485	6400	50.0
%	61.2	38.8		
Total N	7826	4974	12800	
%	61.1	38.9		
-----				
11 (12)	1	0		
7 N	4594	1806	6400	50.0
%	71.8	28.2		
8 N	3232	3168	6400	50.0
%	50.5	49.5		
Total N	7826	4974	12800	
%	61.1	38.9		
-----				
12 (13)	1	0		
w N	4295	2105	6400	50.0
%	67.1	32.9		
y N	3531	2869	6400	50.0
%	55.2	44.8		
Total N	7826	4974	12800	
%	61.1	38.9		
-----				
TOTAL N	7826	4974	12800	
%	61.1	38.9		

Name of new cell file: .cel

**ANEXO D** – Cruzamentos da Rodada Inicial com a Distribuição da Variável Dependente pelas Variáveis Independentes.

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 11:59:54 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #2 -- vertically.

	a %	b %	Σ %
d 1:	1096 100:	694 100	1790 100
0:	0 0:	0 0	0 0
Σ:	1096 :	694	1790
c 1:	666 38:	381 99	1047 49
0:	1102 62:	2 1	1104 51
Σ:	1768 :	383	2151
g 1:	1610 100:	1117 100	2727 100
0:	0 0:	0 0	0 0
Σ:	1610 :	1117	2727
e 1:	1152 50:	754 36	1906 43
0:	1154 50:	1351 64	2505 57
Σ:	2306 :	2105	4411
f 1:	138 13:	218 33	356 21
0:	922 87:	443 67	1365 79
Σ:	1060 :	661	1721
Σ 1:	4662 59:	3164 64	7826 61
0:	3178 41:	1796 36	4974 39
Σ:	7840 :	4960	12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 11:59:57 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #3 -- vertically.

	a %	b %	Σ %
--	-----	-----	-----

```

+-----+-----+-----
j 1: 1422 100: 625 100| 2047 100
0: 0 0: 0 0| 0 0
Σ: 1422 : 625 | 2047
+-----+-----+-----
k 1: 164 5: 191 10| 355 7
0: 3178 95: 1796 90| 4974 93
Σ: 3342 : 1987 | 5329
+-----+-----+-----
h 1: 2589 100: 2219 100| 4808 100
0: 0 0: 0 0| 0 0
Σ: 2589 : 2219 | 4808
+-----+-----+-----
l 1: 186 100: 42 100| 228 100
0: 0 0: 0 0| 0 0
Σ: 186 : 42 | 228
+-----+-----+-----
i 1: 301 100: 87 100| 388 100
0: 0 0: 0 0| 0 0
Σ: 301 : 87 | 388
+-----+-----+-----
Σ 1: 4662 59: 3164 64| 7826 61
0: 3178 41: 1796 36| 4974 39
Σ: 7840 : 4960 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:01 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.  
Group #4 -- vertically.

```

      a %   b %   Σ %
+-----+-----+-----
m 1: 2011 50: 1144 48| 3155 49
0: 1989 50: 1256 52| 3245 51
Σ: 4000 : 2400 | 6400
+-----+-----+-----
n 1: 2651 69: 2020 79| 4671 73
0: 1189 31: 540 21| 1729 27
Σ: 3840 : 2560 | 6400
+-----+-----+-----
Σ 1: 4662 59: 3164 64| 7826 61
0: 3178 41: 1796 36| 4974 39
Σ: 7840 : 4960 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:04 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #5 -- vertically.

	a %	b %	Σ %	
o 1:	2361	100:	1673	100  4034 100
0:	0	0:	0	0  0 0
Σ:	2361	:	1673	4034
p 1:	2294	53:	1484	54  3778 54
0:	2012	47:	1261	46  3273 46
Σ:	4306	:	2745	7051
q 1:	7	1:	7	1  14 1
0:	1166	99:	535	99  1701 99
Σ:	1173	:	542	1715
Σ 1:	4662	59:	3164	64  7826 61
0:	3178	41:	1796	36  4974 39
Σ:	7840	:	4960	12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:08 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #6 -- vertically.

	a %	b %	Σ %	
s 1:	1351	56:	362	38  1713 51
0:	1049	44:	598	62  1647 49
Σ:	2400	:	960	3360
r 1:	3311	61:	2802	70  6113 65
0:	2129	39:	1198	30  3327 35
Σ:	5440	:	4000	9440
Σ 1:	4662	59:	3164	64  7826 61
0:	3178	41:	1796	36  4974 39

$\Sigma$ : 7840 : 4960 |12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:11 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #7 -- vertically.

	a %	b %	$\Sigma$ %
+-----+-----+-----			
t 1:	4014 65:	2915 71	6929 67
0:	2143 35:	1199 29	3342 33
$\Sigma$ :	6157 : 4114	10271	
+-----+-----+-----			
u 1:	648 39:	249 29	897 35
0:	1035 61:	597 71	1632 65
$\Sigma$ :	1683 : 846	2529	
+-----+-----+-----			
$\Sigma$ 1:	4662 59:	3164 64	7826 61
0:	3178 41:	1796 36	4974 39
$\Sigma$ :	7840 : 4960	12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:13 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #8 -- vertically.

	a %	b %	$\Sigma$ %
+-----+-----+-----			
v 1:	4308 61:	2949 65	7257 62
0:	2768 39:	1591 35	4359 38
$\Sigma$ :	7076 : 4540	11616	
+-----+-----+-----			
z 1:	284 41:	119 37	403 40
0:	410 59:	205 63	615 60
$\Sigma$ :	694 : 324	1018	
+-----+-----+-----			
? 1:	70 100:	96 100	166 100
0:	0 0:	0 0	0 0
$\Sigma$ :	70 : 96	166	
+-----+-----+-----			

$\Sigma$  1: 4662 59: 3164 64| 7826 61  
 0: 3178 41: 1796 36| 4974 39  
 $\Sigma$ : 7840 : 4960 |12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:15 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #9 -- vertically.

a %	b %	$\Sigma$ %
+-----+-----+-----		
4 1: 3816	55: 2317	56  6133 55
0: 3178	45: 1796	44  4974 45
$\Sigma$ : 6994	: 4113	11107
+-----+-----+-----		
3 1: 717	100: 593	100  1310 100
0: 0	0: 0	0  0 0
$\Sigma$ : 717	: 593	1310
+-----+-----+-----		
2 1: 129	100: 254	100  383 100
0: 0	0: 0	0  0 0
$\Sigma$ : 129	: 254	383
+-----+-----+-----		
$\Sigma$ 1: 4662	59: 3164	64  7826 61
0: 3178	41: 1796	36  4974 39
$\Sigma$ : 7840	: 4960	12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:18 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.

Group #10 -- vertically.

a %	b %	$\Sigma$ %
+-----+-----+-----		
5 1: 2328	59: 1583	64  3911 61
0: 1592	41: 897	36  2489 39
$\Sigma$ : 3920	: 2480	6400
+-----+-----+-----		
6 1: 2334	60: 1581	64  3915 61
0: 1586	40: 899	36  2485 39

```

Σ: 3920 : 2480 | 6400
+-----+-----+-----
Σ 1: 4662 59: 3164 64| 7826 61
0: 3178 41: 1796 36| 4974 39
Σ: 7840 : 4960 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:22 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.  
 Group #11 -- vertically.

```

      a %   b %   Σ %
+-----+-----+-----
7 1: 2806 72: 1788 72| 4594 72
0: 1114 28: 692 28| 1806 28
Σ: 3920 : 2480 | 6400
+-----+-----+-----
8 1: 1856 47: 1376 55| 3232 50
0: 2064 53: 1104 45| 3168 50
Σ: 3920 : 2480 | 6400
+-----+-----+-----
Σ 1: 4662 59: 3164 64| 7826 61
0: 3178 41: 1796 36| 4974 39
Σ: 7840 : 4960 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:25 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #1 -- horizontally.  
 Group #12 -- vertically.

```

      a %   b %   Σ %
+-----+-----+-----
w 1: 2701 68: 1594 66| 4295 67
0: 1299 32: 806 34| 2105 33
Σ: 4000 : 2400 | 6400
+-----+-----+-----
y 1: 1961 51: 1570 61| 3531 55
0: 1879 49: 990 39| 2869 45
Σ: 3840 : 2560 | 6400
+-----+-----+-----

```



Σ 1: 4662 59: 3164 64| 7826 61  
 0: 3178 41: 1796 36| 4974 39  
 Σ: 7840 : 4960 |12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:31 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.

Group #3 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %
+-----+-----+-----+-----+-----+-----						
j 1:	492 100:	71 100:	0 --:	1182 100:	302 100	2047 100
0:	0 0:	0 0:	0 --:	0 0:	0 0	0 0
Σ:	492 :	71 :	0 :	1182 :	302	2047
+-----+-----+-----+-----+-----+-----						
k 1:	4 100:	114 9:	1 100:	232 8:	4 0	355 7
0:	0 0:	1104 91:	0 0:	2505 92:	1365 100	4974 93
Σ:	4 :	1218 :	1 :	2737 :	1369	5329
+-----+-----+-----+-----+-----+-----						
h 1:	1189 100:	764 100:	2663 100:	179 100:	13 100	4808 100
0:	0 0:	0 0:	0 0:	0 0:	0 0	0 0
Σ:	1189 :	764 :	2663 :	179 :	13	4808
+-----+-----+-----+-----+-----+-----						
l 1:	105 100:	27 100:	63 100:	0 --:	33 100	228 100
0:	0 0:	0 0:	0 0:	0 --:	0 0	0 0
Σ:	105 :	27 :	63 :	0 :	33	228
+-----+-----+-----+-----+-----+-----						
i 1:	0 --:	71 100:	0 --:	313 100:	4 100	388 100
0:	0 --:	0 0:	0 --:	0 0:	0 0	0 0
Σ:	0 :	71 :	0 :	313 :	4	388
+-----+-----+-----+-----+-----+-----						
Σ 1:	1790 100:	1047 49:	2727 100:	1906 43:	356 21	7826 61
0:	0 0:	1104 51:	0 0:	2505 57:	1365 79	4974 39
Σ:	1790 :	2151 :	2727 :	4411 :	1721	12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:39 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.

Group #4 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %						
m 1:	1620	100:	193	18:	498	100:	573	19:	271	100	3155	49
0:	0	0:	867	82:	0	0:	2378	81:	0	0	3245	51
Σ:	1620	:	1060	:	498	:	2951	:	271		6400	
n 1:	170	100:	854	78:	2229	100:	1333	91:	85	6	4671	73
0:	0	0:	237	22:	0	0:	127	9:	1365	94	1729	27
Σ:	170	:	1091	:	2229	:	1460	:	1450		6400	
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906	43:	356	21	7826	61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505	57:	1365	79	4974	39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411	:	1721		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:42 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.  
 Group #5 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %						
o 1:	1766	100:	190	100:	1505	100:	258	100:	315	100	4034	100
0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
Σ:	1766	:	190	:	1505	:	258	:	315		4034	
p 1:	24	100:	856	50:	1222	100:	1646	41:	30	65	3778	54
0:	0	0:	870	50:	0	0:	2387	59:	16	35	3273	46
Σ:	24	:	1726	:	1222	:	4033	:	46		7051	
q 1:	0	--:	1	0:	0	--:	2	2:	11	1	14	1
0:	0	--:	234	100:	0	--:	118	98:	1349	99	1701	99
Σ:	0	:	235	:	0	:	120	:	1360		1715	
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906	43:	356	21	7826	61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505	57:	1365	79	4974	39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411	:	1721		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:46 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.

Group #6 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %						
s 1:	534	100:	280	32:	330	100:	409	36:	160	32	1713	51
0:	0	0:	589	68:	0	0:	723	64:	335	68	1647	49
Σ:	534	:	869	:	330	:	1132	:	495		3360	
r 1:	1256	100:	767	60:	2397	100:	1497	46:	196	16	6113	65
0:	0	0:	515	40:	0	0:	1782	54:	1030	84	3327	35
Σ:	1256	:	1282	:	2397	:	3279	:	1226		9440	
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906	43:	356	21	7826	61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505	57:	1365	79	4974	39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411	:	1721		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:49 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.

Group #7 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %						
t 1:	1725	100:	842	62:	2455	100:	1554	46:	353	25	6929	67
0:	0	0:	517	38:	0	0:	1788	54:	1037	75	3342	33
Σ:	1725	:	1359	:	2455	:	3342	:	1390		10271	
u 1:	65	100:	205	26:	272	100:	352	33:	3	1	897	35
0:	0	0:	587	74:	0	0:	717	67:	328	99	1632	65
Σ:	65	:	792	:	272	:	1069	:	331		2529	
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906	43:	356	21	7826	61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505	57:	1365	79	4974	39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411	:	1721		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:52 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.

Group #8 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %						
v 1:	1764	100:	988	51:	2725	100:	1456	38:	324	24	7257	62
0:	0	0:	947	49:	0	0:	2365	62:	1047	76	4359	38
Σ:	1764	:	1935	:	2725	:	3821	:	1371		11616	
z 1:	1	100:	58	27:	2	100:	338	71:	4	1	403	40
0:	0	0:	157	73:	0	0:	140	29:	318	99	615	60
Σ:	1	:	215	:	2	:	478	:	322		1018	
? 1:	25	100:	1	100:	0	--:	112	100:	28	100	166	100
0:	0	0:	0	0:	0	--:	0	0:	0	0	0	0
Σ:	25	:	1	:	0	:	112	:	28		166	
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906	43:	356	21	7826	61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505	57:	1365	79	4974	39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411	:	1721		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:00:56 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.  
 Group #9 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %						
4 1:	1397	100:	598	35:	2455	100:	1332	35:	351	20	6133	55
0:	0	0:	1104	65:	0	0:	2505	65:	1365	80	4974	45
Σ:	1397	:	1702	:	2455	:	3837	:	1716		11107	
3 1:	391	100:	305	100:	272	100:	338	100:	4	100	1310	100
0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
Σ:	391	:	305	:	272	:	338	:	4		1310	
2 1:	2	100:	144	100:	0	--:	236	100:	1	100	383	100
0:	0	0:	0	0:	0	--:	0	0:	0	0	0	0
Σ:	2	:	144	:	0	:	236	:	1		383	
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906	43:	356	21	7826	61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505	57:	1365	79	4974	39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411	:	1721		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:00 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29

- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.  
Group #10 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %	
5 1:	902	100:	511	46:	1461	100:	886 41: 151 19  3911 61
0:	0	0:	590	54:	0	0:	1251 59: 648 81  2489 39
Σ:	902	:	1101	:	1461	:	2137 : 799   6400
6 1:	888	100:	536	51:	1266	100:	1020 45: 205 22  3915 61
0:	0	0:	514	49:	0	0:	1254 55: 717 78  2485 39
Σ:	888	:	1050	:	1266	:	2274 : 922   6400
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906 43: 356 21  7826 61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505 57: 1365 79  4974 39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411 : 1721   12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:03 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.  
Group #11 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %	
7 1:	1131	100:	651	62:	1452	100:	1089 54: 271 35  4594 72
0:	0	0:	393	38:	0	0:	910 46: 503 65  1806 28
Σ:	1131	:	1044	:	1452	:	1999 : 774   6400
8 1:	659	100:	396	36:	1275	100:	817 34: 85 9  3232 50
0:	0	0:	711	64:	0	0:	1595 66: 862 91  3168 50
Σ:	659	:	1107	:	1275	:	2412 : 947   6400
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906 43: 356 21  7826 61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505 57: 1365 79  4974 39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411 : 1721   12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:05 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #2 -- horizontally.  
 Group #12 -- vertically.

	d %	c %	g %	e %	f %	Σ %						
w 1:	1041	100:	563	48:	1651	100:	934	49:	106	17	4295	67
0:	0	0:	600	52:	0	0:	983	51:	522	83	2105	33
Σ:	1041	:	1163	:	1651	:	1917	:	628		6400	
y 1:	749	100:	484	49:	1076	100:	972	39:	250	23	3531	55
0:	0	0:	504	51:	0	0:	1522	61:	843	77	2869	45
Σ:	749	:	988	:	1076	:	2494	:	1093		6400	
Σ 1:	1790	100:	1047	49:	2727	100:	1906	43:	356	21	7826	61
0:	0	0:	1104	51:	0	0:	2505	57:	1365	79	4974	39
Σ:	1790	:	2151	:	2727	:	4411	:	1721		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:08 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #3 -- horizontally.  
 Group #4 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %						
m 1:	710	100:	348	10:	1716	100:	0	--:	381	100	3155	49
0:	0	0:	3245	90:	0	0:	0	--:	0	0	3245	51
Σ:	710	:	3593	:	1716	:	0	:	381		6400	
n 1:	1337	100:	7	0:	3092	100:	228	100:	7	100	4671	73
0:	0	0:	1729	100:	0	0:	0	0:	0	0	1729	27
Σ:	1337	:	1736	:	3092	:	228	:	7		6400	
Σ 1:	2047	100:	355	7:	4808	100:	228	100:	388	100	7826	61
0:	0	0:	4974	93:	0	0:	0	0:	0	0	4974	39
Σ:	2047	:	5329	:	4808	:	228	:	388		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:12 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #3 -- horizontally.

Group #5 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %
o 1:	782 100:	327 100:	2726 100:	199 100:	0 --	4034 100
0:	0 0:	0 0:	0 0:	0 0:	0 --	0 0
Σ:	782 :	327 :	2726 :	199 :	0	4034
p 1:	1256 100:	26 1:	2082 100:	29 100:	385 100	3778 54
0:	0 0:	3273 99:	0 0:	0 0:	0 0	3273 46
Σ:	1256 :	3299 :	2082 :	29 :	385	7051
q 1:	9 100:	2 0:	0 --:	0 --:	3 100	14 1
0:	0 0:	1701 100:	0 --:	0 --:	0 0	1701 99
Σ:	9 :	1703 :	0 :	0 :	3	1715
Σ 1:	2047 100:	355 7:	4808 100:	228 100:	388 100	7826 61
0:	0 0:	4974 93:	0 0:	0 0:	0 0	4974 39
Σ:	2047 :	5329 :	4808 :	228 :	388	12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:15 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.end

Group #3 -- horizontally.

Group #6 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %
s 1:	828 100:	117 7:	460 100:	217 100:	91 100	1713 51
0:	0 0:	1647 93:	0 0:	0 0:	0 0	1647 49
Σ:	828 :	1764 :	460 :	217 :	91	3360
r 1:	1219 100:	238 7:	4348 100:	11 100:	297 100	6113 65
0:	0 0:	3327 93:	0 0:	0 0:	0 0	3327 35
Σ:	1219 :	3565 :	4348 :	11 :	297	9440
Σ 1:	2047 100:	355 7:	4808 100:	228 100:	388 100	7826 61
0:	0 0:	4974 93:	0 0:	0 0:	0 0	4974 39
Σ:	2047 :	5329 :	4808 :	228 :	388	12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:18 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.end

Group #3 -- horizontally.  
 Group #7 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %						
t 1:	1866	100:	244	7:	4359	100:	228	100:	232	100	6929	67
0:	0	0:	3342	93:	0	0:	0	0:	0	0	3342	33
Σ:	1866	:	3586	:	4359	:	228	:	232		10271	
u 1:	181	100:	111	6:	449	100:	0	--:	156	100	897	35
0:	0	0:	1632	94:	0	0:	0	--:	0	0	1632	65
Σ:	181	:	1743	:	449	:	0	:	156		2529	
Σ 1:	2047	100:	355	7:	4808	100:	228	100:	388	100	7826	61
0:	0	0:	4974	93:	0	0:	0	0:	0	0	4974	39
Σ:	2047	:	5329	:	4808	:	228	:	388		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:20 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #3 -- horizontally.  
 Group #8 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %						
v 1:	1516	100:	343	7:	4785	100:	228	100:	385	100	7257	62
0:	0	0:	4359	93:	0	0:	0	0:	0	0	4359	38
Σ:	1516	:	4702	:	4785	:	228	:	385		11616	
z 1:	366	100:	12	2:	23	100:	0	--:	2	100	403	40
0:	0	0:	615	98:	0	0:	0	--:	0	0	615	60
Σ:	366	:	627	:	23	:	0	:	2		1018	
? 1:	165	100:	0	--:	0	--:	0	--:	1	100	166	100
0:	0	0:	0	--:	0	--:	0	--:	0	0	0	0
Σ:	165	:	0	:	0	:	0	:	1		166	
Σ 1:	2047	100:	355	7:	4808	100:	228	100:	388	100	7826	61
0:	0	0:	4974	93:	0	0:	0	0:	0	0	4974	39
Σ:	2047	:	5329	:	4808	:	228	:	388		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:23 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29



- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #3 -- horizontally.  
 Group #9 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %	
4 1:	1860	100:	42	1: 4044	100:	153	100: 34 100  6133 55
0:	0	0: 4974	99:	0	0: 0	0: 0	0  4974 45
Σ:	1860	:	5016	:	4044	:	153 : 34  11107
3 1:	166	100:	16	100:	707	100:	74 100: 347 100  1310 100
0:	0	0: 0	0: 0	0: 0	0: 0	0: 0	0  0 0
Σ:	166	:	16	:	707	:	74 : 347  1310
2 1:	21	100:	297	100:	57	100:	1 100: 7 100  383 100
0:	0	0: 0	0: 0	0: 0	0: 0	0: 0	0  0 0
Σ:	21	:	297	:	57	:	1 : 7   383
Σ 1:	2047	100:	355	7: 4808	100:	228	100: 388 100  7826 61
0:	0	0: 4974	93:	0	0: 0	0: 0	0  4974 39
Σ:	2047	:	5329	:	4808	:	228 : 388  12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:38 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #3 -- horizontally.  
 Group #10 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %	
5 1:	948	100:	161	6: 2523	100:	103	100: 176 100  3911 61
0:	0	0: 2489	94:	0	0: 0	0: 0	0  2489 39
Σ:	948	:	2650	:	2523	:	103 : 176  6400
6 1:	1099	100:	194	7: 2285	100:	125	100: 212 100  3915 61
0:	0	0: 2485	93:	0	0: 0	0: 0	0  2485 39
Σ:	1099	:	2679	:	2285	:	125 : 212  6400
Σ 1:	2047	100:	355	7: 4808	100:	228	100: 388 100  7826 61
0:	0	0: 4974	93:	0	0: 0	0: 0	0  4974 39
Σ:	2047	:	5329	:	4808	:	228 : 388  12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:41 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #3 -- horizontally.  
 Group #11 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %						
7 1:	1214	100:	231	11:	2753	100:	134	100:	262	100	4594	72
0:	0	0:	1806	89:	0	0:	0	0:	0	0	1806	28
Σ:	1214	:	2037	:	2753	:	134	:	262		6400	
8 1:	833	100:	124	4:	2055	100:	94	100:	126	100	3232	50
0:	0	0:	3168	96:	0	0:	0	0:	0	0	3168	50
Σ:	833	:	3292	:	2055	:	94	:	126		6400	
Σ 1:	2047	100:	355	7:	4808	100:	228	100:	388	100	7826	61
0:	0	0:	4974	93:	0	0:	0	0:	0	0	4974	39
Σ:	2047	:	5329	:	4808	:	228	:	388		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:46 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #3 -- horizontally.  
 Group #12 -- vertically.

	j %	k %	h %	l %	i %	Σ %						
w 1:	1092	100:	117	5:	2853	100:	76	100:	157	100	4295	67
0:	0	0:	2105	95:	0	0:	0	0:	0	0	2105	33
Σ:	1092	:	2222	:	2853	:	76	:	157		6400	
y 1:	955	100:	238	8:	1955	100:	152	100:	231	100	3531	55
0:	0	0:	2869	92:	0	0:	0	0:	0	0	2869	45
Σ:	955	:	3107	:	1955	:	152	:	231		6400	
Σ 1:	2047	100:	355	7:	4808	100:	228	100:	388	100	7826	61
0:	0	0:	4974	93:	0	0:	0	0:	0	0	4974	39
Σ:	2047	:	5329	:	4808	:	228	:	388		12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:48 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29

- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #4 -- horizontally.  
 Group #5 -- vertically.

```

      m %   n %   Σ %
+-----+-----+-----
o 1: 2710 100: 1324 100| 4034 100
0:   0  0:   0  0|   0  0
Σ: 2710   : 1324   | 4034
+-----+-----+-----
p 1:  444 12: 3334 99| 3778 54
0: 3245 88:   28  1| 3273 46
Σ: 3689   : 3362   | 7051
+-----+-----+-----
q 1:   1 100:   13  1|   14  1
0:   0  0: 1701 99| 1701 99
Σ:   1   : 1714   | 1715
+-----+-----+-----
Σ 1: 3155 49: 4671 73| 7826 61
0: 3245 51: 1729 27| 4974 39
Σ: 6400   : 6400   |12800
    
```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:53 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #4 -- horizontally.  
 Group #6 -- vertically.

```

      m %   n %   Σ %
+-----+-----+-----
s 1:  704 40: 1009 63| 1713 51
0: 1056 60:   591 37| 1647 49
Σ: 1760   : 1600   | 3360
+-----+-----+-----
r 1: 2451 53: 3662 76| 6113 65
0: 2189 47: 1138 24| 3327 35
Σ: 4640   : 4800   | 9440
+-----+-----+-----
Σ 1: 3155 49: 4671 73| 7826 61
0: 3245 51: 1729 27| 4974 39
Σ: 6400   : 6400   |12800
    
```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:55 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #4 -- horizontally.  
Group #7 -- vertically.

	m %	n %	Σ %
t 1:	2809 56:	4120 78	6929 67
0:	2194 44:	1148 22	3342 33
Σ:	5003 :	5268	10271
u 1:	346 25:	551 49	897 35
0:	1051 75:	581 51	1632 65
Σ:	1397 :	1132	2529
Σ 1:	3155 49:	4671 73	7826 61
0:	3245 51:	1729 27	4974 39
Σ:	6400 :	6400	12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:01:57 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #4 -- horizontally.  
Group #8 -- vertically.

	m %	n %	Σ %
v 1:	3127 50:	4130 76	7257 62
0:	3081 50:	1278 24	4359 38
Σ:	6208 :	5408	11616
z 1:	13 7:	390 46	403 40
0:	164 93:	451 54	615 60
Σ:	177 :	841	1018
? 1:	15 100:	151 100	166 100
0:	0 0:	0 0	0 0
Σ:	15 :	151	166
Σ 1:	3155 49:	4671 73	7826 61
0:	3245 51:	1729 27	4974 39
Σ:	6400 :	6400	12800

• CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:00 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #4 -- horizontally.

Group #9 -- vertically.

	m %	n %	Σ %
4 1:	2078	39: 4055	70  6133 55
0:	3245	61: 1729	30  4974 45
Σ:	5323	: 5784	11107
3 1:	768	100: 542	100  1310 100
0:	0	0: 0	0  0 0
Σ:	768	: 542	1310
2 1:	309	100: 74	100  383 100
0:	0	0: 0	0  0 0
Σ:	309	: 74	383
Σ 1:	3155	49: 4671	73  7826 61
0:	3245	51: 1729	27  4974 39
Σ:	6400	: 6400	12800

• CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:05 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #4 -- horizontally.

Group #10 -- vertically.

	m %	n %	Σ %
5 1:	1549	48: 2362	74  3911 61
0:	1651	52: 838	26  2489 39
Σ:	3200	: 3200	6400
6 1:	1606	50: 2309	72  3915 61
0:	1594	50: 891	28  2485 39
Σ:	3200	: 3200	6400
Σ 1:	3155	49: 4671	73  7826 61

0: 3245 51: 1729 27| 4974 39  
 $\Sigma$ : 6400 : 6400 |12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:13 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #4 -- horizontally.  
 Group #11 -- vertically.

	m %	n %	$\Sigma$ %
7 1: 2035 64: 2559 80  4594 72			
0: 1165 36: 641 20  1806 28			
$\Sigma$ : 3200 : 3200   6400			
8 1: 1120 35: 2112 66  3232 50			
0: 2080 65: 1088 34  3168 50			
$\Sigma$ : 3200 : 3200   6400			
$\Sigma$ 1: 3155 49: 4671 73  7826 61			
0: 3245 51: 1729 27  4974 39			
$\Sigma$ : 6400 : 6400  12800			

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:18 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #4 -- horizontally.  
 Group #12 -- vertically.

	m %	n %	$\Sigma$ %
w 1: 1750 55: 2545 80  4295 67			
0: 1450 45: 655 20  2105 33			
$\Sigma$ : 3200 : 3200   6400			
y 1: 1405 44: 2126 66  3531 55			
0: 1795 56: 1074 34  2869 45			
$\Sigma$ : 3200 : 3200   6400			
$\Sigma$ 1: 3155 49: 4671 73  7826 61			
0: 3245 51: 1729 27  4974 39			
$\Sigma$ : 6400 : 6400  12800			

• CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:24 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #5 -- horizontally.

Group #6 -- vertically.

	o %	p %	q %	Σ %
+-----+-----+-----+-----				
s 1:	865 100:	844 44:	4 1	1713 51
0:	0 0:	1067 56:	580 99	1647 49
Σ:	865 :	1911 :	584	3360
+-----+-----+-----+-----				
r 1:	3169 100:	2934 57:	10 1	6113 65
0:	0 0:	2206 43:	1121 99	3327 35
Σ:	3169 :	5140 :	1131	9440
+-----+-----+-----+-----				
Σ 1:	4034 100:	3778 54:	14 1	7826 61
0:	0 0:	3273 46:	1701 99	4974 39
Σ:	4034 :	7051 :	1715	12800

• CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:28 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #5 -- horizontally.

Group #7 -- vertically.

	o %	p %	q %	Σ %
+-----+-----+-----+-----				
t 1:	3856 100:	3062 58:	11 1	6929 67
0:	0 0:	2212 42:	1130 99	3342 33
Σ:	3856 :	5274 :	1141	10271
+-----+-----+-----+-----				
u 1:	178 100:	716 40:	3 1	897 35
0:	0 0:	1061 60:	571 99	1632 65
Σ:	178 :	1777 :	574	2529
+-----+-----+-----+-----				
Σ 1:	4034 100:	3778 54:	14 1	7826 61
0:	0 0:	3273 46:	1701 99	4974 39
Σ:	4034 :	7051 :	1715	12800

• CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:30 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #5 -- horizontally.  
 Group #8 -- vertically.

	o %	p %	q %	Σ %
v 1:	3948	100:	3298	52:
0:	0	0:	3098	48:
Σ:	3948	:	6396	:
z 1:	15	100:	385	69:
0:	0	0:	175	31:
Σ:	15	:	560	:
? 1:	71	100:	95	100:
0:	0	0:	0	0:
Σ:	71	:	95	:
Σ 1:	4034	100:	3778	54:
0:	0	0:	3273	46:
Σ:	4034	:	7051	:

• CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:33 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #5 -- horizontally.  
 Group #9 -- vertically.

	o %	p %	q %	Σ %
4 1:	3135	100:	2986	48:
0:	0	0:	3273	52:
Σ:	3135	:	6259	:
3 1:	524	100:	785	100:
0:	0	0:	0	0:
Σ:	524	:	785	:
2 1:	375	100:	7	100:
0:	0	0:	0	0:
Σ:	375	:	7	:



```

+-----+-----+-----+-----
Σ 1: 4034 100: 3778 54: 14 1| 7826 61
0: 0 0: 3273 46: 1701 99| 4974 39
Σ: 4034 : 7051 : 1715 |12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:37 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #5 -- horizontally.  
 Group #10 -- vertically.

```

o % p % q % Σ %
+-----+-----+-----+-----
5 1: 2071 100: 1831 53: 9 1| 3911 61
0: 0 0: 1654 47: 835 99| 2489 39
Σ: 2071 : 3485 : 844 | 6400

```

```

+-----+-----+-----+-----
6 1: 1963 100: 1947 55: 5 1| 3915 61
0: 0 0: 1619 45: 866 99| 2485 39
Σ: 1963 : 3566 : 871 | 6400

```

```

+-----+-----+-----+-----
Σ 1: 4034 100: 3778 54: 14 1| 7826 61
0: 0 0: 3273 46: 1701 99| 4974 39
Σ: 4034 : 7051 : 1715 |12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:39 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #5 -- horizontally.  
 Group #11 -- vertically.

```

o % p % q % Σ %
+-----+-----+-----+-----
7 1: 2448 100: 2140 65: 6 1| 4594 72
0: 0 0: 1167 35: 639 99| 1806 28
Σ: 2448 : 3307 : 645 | 6400

```

```

+-----+-----+-----+-----
8 1: 1586 100: 1638 44: 8 1| 3232 50
0: 0 0: 2106 56: 1062 99| 3168 50
Σ: 1586 : 3744 : 1070 | 6400

```

```

+-----+-----+-----+-----
Σ 1: 4034 100: 3778 54: 14 1| 7826 61

```

0: 0 0: 3273 46: 1701 99| 4974 39  
Σ: 4034 : 7051 : 1715 |12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:42 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #5 -- horizontally.  
Group #12 -- vertically.

	o %	p %	q %	Σ %
w 1:	2170	100:	2124	59: 1 0  4295 67
0:	0	0:	1467	41: 638 100  2105 33
Σ:	2170	:	3591	: 639   6400
y 1:	1864	100:	1654	48: 13 1  3531 55
0:	0	0:	1806	52: 1063 99  2869 45
Σ:	1864	:	3460	: 1076   6400
Σ 1:	4034	100:	3778	54: 14 1  7826 61
0:	0	0:	3273	46: 1701 99  4974 39
Σ:	4034	:	7051	: 1715  12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:49 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #6 -- horizontally.  
Group #7 -- vertically.

	s %	r %	Σ %
t 1:	1039	98:	5890 64  6929 67
0:	16	2:	3326 36  3342 33
Σ:	1055	:	9216  10271
u 1:	674	29:	223 100  897 35
0:	1631	71:	1 0  1632 65
Σ:	2305	:	224   2529
Σ 1:	1713	51:	6113 65  7826 61
0:	1647	49:	3327 35  4974 39
Σ:	3360	:	9440  12800

• CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:51 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #6 -- horizontally.

Group #8 -- vertically.

	s %	r %	Σ %
v 1:	1489 51:	5768 66	7257 62
0:	1448 49:	2911 34	4359 38
Σ:	2937 :	8679	11616
z 1:	143 42:	260 38	403 40
0:	199 58:	416 62	615 60
Σ:	342 :	676	1018
? 1:	81 100:	85 100	166 100
0:	0 0:	0 0	0 0
Σ:	81 :	85	166
Σ 1:	1713 51:	6113 65	7826 61
0:	1647 49:	3327 35	4974 39
Σ:	3360 :	9440	12800

• CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:55 .....

- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #6 -- horizontally.

Group #9 -- vertically.

	s %	r %	Σ %
4 1:	1277 44:	4856 59	6133 55
0:	1647 56:	3327 41	4974 45
Σ:	2924 :	8183	11107
3 1:	315 100:	995 100	1310 100
0:	0 0:	0 0	0 0
Σ:	315 :	995	1310
2 1:	121 100:	262 100	383 100

```

0: 0 0: 0 0| 0 0
Σ: 121 : 262 | 383
+-----+-----+-----
Σ 1: 1713 51: 6113 65| 7826 61
0: 1647 49: 3327 35| 4974 39
Σ: 3360 : 9440 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:02:57 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #6 -- horizontally.  
 Group #10 -- vertically.

```

      s %   r %   Σ %
+-----+-----+-----
5 1: 833 50: 3078 65| 3911 61
0: 847 50: 1642 35| 2489 39
Σ: 1680 : 4720 | 6400
+-----+-----+-----
6 1: 880 52: 3035 64| 3915 61
0: 800 48: 1685 36| 2485 39
Σ: 1680 : 4720 | 6400
+-----+-----+-----
Σ 1: 1713 51: 6113 65| 7826 61
0: 1647 49: 3327 35| 4974 39
Σ: 3360 : 9440 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:00 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #6 -- horizontally.  
 Group #11 -- vertically.

```

      s %   r %   Σ %
+-----+-----+-----
7 1: 1072 64: 3522 75| 4594 72
0: 608 36: 1198 25| 1806 28
Σ: 1680 : 4720 | 6400
+-----+-----+-----
8 1: 641 38: 2591 55| 3232 50
0: 1039 62: 2129 45| 3168 50
Σ: 1680 : 4720 | 6400

```

```

+-----+-----+-----
Σ 1: 1713 51: 6113 65| 7826 61
0: 1647 49: 3327 35| 4974 39
Σ: 3360 : 9440 |12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:04 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #6 -- horizontally.  
Group #12 -- vertically.

```

      s %   r %   Σ %
+-----+-----+-----
w 1: 958 54: 3337 72| 4295 67
0: 802 46: 1303 28| 2105 33
Σ: 1760 : 4640 | 6400

```

```

+-----+-----+-----
y 1: 755 47: 2776 58| 3531 55
0: 845 53: 2024 42| 2869 45
Σ: 1600 : 4800 | 6400

```

```

+-----+-----+-----
Σ 1: 1713 51: 6113 65| 7826 61
0: 1647 49: 3327 35| 4974 39
Σ: 3360 : 9440 |12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:06 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #7 -- horizontally.  
Group #8 -- vertically.

```

      t %   u %   Σ %
+-----+-----+-----
v 1: 6400 69: 857 37| 7257 62
0: 2921 31: 1438 63| 4359 38
Σ: 9321 : 2295 |11616

```

```

+-----+-----+-----
z 1: 399 49: 4 2| 403 40
0: 421 51: 194 98| 615 60
Σ: 820 : 198 | 1018

```

```

+-----+-----+-----
? 1: 130 100: 36 100| 166 100

```

0: 0 0: 0 0| 0 0  
 $\Sigma$ : 130 : 36 | 166

+-----+-----+-----  
 $\Sigma$  1: 6929 67: 897 35| 7826 61  
 0: 3342 33: 1632 65| 4974 39  
 $\Sigma$ : 10271 : 2529 | 12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:15 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #7 -- horizontally.  
 Group #9 -- vertically.

t % u %  $\Sigma$  %  
 +-----+-----+-----  
 4 1: 5523 62: 610 27| 6133 55  
 0: 3342 38: 1632 73| 4974 45  
 $\Sigma$ : 8865 : 2242 | 11107

+-----+-----+-----  
 3 1: 1119 100: 191 100| 1310 100  
 0: 0 0: 0 0| 0 0  
 $\Sigma$ : 1119 : 191 | 1310

+-----+-----+-----  
 2 1: 287 100: 96 100| 383 100  
 0: 0 0: 0 0| 0 0  
 $\Sigma$ : 287 : 96 | 383

+-----+-----+-----  
 $\Sigma$  1: 6929 67: 897 35| 7826 61  
 0: 3342 33: 1632 65| 4974 39  
 $\Sigma$ : 10271 : 2529 | 12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:22 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #7 -- horizontally.  
 Group #10 -- vertically.

t % u %  $\Sigma$  %  
 +-----+-----+-----  
 5 1: 3472 68: 439 34| 3911 61  
 0: 1645 32: 844 66| 2489 39  
 $\Sigma$ : 5117 : 1283 | 6400  
 +-----+-----+-----

```

6 1: 3457 67: 458 37| 3915 61
0: 1697 33: 788 63| 2485 39
Σ: 5154 : 1246 | 6400
+-----+-----+-----
Σ 1: 6929 67: 897 35| 7826 61
0: 3342 33: 1632 65| 4974 39
Σ: 10271 : 2529 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:24 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #7 -- horizontally.  
Group #11 -- vertically.

```

      t %   u %   Σ %
+-----+-----+-----
7 1: 4005 77: 589 50| 4594 72
0: 1208 23: 598 50| 1806 28
Σ: 5213 : 1187 | 6400
+-----+-----+-----
8 1: 2924 58: 308 23| 3232 50
0: 2134 42: 1034 77| 3168 50
Σ: 5058 : 1342 | 6400
+-----+-----+-----
Σ 1: 6929 67: 897 35| 7826 61
0: 3342 33: 1632 65| 4974 39
Σ: 10271 : 2529 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:27 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #7 -- horizontally.  
Group #12 -- vertically.

```

      t %   u %   Σ %
+-----+-----+-----
w 1: 3851 75: 444 36| 4295 67
0: 1311 25: 794 64| 2105 33
Σ: 5162 : 1238 | 6400
+-----+-----+-----
y 1: 3078 60: 453 35| 3531 55
0: 2031 40: 838 65| 2869 45

```

```

Σ: 5109 : 1291 | 6400
+-----+-----+-----
Σ 1: 6929 67: 897 35| 7826 61
0: 3342 33: 1632 65| 4974 39
Σ:10271 : 2529 |12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:30 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #8 -- horizontally.  
 Group #9 -- vertically.

```

      v %   z %   ? %   Σ %
+-----+-----+-----+-----
4 1: 5637 56: 351 36: 145 100| 6133 55
0: 4359 44: 615 64: 0 0| 4974 45
Σ: 9996 : 966 : 145 |11107
+-----+-----+-----+-----
3 1: 1267 100: 43 100: 0 --| 1310 100
0: 0 0: 0 0: 0 --| 0 0
Σ: 1267 : 43 : 0 | 1310
+-----+-----+-----+-----
2 1: 353 100: 9 100: 21 100| 383 100
0: 0 0: 0 0: 0 0| 0 0
Σ: 353 : 9 : 21 | 383
+-----+-----+-----+-----
Σ 1: 7257 62: 403 40: 166 100| 7826 61
0: 4359 38: 615 60: 0 0| 4974 39
Σ:11616 : 1018 : 166 |12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:33 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #8 -- horizontally.  
 Group #10 -- vertically.

```

      v %   z %   ? %   Σ %
+-----+-----+-----+-----
5 1: 3636 62: 205 42: 70 100| 3911 61
0: 2204 38: 285 58: 0 0| 2489 39
Σ: 5840 : 490 : 70 | 6400
+-----+-----+-----+-----

```



```

6 1: 3621 63: 198 38: 96 100| 3915 61
0: 2155 37: 330 62: 0 0| 2485 39
Σ: 5776 : 528 : 96 | 6400
+-----+-----+-----+-----
Σ 1: 7257 62: 403 40: 166 100| 7826 61
0: 4359 38: 615 60: 0 0| 4974 39
Σ: 11616 : 1018 : 166 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:37 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #8 -- horizontally.  
 Group #11 -- vertically.

```

      v %   z %   ? %   Σ %
+-----+-----+-----+-----
7 1: 4310 73: 172 43: 112 100| 4594 72
0: 1577 27: 229 57: 0 0| 1806 28
Σ: 5887 : 401 : 112 | 6400
+-----+-----+-----+-----
8 1: 2947 51: 231 37: 54 100| 3232 50
0: 2782 49: 386 63: 0 0| 3168 50
Σ: 5729 : 617 : 54 | 6400
+-----+-----+-----+-----
Σ 1: 7257 62: 403 40: 166 100| 7826 61
0: 4359 38: 615 60: 0 0| 4974 39
Σ: 11616 : 1018 : 166 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:39 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #8 -- horizontally.  
 Group #12 -- vertically.

```

      v %   z %   ? %   Σ %
+-----+-----+-----+-----
w 1: 3882 69: 337 50: 76 100| 4295 67
0: 1768 31: 337 50: 0 0| 2105 33
Σ: 5650 : 674 : 76 | 6400
+-----+-----+-----+-----
y 1: 3375 57: 66 19: 90 100| 3531 55
0: 2591 43: 278 81: 0 0| 2869 45

```

```

Σ: 5966 : 344 : 90 | 6400
+-----+-----+-----+-----
Σ 1: 7257 62: 403 40: 166 100| 7826 61
0: 4359 38: 615 60: 0 0| 4974 39
Σ: 11616 : 1018 : 166 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:43 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #9 -- horizontally.  
 Group #10 -- vertically.

```

      4 %   3 %   2 %   Σ %
+-----+-----+-----+-----
5 1: 3055 55: 691 100: 165 100| 3911 61
0: 2489 45: 0 0: 0 0| 2489 39
Σ: 5544 : 691 : 165 | 6400
+-----+-----+-----+-----
6 1: 3078 55: 619 100: 218 100| 3915 61
0: 2485 45: 0 0: 0 0| 2485 39
Σ: 5563 : 619 : 218 | 6400
+-----+-----+-----+-----
Σ 1: 6133 55: 1310 100: 383 100| 7826 61
0: 4974 45: 0 0: 0 0| 4974 39
Σ: 11107 : 1310 : 383 | 12800

```

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:46 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #9 -- horizontally.  
 Group #11 -- vertically.

```

      4 %   3 %   2 %   Σ %
+-----+-----+-----+-----
7 1: 3615 67: 757 100: 222 100| 4594 72
0: 1806 33: 0 0: 0 0| 1806 28
Σ: 5421 : 757 : 222 | 6400
+-----+-----+-----+-----
8 1: 2518 44: 553 100: 161 100| 3232 50
0: 3168 56: 0 0: 0 0| 3168 50
Σ: 5686 : 553 : 161 | 6400
+-----+-----+-----+-----

```

Σ 1: 6133 55: 1310 100: 383 100| 7826 61  
 0: 4974 45: 0 0: 0 0| 4974 39  
 Σ: 11107 : 1310 : 383 | 12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:49 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #9 -- horizontally.  
 Group #12 -- vertically.

	4 %	3 %	2 %	Σ %
	+-----+	+-----+	+-----+	+-----
w 1:	3288	61: 915	100: 92	100  4295 67
0:	2105	39: 0	0: 0	0  2105 33
Σ:	5393	: 915	: 92	6400
	+-----+	+-----+	+-----+	+-----
y 1:	2845	50: 395	100: 291	100  3531 55
0:	2869	50: 0	0: 0	0  2869 45
Σ:	5714	: 395	: 291	6400
	+-----+	+-----+	+-----+	+-----
Σ 1:	6133	55: 1310	100: 383	100  7826 61
0:	4974	45: 0	0: 0	0  4974 39
Σ:	11107	: 1310	: 383	12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:54 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #10 -- horizontally.  
 Group #11 -- vertically.

	5 %	6 %	Σ %
	+-----+	+-----+	+-----
7 1:	2264	71: 2330	73  4594 72
0:	936	29: 870	27  1806 28
Σ:	3200	: 3200	6400
	+-----+	+-----+	+-----
8 1:	1647	51: 1585	50  3232 50
0:	1553	49: 1615	50  3168 50
Σ:	3200	: 3200	6400
	+-----+	+-----+	+-----
Σ 1:	3911	61: 3915	61  7826 61
0:	2489	39: 2485	39  4974 39

$\Sigma$ : 6400 : 6400 |12800

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:03:58 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #10 -- horizontally.  
Group #12 -- vertically.

	5 %	6 %	$\Sigma$ %
	+-----	+-----	+-----
w 1:	2243 70:	2052 64	4295 67
0:	957 30:	1148 36	2105 33
$\Sigma$ :	3200 : 3200	6400	
	+-----	+-----	+-----
y 1:	1668 52:	1863 58	3531 55
0:	1532 48:	1337 42	2869 45
$\Sigma$ :	3200 : 3200	6400	
	+-----	+-----	+-----
$\Sigma$ 1:	3911 61:	3915 61	7826 61
0:	2489 39:	2485 39	4974 39
$\Sigma$ :	6400 : 6400	12800	

- CROSS TABULATION • 06/02/2011 12:04:02 .....
- Cell file: .cel
- 06/02/2011 11:58:29
- Token file: Untitled.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #11 -- horizontally.  
Group #12 -- vertically.

	7 %	8 %	$\Sigma$ %
	+-----	+-----	+-----
w 1:	2375 74:	1920 60	4295 67
0:	825 26:	1280 40	2105 33
$\Sigma$ :	3200 : 3200	6400	
	+-----	+-----	+-----
y 1:	2219 69:	1312 41	3531 55
0:	981 31:	1888 59	2869 45
$\Sigma$ :	3200 : 3200	6400	
	+-----	+-----	+-----
$\Sigma$ 1:	4594 72:	3232 50	7826 61
0:	1806 28:	3168 50	4974 39
$\Sigma$ :	6400 : 6400	12800	

**ANEXO E** –Rodada Final *Load Cells to Memory e Binomial, Up and Down*

• CELL CREATION • 06/02/2011 12:09:19 .....

Name of token file: Untitled.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(8)

(9 (v (COL 9 v))

(z (COL 9 z))

(v (COL 9 x))

(z (COL 9 ?)))

(11)

(12)

(13)

)

Number of cells: 32

Application value(s): 10

Total no. of factors: 10

Group	1	0	Total	%
-----				
1 (8)	1	0		
t N	6929	3342	10271	80.2
%	67.5	32.5		
u N	897	1632	2529	19.8
%	35.5	64.5		
Total N	7826	4974	12800	
%	61.1	38.9		
-----				
2 (9)	1	0		
v N	7257	4359	11616	90.8
%	62.5	37.5		
z N	569	615	1184	9.2
%	48.1	51.9		
Total N	7826	4974	12800	
%	61.1	38.9		
-----				
3 (11)	1	0		
5 N	3911	2489	6400	50.0
%	61.1	38.9		

6 N 3915 2485 6400 50.0  
% 61.2 38.8

Total N 7826 4974 12800  
% 61.1 38.9

-----  
4 (12) 1 0  
7 N 4594 1806 6400 50.0  
% 71.8 28.2

8 N 3232 3168 6400 50.0  
% 50.5 49.5

Total N 7826 4974 12800  
% 61.1 38.9

-----  
5 (13) 1 0  
w N 4295 2105 6400 50.0  
% 67.1 32.9

y N 3531 2869 6400 50.0  
% 55.2 44.8

Total N 7826 4974 12800  
% 61.1 38.9

-----  
TOTAL N 7826 4974 12800  
% 61.1 38.9

Name of new cell file: .cel

• BINOMIAL VARBRUL • 06/02/2011 12:09:24 .....

Name of cell file: .cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.611

Log likelihood = -8551.871

----- Level # 1 -----

Run # 2, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.615

Group # 1 -- t: 0.565, u: 0.257

Log likelihood = -8124.170 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.612

Group # 2 -- v: 0.514, z: 0.370

Log likelihood = -8506.042 Significance = 0.000

Run # 4, 2 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.611

Group # 3 -- 5: 0.500, 6: 0.500

Log likelihood = -8551.869 Significance = 0.950

Run # 5, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.617

Group # 4 -- 7: 0.612, 8: 0.388

Log likelihood = -8243.873 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.613

Group # 5 -- w: 0.563, y: 0.437

Log likelihood = -8455.614 Significance = 0.000

Add Group # 1 with factors tu

----- Level # 2 -----

Run # 7, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.615

Group # 1 -- t: 0.566, u: 0.255

Group # 2 -- v: 0.514, z: 0.361

Log likelihood = -8075.099 Significance = 0.000

Run # 8, 4 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.615

Group # 1 -- t: 0.565, u: 0.257

Group # 3 -- 5: 0.501, 6: 0.499  
 Log likelihood = -8124.160 Significance = 0.890

Run # 9, 4 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.621  
 Group # 1 -- t: 0.567, u: 0.251  
 Group # 4 -- 7: 0.616, 8: 0.384  
 Log likelihood = -7816.927 Significance = 0.000

Run # 10, 4 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.616  
 Group # 1 -- t: 0.566, u: 0.254  
 Group # 5 -- w: 0.566, y: 0.434  
 Log likelihood = -8025.340 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors 78

----- Level # 3 -----

Run # 11, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.621  
 Group # 1 -- t: 0.567, u: 0.250  
 Group # 2 -- v: 0.514, z: 0.370  
 Group # 4 -- 7: 0.615, 8: 0.385  
 Log likelihood = -7775.820 Significance = 0.000

Run # 12, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.621  
 Group # 1 -- t: 0.567, u: 0.251  
 Group # 3 -- 5: 0.501, 6: 0.499  
 Group # 4 -- 7: 0.616, 8: 0.384  
 Log likelihood = -7816.917 Significance = 0.890

Run # 13, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.623  
 Group # 1 -- t: 0.568, u: 0.249  
 Group # 4 -- 7: 0.618, 8: 0.382  
 Group # 5 -- w: 0.569, y: 0.431  
 Log likelihood = -7713.006 Significance = 0.000

Add Group # 5 with factors wy

----- Level # 4 -----



Run # 14, 16 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.623

Group # 1 -- t: 0.568, u: 0.247

Group # 2 -- v: 0.516, z: 0.348

Group # 4 -- 7: 0.617, 8: 0.383

Group # 5 -- w: 0.574, y: 0.426

Log likelihood = -7658.051 Significance = 0.000

Run # 15, 16 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.623

Group # 1 -- t: 0.568, u: 0.249

Group # 3 -- 5: 0.501, 6: 0.499

Group # 4 -- 7: 0.618, 8: 0.382

Group # 5 -- w: 0.569, y: 0.431

Log likelihood = -7712.996 Significance = 0.890

Add Group # 2 with factors vz

----- Level # 5 -----

Run # 16, 32 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.623

Group # 1 -- t: 0.568, u: 0.247

Group # 2 -- v: 0.516, z: 0.348

Group # 3 -- 5: 0.500, 6: 0.500

Group # 4 -- 7: 0.617, 8: 0.383

Group # 5 -- w: 0.574, y: 0.426

Log likelihood = -7658.049 Significance = 0.963

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 1 4 5 2

Best stepping up run: #14

Stepping down...

----- Level # 5 -----

Run # 17, 32 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.623

Group # 1 -- t: 0.568, u: 0.247

Group # 2 -- v: 0.516, z: 0.348

Group # 3 -- 5: 0.500, 6: 0.500  
 Group # 4 -- 7: 0.617, 8: 0.383  
 Group # 5 -- w: 0.574, y: 0.426  
 Log likelihood = -7658.049

----- Level # 4 -----

Run # 18, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.619  
 Group # 2 -- v: 0.515, z: 0.358  
 Group # 3 -- 5: 0.499, 6: 0.501  
 Group # 4 -- 7: 0.613, 8: 0.387  
 Group # 5 -- w: 0.570, y: 0.430  
 Log likelihood = -8091.894 Significance = 0.000

Run # 19, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.623  
 Group # 1 -- t: 0.568, u: 0.249  
 Group # 3 -- 5: 0.501, 6: 0.499  
 Group # 4 -- 7: 0.618, 8: 0.382  
 Group # 5 -- w: 0.569, y: 0.431  
 Log likelihood = -7712.996 Significance = 0.000

Run # 20, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.623  
 Group # 1 -- t: 0.568, u: 0.247  
 Group # 2 -- v: 0.516, z: 0.348  
 Group # 4 -- 7: 0.617, 8: 0.383  
 Group # 5 -- w: 0.574, y: 0.426  
 Log likelihood = -7658.051 Significance = 0.963

Run # 21, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.617  
 Group # 1 -- t: 0.567, u: 0.252  
 Group # 2 -- v: 0.517, z: 0.341  
 Group # 3 -- 5: 0.500, 6: 0.500  
 Group # 5 -- w: 0.571, y: 0.429  
 Log likelihood = -7961.765 Significance = 0.000

Run # 22, 16 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.621  
 Group # 1 -- t: 0.567, u: 0.250  
 Group # 2 -- v: 0.514, z: 0.370

Group # 3 -- 5: 0.500, 6: 0.500  
 Group # 4 -- 7: 0.615, 8: 0.385  
 Log likelihood = -7775.820 Significance = 0.000

Cut Group # 3 with factors 56

----- Level # 3 -----

Run # 23, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.619  
 Group # 2 -- v: 0.515, z: 0.358  
 Group # 4 -- 7: 0.613, 8: 0.387  
 Group # 5 -- w: 0.570, y: 0.430  
 Log likelihood = -8091.926 Significance = 0.000

Run # 24, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.623  
 Group # 1 -- t: 0.568, u: 0.249  
 Group # 4 -- 7: 0.618, 8: 0.382  
 Group # 5 -- w: 0.569, y: 0.431  
 Log likelihood = -7713.006 Significance = 0.000

Run # 25, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.617  
 Group # 1 -- t: 0.567, u: 0.252  
 Group # 2 -- v: 0.517, z: 0.341  
 Group # 5 -- w: 0.571, y: 0.429  
 Log likelihood = -7961.766 Significance = 0.000

Run # 26, 8 cells:  
 Convergence at Iteration 5  
 Input 0.621  
 Group # 1 -- t: 0.567, u: 0.250  
 Group # 2 -- v: 0.514, z: 0.370  
 Group # 4 -- 7: 0.615, 8: 0.385  
 Log likelihood = -7775.820 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 3  
 Best stepping up run: #14  
 Best stepping down run: #20

**ANEXO F – Quadro Expositivo das Opções dos Informantes no Instrumento de Coleta.**

Nome		Sugestão		Sugestão		Sugestão		Outra sugestão		Total
Abel	65	Ab	7	Bel	85	El	3			160
André	53	And	12	Dé	83	Dré	12			160
César	93	Ce	19	Césa	48	Sar	0			160
Cláudio	70	Cláu	67	Cláud	9	Dio	13	Di	1	160
Dirceu	55	Dir	21	Ceu	24	Di	60			160
Gilmar	28	Gil	115	Gi	13	Mar	3	Gilma	1	160
Igor	99	Ig	13	Igo	43	Gor	4			160
Luis	53	Lu	87	Lui	18	Is	2			160
João	81	Jo	76	Ao	0	Oão	3			160
Lúcio	52	Lú	83	Cio	2	Luci	23			160
Janice	15	Jani	83	Nice	57	Ja	5			160
Luciana	7	Luci	39	Ana	25	Lu	89			160
Rosângela	5	Rosa	54	Gela	3	Ro	98			160
Talita	48	Tali	35	Lita	36	Ta	41			160
Vanessa	19	Va	24	Nessa	109	Vane	8			160
Lílian	28	Lili	118	Li	14	Liam	0			160
Paloma	60	Palo	20	Pa	39	Loma	41			160
Patrícia	13	Pati	136	Trícia	7	Pa	4			160
Elenice	27	Ele	15	Nice	105	Ni	12	Elen	1	160
Gabriela	3	Gabi	156	Gabri	151	Ela	0			160
Ana	134	A	3	Na	18	An	5			160
Carla	97	Car	7	Ca	51	La	5			160
Dalva	78	Dal	59	Va	11	Da	12			160
Eva	117	Ev	16	E	4	Va	23			160
Inês	79	In	2	Ine	27	Nes	52			160
Júlia	10	Ju	132	Juli	16	Lia	2			160
Lara	95	Lar	11	La	53	Ra	1			160
Cássia	64	Cá	81	Sia	9	Cas	3	Cassi	3	160
Dilma	51	Dil	32	Di	36	Ma	1			160
Elis	79	E	5	Li	6	Lis	61	Eli (4); El (5); Mílio (1)	10	160
Cassiano	54	Cassi	78	Ano	11	Ca	16			160
Daniel	16	Da	1	Dani	141	Niel	2			160
Emílio	71	Emi	63	Ílio	12	Mi	11	Em	2	160
Eduardo	6	Edu	97	ardo	2	Du	55			160
Ademar	77	Ade	36	Dema	35	Mar	12			160
Bernardo	39	Ber	60	Berna	22	Nardo	30	Be (8); Nado (1)	9	160
Faustino	47	Faus	35	Tino	66	Fa	12			160
Leandro	43	Le	91	Lean	12	andro	14			160
Marcelo	54	Mar	14	celo	86	elo	5	Ma	1	160
Rafael	8	Rafa	138	Ra	1	Fael	13			160
Lorena	59	Lore	51	Ena	8	Lo	42			160
Leticia	35	Leti	2	Tícia	17	Lê	96			160
Isabela	26	Isa	78	Bela	34	Bel	22			160
Ângela	95	Ânge	26	Gela	7	Ge	32			160
Bianca	36	Bi	50	Anca	8	Bia	66			160
Daniela	23	Dani	132	Da	0	Ela	5			160
Fernanda	32	Fer	17	Ferna	1	Nanda	105	Fé	5	160
Heloisa	28	Helo	102	Isa	20	Lo	10			160
Janaína	38	Jana	104	Ína	10	Naina	8			160
Janice	45	Jani	57	Nice	52	Ja	6			160
Alan	109	Al	6	Lan	21	Ala	24			160
Marcos	117	Mar	21	Cos	6	Ma	13	Arcos	3	160
Cléber	94	Clé	30	Ber	6	Éber	30			160

Nome		Sugestão		Sugestão		Sugestão		Outra sugestão		Total
Hélio	97	He	12	Héli	43	Lio	8			160
José	69	Jo	52	Sé	29	Jos	10			160
Joel	72	Jo	41	El	11	Joe	36			160
Paulo	109	Pau	24	Lo	15	Pa	11	Paul	1	160
Celso	92	Cel	31	So	6	Elso	31			160
Bruno	86	Bru	60	No	3	Brun	11			160
Adão	99	Ad	10	Dão	48	Ão	3			160
Ana	130	An	7	Na	18	A	5			160
Carmem	95	Ca	14	Car	28	Mem	23			160
Cleide	69	Clei	54	Cle	28	Ide	9			160
Celma	85	Cel	52	Ma	11	Celm	12			160
Flora	59	Flo	23	Ra	2	Flor	76			160
Célia	61	Cé	15	Lia	23	Céli	60	Cel	1	160
Alba	100	Alb	18	Al	15	Ba	26	A	1	160
Clara	89	Cla	47	Ra	8	Clar	13			160
Hilda	93	Hil	32	Da	11	Hild	24			160
Lais	74	La	43	Ís	16	Lai	27			160
Raimundo	69	Rai	44	Mundo	32	Raimu	15			160
Valdemar	55	Val	38	Valde	56	Mar	11			160
Augusto	57	Augus	7	Gu	6	Gusto	36	Guto	54	160
Diego	71	Di	57	Die	12	Ego	19	Iego	1	160
Gustavo	68	Gus	34	Gusta	23	Tavo	32	Gu	3	160
Felipe	43	Fe	28	Feli	9	Lipe	80			160
Irineu	82	Iri	30	Neu	33	Rine	15			160
Amarílio	78	Ama	18	Rílio	36	Marí	27	Marílio	1	160
Nonato	62	no	8	nato	64	nona	26			160
Edílson	72	Edil	44	Son	13	Di	29	Ed	2	160